

CIDADE DE VIDRO

Tudo começou
com uma ligação
errada...

PAUL AUSTER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Foi um número errado que começou tudo, o telefone tocando três vezes, altas horas da noite, e a voz do outro lado chamando alguém que não morava ali. Bem mais tarde, quando ele já se sentia capaz de refletir sobre as coisas que lhe aconteceram, chegaria à conclusão de que nada era real a não ser o acaso. Mas isso foi muito depois. No início, havia apenas o fato e suas conseqüências. Se aquilo poderia ter um desfecho diferente ou se tudo já estava predeterminado desde a primeira palavra que saiu da boca do desconhecido não é o que está em questão. A questão é a história em si, e não cabe à história dizer se ela significa ou não alguma coisa.

Quanto a Quinn, há pouca coisa para comentar. Quem era, de onde veio e o que fazia não têm muita importância. Sabemos, por exemplo, que tinha trinta e cinco anos de idade. Sabemos que já fora casado, havia sido pai e que sua esposa e seu filho haviam morrido. Sabemos também que era autor de livros. Para ser preciso, sabemos que escrevia romances de mistério. Três obras foram escritas com o nome de William Wilson e ele as concluía à razão de uma por ano, o que lhe rendia dinheiro bastante para viver modestamente em um pequeno apartamento de Nova York. Como não gastava mais do que cinco ou seis meses para escrever um romance, ficava livre o resto do ano para fazer o que bem entendesse. Lia muitos livros, ia a exposições de pintura, ia ao cinema. No verão, assistia aos jogos de beisebol na tevê; no inverno, ia à ópera. Mais do que tudo, porém, gostava de caminhar. Quase todo dia, com sol ou chuva, frio ou calor, saía do seu apartamento para andar pela cidade — nunca para ir a algum lugar determinado, mas simplesmente deixando-se levar por suas pernas.

Nova York era um espaço inesgotável, um labirinto de caminhos intermináveis, e por mais longe que ele andasse, por melhor que conhecesse seus bairros e ruas, a cidade sempre o deixava com a sensação de estar perdido. Perdido não apenas na cidade, mas também dentro de si mesmo. Toda vez que saía para dar uma volta,

tinha a sensação de que estava deixando a si mesmo para trás e, ao se entregar ao movimento das ruas, ao reduzir-se a um olhar observador, ele se descobria apto a fugir da obrigação de pensar, e isso, mais do que qualquer outra coisa, lhe trazia uma certa paz, um saudável vazio interior. O mundo estava fora dele, em volta, à frente, e a velocidade com que o mundo se modificava sem parar tornava impossível para Quinn deter-se em qualquer coisa por muito tempo. O movimento era a chave da questão, o ato de colocar um pé adiante do outro e se abandonar ao fluxo do próprio corpo. Ao caminhar sem rumo, todos os lugares se tornavam iguais e já não importava mais onde estava. Em suas melhores caminhadas, chegava a sentir que não estava em parte alguma. E isso, afinal, era tudo o que sempre pedia das coisas: não estar em lugar nenhum. Nova York era o lugar nenhum que ele havia construído em torno de si mesmo, e Quinn se deu conta de que não tinha a menor intenção de um dia deixá-la outra vez.

No passado, Quinn fora mais ambicioso. Quando jovem, publicara vários livros de poesia, escrevera peças teatrais, ensaios de crítica e trabalhara em algumas traduções extensas. Porém, de maneira um tanto repentina, desistira de tudo isso. Uma parte dele havia morrido, explicava aos amigos, e não queria que ela voltasse para assombrar sua vida. Foi nessa altura que adotou o nome de William Wilson. Quinn já não era mais aquela parte dele capaz de escrever livros e, embora de várias maneiras Quinn continuasse a existir, já não existia mais para ninguém senão para si mesmo.

Continuou a escrever porque era a única coisa que se sentia capaz de fazer. Os romances de mistério pareciam uma solução razoável. Tinha pouco trabalho para inventar as histórias complicadas que o gênero exigia, e escrevia bem, muitas vezes a despeito da própria vontade, como se não tivesse de fazer nenhum esforço. Visto que não se considerava o autor daquilo que escrevia, ele mesmo não se sentia responsável pelos livros e portanto não era compelido a defendê-los em seu íntimo. William Wilson, afinal de contas, era uma invenção e, muito embora houvesse nascido dentro do próprio

Quinn, tinha agora uma vida independente. Quinn o tratava com respeito, às vezes com admiração, mas nunca chegava ao ponto de acreditar que ele e William Wilson fossem o mesmo homem. Era por essa razão que Quinn não se mostrava por trás da máscara do seu pseudônimo. Quinn tinha um agente literário, mas nunca se haviam encontrado. Seus contatos restringiam-se à correspondência e por isso Quinn havia alugado uma caixa postal na agência do correio. O mesmo era verdade para o seu editor, que pagava todos os adiantamentos, honorários e direitos autorais de Quinn por intermédio do agente. Nenhum livro de William Wilson continha uma foto ou uma biografia do autor. William Wilson não constava de nenhum catálogo de escritores, não dava entrevistas e todas as cartas que recebia eram respondidas pela secretária do seu agente. Até onde Quinn sabia, ninguém tinha conhecimento do seu segredo. No começo, quando os amigos souberam que ele havia desistido de escrever, perguntaram como pretendia ganhar a vida. Ele respondia sempre a mesma coisa: que havia herdado uma pensão da esposa. Mas a verdade é que sua mulher nunca tivera dinheiro. E a verdade era que ele já não tinha mais amigos.

Agora já haviam passado mais de cinco anos. Já não pensava muito no filho e só pouco tempo antes retirara a fotografia da mulher da parede. De tempos em tempos, sentia de repente como tinha sido segurar nos braços o menino de três anos — mas isso não era exatamente pensar, nem sequer era lembrar. Tratava-se de uma sensação física, uma marca impressa do passado que havia permanecido no seu corpo, e Quinn não tinha controle sobre ela. Esses momentos ocorriam com menos frequência, agora, e em geral parecia que as coisas haviam começado a mudar para ele. Não desejava mais estar morto. Ao mesmo tempo, não se pode dizer que estivesse contente por estar vivo. Mas pelo menos não se magoava com isso. Estava vivo, e a obstinação desse fato passara pouco a pouco a fasciná-lo — como se Quinn tivesse conseguido sobreviver a si mesmo, como se de algum modo estivesse vivendo uma vida póstuma. Já não dormia mais com a luz acesa e agora já fazia muitos meses que não se lembrava dos seus sonhos.

Era noite. Quinn estava deitado na cama fumando um cigarro, ouvindo a chuva bater na janela. Imaginava quando é que ia parar de chover e se estava com vontade de fazer uma caminhada longa ou uma caminhada curta na manhã seguinte. Um exemplar das Viagens de Marco Polo repousava aberto, virado para baixo, no travesseiro ao seu lado. Desde quando terminara o último romance de William Wilson duas semanas atrás, vinha se sentindo abatido. Seu detetive particular e narrador, Max Work, tinha esclarecido uma complicada cadeia de crimes, havia levado muitas surras e várias vezes escapara por um fio, e Quinn sentia-se um tanto exaurido por suas façanhas. Ao longo dos anos, Work se tornara muito próximo de Quinn. Enquanto William Wilson permanecia uma figura abstrata para ele, Work cada vez mais adquiria vida. Na tríade de egos em que Quinn se transformara, Wilson servia como uma espécie de ventríloquo, o próprio Quinn era o boneco e Work era a voz animada que conferia um propósito àquela empresa. Se Wilson era de fato uma ilusão, justificava no entanto a vida dos outros dois. Se Wilson de fato não existia, era no entanto a ponte que permitia a Quinn passar de si mesmo para Work. E pouco a pouco Work se tornara uma presença na vida de Quinn, seu irmão interior, seu companheiro de solidão.

Quinn pegou o livro de Marco Polo e começou a ler de novo a primeira página. "Vamos assinalar as coisas vistas como vistas, as ouvidas como ouvidas, de tal sorte que nosso livro possa representar um registro preciso, isento de qualquer tipo de invenção. E todos os que lerem este livro ou ouvirem sua leitura poderão fazê-lo com total confiança, porquanto ele nada contém senão a verdade." No instante em que Quinn começava a ponderar o sentido dessas frases, revirar na mente suas afirmações incisivas, o telefone tocou. Bem mais tarde, quando se sentiu capaz de reconstituir os acontecimentos daquela noite, Quinn se lembraria de ter olhado para o relógio, visto que passava da meia-noite e imaginado por que alguém telefonaria àquela hora. Com toda a certeza, pensou, era alguma notícia ruim. Saiu da cama, andou nu até o aparelho e pegou o fone no segundo toque.

— Sim?

Seguiu-se um longo silêncio no outro lado e, por um momento, Quinn achou que a pessoa havia desligado. Então, como se estivesse muito distante, veio o som de uma voz diferente de qualquer outra que ele já tinha ouvido. Era, a um só tempo, mecânica e repleta de sentimento, pouco mais do que um sussurro e contudo perfeitamente audível, de uma entonação tão monocórdia que ele se viu incapaz de dizer se pertencia a uma mulher ou a um homem.

— Alô? — disse a voz.

— Quem fala? — perguntou Quinn.

— Alô? — repetiu a voz.

— Estou ouvindo — disse Quinn. — Quem é?

— É o Paul Auster?—perguntou a voz.—Eu queria falar com o senhor Paul Auster.

— Não tem ninguém aqui com esse nome.

— Paul Auster. Da Agência de Detetives Auster.

— Lamento — disse Quinn. — É engano.

— É um assunto de máxima urgência — insistiu a voz.

— Não posso fazer nada por você — respondeu Quinn. — Não tem nenhum Paul Auster aqui.

— O senhor não está entendendo — disse a voz. — O tempo está se esgotando.

— Nesse caso, sugiro que telefone outra vez. Aqui não é uma agência de detetives.

Quinn desligou o telefone. Ficou ali de pé no chão frio, olhando para os pés, os joelhos, o pênis flácido. Por um instante, lamentou ter se mostrado tão seco com a pessoa no telefone. Podia ser interessante brincar um pouco, pensou. Talvez pudesse ter descoberto alguma coisa acerca do caso — talvez pudesse até ter ajudado de algum modo. “Preciso aprender a raciocinar mais depressa”, disse para si mesmo.

A exemplo da maioria das pessoas, Quinn não sabia quase nada sobre crimes. Nunca havia assassinado ninguém, nunca roubara nada e não conhecia ninguém que tivesse feito isso. Nunca estivera em uma delegacia de polícia, nunca conhecera um detetive particular, nunca conversara com um criminoso. Tudo o que sabia a respeito dessas coisas aprendera em livros, filmes e jornais. Entretanto não considerava que isso representasse uma desvantagem. Para Quinn, o que interessava nas histórias que escrevia não era a sua relação com o mundo, mas a sua relação com as outras histórias. Ainda antes de se transformar em William Wilson, Quinn fora um fanático leitor de romances de mistério. Sabia que, na sua maior parte, eram livros mal escritos, que a maioria não resistiria sequer ao exame mais superficial, mesmo assim era a sua forma que o seduzia e ele só se recusava a ler no caso raro de um livro de mistério indescritivelmente ruim. Enquanto seu gosto para outros livros era rigoroso, exigente ao ponto de se mostrar estreito, em relação aos romances de mistério Quinn não demonstrava quase nenhum discernimento. Quando se achava no estado de ânimo apropriado, não tinha problema para ler dez ou doze deles seguidos. Era uma espécie de fome que se apoderava de Quinn, uma voracidade por um tipo especial de alimento, e ele não parava até que estivesse entupido.

O que gostava nesses livros era o seu sentido de plenitude e economia. No bom livro de mistério, nada é desperdiçado, nenhuma frase, nenhuma palavra que não seja significativa. E ainda que não seja significativa, ela tem o potencial para isso — o que no final dá no mesmo. O mundo do romance se torna vivo, ferve de

possibilidades, com segredos e contradições. Uma vez que tudo o que é visto ou falado, mesmo a coisa mais ligeira e trivial, pode guardar alguma relação com o desfecho da história, nada deve ser negligenciado. Tudo se torna essência; o centro do livro se desloca a cada acontecimento que impele a história para a frente. O centro, portanto, está em toda parte e nenhuma circunferência pode ser traçada antes que o livro chegue ao fim.

O detetive é quem olha, quem ouve, quem se movimenta nesse atoleiro de objetos e fatos, em busca do pensamento, da idéia que fará todas essas coisas se encaixarem e ganharem sentido. Com efeito, o leitor e o detetive são permutáveis. O leitor vê o mundo através dos olhos do detetive, experimentando a proliferação dos detalhes desse mundo como se o visse pela primeira vez.

O leitor desperta para as coisas à sua volta como se elas pudessem falar com ele, como se, em virtude da atenção que agora lhes dedica, elas passassem a ter algum outro significado além do simples fato de existir. Detetive particular, private eye. A expressão em inglês tinha um significado triplo para Quinn. Não era apenas a pronúncia que corresponde à letra "i", em eye, indicando a palavra "investigador", era também o "I" maiúsculo, "Eu", a pequenina vida em botão enterrada no corpo de um eu vivo. Ao mesmo tempo, era o olho físico do escritor, o olho do homem que volta sua atenção para o mundo e quer que o mundo se revele diante dele. Havia cinco anos, agora, Quinn vivia sob o jugo desse trocadilho.

Tinha, é claro, muito tempo atrás, parado de pensar em si mesmo como uma pessoa real. Se ele agora, por pouco que fosse, vivia no mundo, o fazia somente à distância, por intermédio da figura imaginária de MaxWork. Seu detetive tinha necessariamente de ser real. A natureza dos livros exigia isso. Enquanto Quinn se havia permitido apagar-se, retirar-se para os confins de uma vida estranha e hermética, Work por sua vez continuava a viver no mundo dos outros, e quanto mais Quinn parecia se apagar, mais persistente se tornava a presença de Work neste mundo. Enquanto Quinn tendia a

sentir-se deslocado dentro da própria pele, Work se mostrava agressivo, eloqüente, muito à vontade em qualquer lugar onde fosse parar. As mesmas coisas que causavam problemas para Quinn não traziam a menor dificuldade para Work, e ele atravessava a pancadaria das suas aventuras com uma naturalidade e uma indiferença que nunca deixavam de impressionar o seu criador. Não era exatamente que Quinn desejasse ser Work, nem mesmo ser igual a ele, mas o reconfortava fingir que era Work enquanto escrevia seus livros, saber que trazia dentro de si a possibilidade de ser Work, se um dia assim escolhesse, ainda que fosse apenas na sua mente.

Naquela noite, quando afinal se dispôs a dormir, Quinn tentou imaginar o que Work teria dito para o desconhecido ao telefone. No sonho, que mais tarde esqueceu, Quinn se viu sozinho em um quarto, disparando uma pistola na direção de uma parede branca e nua.

Na noite seguinte, Quinn foi apanhado desprevenido. Pensou que o incidente estivesse encerrado e não esperava que o desconhecido ligasse de novo. Aconteceu que estava sentado na privada, em pleno ato de cagar, quando o telefone tocou. Foi um pouco mais tarde do que na noite anterior, talvez dez ou doze minutos para a uma hora. Quinn havia acabado de chegar ao capítulo que relata a viagem de Marco Polo de Pequim para Amoy, e o livro estava aberto no seu colo enquanto ele executava sua função no minúsculo banheiro. O toque da campainha do telefone era uma tremenda chatice. Atender depressa significaria levantar sem se limpar, e Quinn se opunha a sair andando pelo apartamento nessas condições. Por outro lado, se terminasse o que estava fazendo em seu ritmo normal, não conseguiria atender o telefone atempo. Apesar disso, Quinn relutou em se mexer. O telefone não era o seu objeto favorito e mais de uma vez já tinha pensado em se livrar dele. O que mais aborrecia Quinn com relação ao telefone era a sua tirania. Não só tinha o poder de o interromper contra a sua vontade como também, de forma inevitável, Quinn acabava se submetendo à autoridade do

aparelho. Dessa vez, decidiu resistir. No terceiro toque, seus intestinos estavam vazios. No quarto toque, ele conseguira se limpar. No quinto toque, já tinha levantado as calças, saído do banheiro e caminhava tranquilamente para o outro lado do apartamento. Atendeu o telefone no sexto toque, mas não havia ninguém do outro lado da linha. A pessoa tinha desligado.

Na noite seguinte, ele estava pronto. Deitado à vontade na cama, esquadrinhando as páginas de *The Sporting News*, esperava que o desconhecido telefonasse pela terceira vez. A intervalos, quando os nervos tomavam conta dele, Quinn ficava de pé e andava para lá e para cá pelo apartamento. Punha um disco para tocar — a ópera de Haydn *Mondo delia Luna* — e ouvia do início ao fim. Esperando o tempo todo. Às duas e meia, enfim, desistiu e foi dormir.

Esperou na noite seguinte, e na outra também. Quando estava prestes a desistir do seu plano, admitindo que todas as suas suposições estavam erradas, o telefone tocou de novo. Era o dia 19 de maio. Ele se lembrava da data porque era aniversário de casamento dos pais — ou seria, caso os pais estivessem vivos — e sua mãe uma vez lhe disse que ele fora concebido na noite do casamento. Esse fato sempre o fascinara — ser capaz de determinar exatamente o primeiro momento da sua existência —, e ao longo dos anos Quinn, em segredo, havia comemorado seu aniversário nesse dia. Dessa vez foi um pouco mais cedo do que nas duas noites precedentes—ainda não eram onze horas—e, quando levou a mão ao telefone, Quinn pensou que era outra pessoa.

— Alô? — disse ele.

De novo, houve um silêncio do outro lado. Quinn soube no mesmo instante que era o desconhecido.

— Alô? — repetiu. — O que posso fazer por você?

— Sim — respondeu a voz, afinal. O mesmo sussurro mecânico, o mesmo tom desesperado. — Sim. É necessário agora. Sem demora.

- O que é necessário?
- Falar. Neste instante. Falar neste instante. Sim.
- E com quem deseja falar?
- Sempre o mesmo homem. Auster. Aquele que chama a si mesmo Paul Auster.

Dessa vez Quinn não hesitou. Sabia o que ia fazer e, agora que a hora havia chegado, ele fez.

- Pois não — disse Quinn. — É Auster quem está falando.
- Enfim. Enfim encontrei você. — Dava para ouvir o alívio na voz, a serenidade tangível que de repente pareceu dominá-la.
- É verdade — disse Quinn. — Enfim. — Fez uma pausa para deixar que as palavras penetrassem mais fundo, tanto em si mesmo como no outro. — O que posso fazer para ajudá-lo?
- Preciso de ajuda — respondeu a voz. — Há um grande perigo. Dizem que você é o melhor para cuidar dessas coisas.
- Depende de que coisas está falando.
- Estou falando de morte. Estou falando de morte e assassinato.
- Não é exatamente o meu ramo—disse Quinn.—Não saio por aí matando pessoas.
- Não — retrucou a voz com impaciência. — É o contrário.
- Alguém vai matar você?
- Sim, me matar. Isso mesmo. Vou ser assassinado.
- E quer que eu o proteja?

- Proteger-me, sim. E encontrar o homem que quer me matar.
- Não sabe quem é ele?
- Sei, sim. É claro que sei. Mas não sei onde está.
- Pode falar mais a respeito disso?
- Não agora. Não pelo telefone. Há um grande perigo. Você precisa vir aqui.
- Que tal amanhã?
- Certo. Amanhã. Amanhã cedo. De manhã.
- Dez horas?
- Certo. Dez horas. — A voz deu um endereço na rua 69 Leste. — Não esqueça, senhor Auster. O senhor precisa vir.
- Não se preocupe — respondeu Quinn. — Estarei lá.

Na manhã seguinte, Quinn acordou mais cedo do que vinha fazendo havia muitas semanas. Enquanto tomava café, passava manteiga no pão e dava uma olhada no placar das partidas de beisebol no jornal (o Mets tinha perdido de novo, dois a um, por um erro no nono turno), não lhe ocorreu que ia comparecer ao seu encontro marcado. Até mesmo essa expressão, seu encontro marcado, lhe parecia estranha. Não era seu o encontro, era de Paul Auster. E não tinha a menor idéia de quem fosse essa pessoa.

No entanto, à medida que o tempo corria, Quinn se viu fazendo uma boa imitação de um homem que se prepara para sair de casa. Tirou da mesa a louça do café da manhã, jogou o jornal no sofá, entrou no banheiro, tomou banho, fez a barba, foi para o quarto enrolado em duas toalhas, abriu o armário e escolheu as roupas que ia vestir naquele dia. Sentiu vontade de usar paletó e gravata. Quinn não

usava gravata desde o enterro da esposa e do filho, e não conseguia nem lembrar se ainda tinha uma. Mas lá estava ela, pendurada no meio dos destroços do seu guarda-roupa. Desistiu, no entanto, de uma camisa branca por parecer formal demais e, em lugar disso, escolheu uma de tecido xadrez, vermelho e cinzento, para combinar com a gravata cinzenta. Vestiu-se em uma espécie de transe.

Só quando já estava com a mão na maçaneta da porta, Quinn começou a suspeitar do que estava fazendo. "Parece que estou saindo de casa", falou para si mesmo. "Mas se estou saindo, para onde exatamente estou indo?" Uma hora depois, quando saltava do ônibus número 4 na esquina da rua 70 com a Quinta Avenida, Quinn ainda não havia respondido a essa pergunta. De um lado estava o parque, verdejante ao sol da manhã, com sombras aguçadas e fugidias; do outro lado estava o Frick, branco e severo, como se tivesse sido abandonado para os mortos. Quinn pensou um momento no quadro de Vermeer Soldado e menina sorrindo, tentou recordar a expressão do rosto da menina, a posição exata das suas mãos em torno da xícara, as costas vermelhas do homem sem rosto. Em sua mente, Quinn teve um vislumbre do mapa azul na parede e da luz do sol se derramando através da janela, muito semelhante à luz do sol que o envolvia naquele momento. Ele estava caminhando. Atravessando a rua e seguindo para o leste. Na avenida Madison, virou para a direita e seguiu para o sul ao longo de um quarteirão, depois dobrou à esquerda e viu onde estava. "Parece que cheguei", disse para si mesmo. Ficou de pé diante do edifício e aguardou um instante. De repente, já não parecia mais importar. Sentiu uma serenidade extraordinária, como se tudo já tivesse acontecido com ele. Quando abriu a porta que o levaria para o saguão, Quinn dirigiu a si mesmo um último conselho. "Se isto está de fato acontecendo", disse ele, "então é melhor ficar de olhos bem abertos."

Foi uma mulher que abriu a porta do apartamento. Por alguma razão, Quinn não estava esperando por isso e ficou desconcertado. As coisas já estavam acontecendo depressa demais. Antes que tivesse uma chance de assimilar a presença da mulher, uma chance

de descrevê-la para si mesmo e dar forma a suas impressões, ela já estava falando com Quinn, obrigando-o a responder. Portanto, já nesses primeiros momentos, ele havia perdido terreno, começava a ser deixado para trás. Mais tarde, quando teve tempo para refletir sobre esses acontecimentos, Quinn conseguiria reconstituir seu encontro com a mulher. Mas isso era o trabalho da memória, e coisas lembradas, ele sabia, tinham a tendência de subverter as coisas lembradas. Em conseqüência, ele nunca conseguiu ter certeza de nada disso.

A mulher tinha uns trinta e poucos anos, talvez trinta e cinco; altura média, no máximo; quadris um pouquinho largos, ou voluptuosos, dependendo do ponto de vista; cabelo escuro, olhos escuros e, nos olhos, uma expressão ao mesmo tempo reservada e vagamente sedutora. Usava um vestido preto e um batom muito vermelho.

— Senhor Auster? — Um sorriso hesitante; um indagador meneio da cabeça.

— Perfeitamente — respondeu Quinn. — Paul Auster.

— Sou Virginia Stillman — começou a mulher. — Esposa de Peter. Ele está à espera do senhor desde as oito horas.

— O encontro foi marcado para as dez — disse Quinn, dando uma rápida olhada no relógio de pulso. Eram exatamente dez horas.

— Ele anda muito agitado — explicou a mulher. — Nunca o vi assim antes. Mal consegue esperar.

A mulher abriu a porta para Quinn. Quando atravessou a soleira e entrou no apartamento, pôde sentir-se ficando vazio, como se de repente o seu cérebro tivesse desligado. Quinn pretendia guardar os detalhes do que estava vendo, mas essa tarefa de algum modo se revelou acima de suas possibilidades no momento. O apartamento assomou à sua volta como uma espécie de borrão. Percebeu que era amplo, talvez uns cinco ou seis quartos, e que estava

suntuosamente mobiliado, com numerosas obras de arte, cinzeiros de prata e quadros com molduras requintadas nas paredes. Mas isso foi tudo. Nada mais do que uma impressão geral — muito embora Quinn estivesse ali, olhando todas essas coisas com os próprios olhos.

Viu-se sentado em um sofá, sozinho na sala. Lembrou-se agora de que a senhora Stillman lhe dissera para esperar ali enquanto ela ia chamar o marido. Quinn não seria capaz de dizer quanto tempo passara. Sem dúvida, não mais do que um ou dois minutos. Mas a julgar pelo modo como a luz entrava pelas janelas, já parecia ser quase meio-dia. Entretanto não lhe ocorreu olhar seu relógio. O aroma do perfume de Virginia Stillman pairava em torno dele e Quinn pôs-se a imaginar como ela seria sem roupa nenhuma. Em seguida, pensou no que Max Work estaria pensando caso estivesse ali. Resolveu acender um cigarro. Soprou a fumaça no ar da sala. Agradou-o ver a fumaça sair da boca em lufadas, disper-sar-se e assumir novos contornos conforme a luz a atingia.

Ouviu o barulho de alguém entrando na sala atrás dele. Quinn se pôs de pé e virou-se, esperando ver a senhora Stillman. Em vez disso, era um jovem, todo vestido de branco, com o cabelo louro e claro como o de uma criança. De forma insólita, Quinn, num primeiro momento, pensou em seu próprio filho morto. Depois, da mesma forma repentina com que tinha surgido, o pensamento se apagou.

Peter Stillman avançou pela sala e sentou-se em uma poltrona de veludo vermelho diante de Quinn. Não disse uma palavra no trajeto até a poltrona, tampouco deu sinal de notar a presença de Quinn. O ato de se deslocar de um ponto para o outro parecia requerer toda a sua atenção, como se não pensar naquilo que estava fazendo fosse reduzi-lo à imobilidade. Quinn nunca tinha visto ninguém andar desse jeito e no mesmo instante se deu conta de que era a mesma pessoa que havia falado pelo telefone. O corpo agia quase exatamente igual à voz: mecânico, espasmódico, alternando

movimentos lentos e rápidos, severo mas expressivo, como se o funcionamento estivesse fora de controle, sem corresponder muito bem à vontade que se encontrava atrás dele. Parecia que o corpo de Stillman não havia sido usado por muito tempo e todas as suas funções tiveram de ser reaprendidas, desse modo mover-se se tornara um processo consciente, cada movimento era desmembrado em seus submovimentos constituintes, resultando daí que todo fluxo e espontaneidade acabavam se perdendo. Era como olhar uma marionete tentando andar sem os cordões.

Tudo em Peter Stillman era branco. Camisa branca, aberta no pescoço; calça branca, sapato branco, meia branca. Contra a palidez da sua pele, a finura de linho do seu cabelo, o efeito era quase de transparência, como se fosse possível ver as veias azuis através da pele do seu rosto. Esse azul era quase o mesmo dos olhos: um azul leitoso que parecia dissolver-se em uma mistura de céu e nuvens. Quinn não conseguia imaginar-se dirigindo a palavra a essa pessoa. Era como se a presença de Stillman representasse uma ordem para ficar calado.

Stillman se acomodou lentamente na poltrona e por fim voltou a atenção para Quinn. Quando seus olhos se encontraram, Quinn teve de repente a sensação de que Stillman tinha ficado invisível. Podia vê-lo sentado na poltrona a sua frente mas ao mesmo tempo tinha a impressão de que não estava ali. Passou pela sua cabeça que talvez Stillman fosse cego. Mas não, isso não parecia possível. O homem estava olhando para ele, na verdade o examinava com atenção e, se não se via a menor centelha de um reconhecimento no seu rosto, ainda assim havia algo mais do que um olhar apagado. Quinn não sabia o que fazer. Ficou ali parado, mudo, no sofá, olhando de volta para Stillman. Passou um longo tempo.

— Sem perguntas, por favor — disse o jovem, afinal. — Sim. Não. Obrigado. — Fez uma pausa. — Sou Peter Stillman. Estou falando por minha livre e espontânea vontade. Sim. Este não é o meu nome verdadeiro. Não. É claro, minha mente não é tão boa como deveria

ser. Mas nada se pode fazer a respeito. Não. A respeito disso. Não, não. Nunca mais.

“Você fica aí sentado e pensa assim: quem é esse sujeito que está falando comigo? O que são essas palavras saindo da sua boca? Vou lhe explicar. Ou então não vou explicar. Sim e não. Minha mente não é tão boa como deveria ser. Estou falando por minha livre e espontânea vontade. Mas vou tentar. Sim e não. Vou tentar explicar a você, mesmo que minha mente torne tudo difícil. Obrigado.

“Meu nome é Peter Stillman. Talvez tenha ouvido falar de mim, mas provavelmente não ouviu. Não importa. Este não é o meu nome verdadeiro. Não consigo lembrar o meu nome verdadeiro. Me desculpe. Não que isso tenha importância. Quer dizer, agora já não tem mais.

“Isso é o que se chama falar. Creio que o termo é este. Quando as palavras saem, voam no ar, vivem por um instante, e morrem. Esquisito, não é? Eu mesmo não tenho nenhuma opinião. Não e não de novo. Mas mesmo assim existem palavras das quais a gente vai precisar. Existem muitas delas. Muitos milhões, eu acho. Talvez apenas três ou quatro. Me desculpe. Mas hoje estou me sentindo bem. Muito melhor do que de hábito. Se eu conseguir lhe dar as palavras de que você precisa, será uma grande vitória. Obrigado. Um milhão de vezes, obrigado.

“Muito tempo atrás, havia mãe e pai. Não me lembro de nenhum deles. Dizem: a mãe morreu. Quem são, não sei dizer. Me desculpe. Mas é isso que dizem.

“Sem mãe, portanto. Ha, ha. Esta é a minha risada agora, este sacudir de mentirinha a barriga. Ha, ha, ha. O grande pai disse: não faz diferença. Para mim. Quer dizer, para ele. O grande pai, dos músculos grandes, e o estouro, bum, bum, bum. Sem perguntas agora, por favor.

“Digo o que disseram, porque não sei nada. Sou apenas o pobre coitado do Peter Stillman, o garoto que não consegue lembrar. Buu, buu. Sem pé nem cabeça. O bobalhão. Me desculpe. Eles dizem, dizem. Mas o que o coitado do Peter diz? Nada, nada. Nunca mais.

“Havia isso. Escuro. Muito escuro. Escuro, mas muito escuro mesmo. Dizem: esse era o quarto. Como se eu pudesse falar a respeito. O escuro, quer dizer. Obrigado.

“Escuro, escuro. Dizem há nove anos. Nem uma janela. Pobre Peter Stillman. E bum, bum, bum. Os montes de cocô. Os lagos de xixi. Os desmaios. Me desculpe. Tonto e nu. Me desculpe. Obrigado.

“Havia, então, o escuro. Estou contando a você. Tinha comida no escuro, sim, mingau no quarto escuro e silencioso. Ele comia com as mãos. Me desculpe. Quer dizer, Peter comia. E se sou Peter, tanto melhor. Quer dizer, tanto pior. Me desculpe. Sou Peter Stillman. Este não é o meu nome verdadeiro. Obrigado.

“Pobre Peter Stillman. Era um garotinho. Mal conhecia algumas poucas palavras. E depois sem palavras, e depois nenhuma palavra, e depois não, não, não. Nunca mais.

“Me desculpe, senhor Auster. Vejo que estou deixando o senhor triste. Sem perguntas, por favor. Meu nome é Peter Stillman. Este não é o meu nome verdadeiro. Meu nome verdadeiro é senhor Triste. Qual é o seu nome, senhor Auster? Talvez o senhor seja o verdadeiro senhor Triste e eu não seja ninguém.

“Buu, buu. Me desculpe. Este é o meu choro e o meu soluço. Buu, buu, snif, snif. O que fez Peter naquele quarto? Ninguém sabe dizer. Alguns não dizem nada. Quanto a mim, acho que Peter não podia pensar. Ele comeu? Ele bebeu? Ele fedeu? Ha, ha, ha. Me desculpe. Às vezes sou muito gozado.

“Estalo-de-broca mói-farelos bilu-bilu. Estala estala o estrado da cama. Som abafado, rói-casca masca-maná. Ai, ai, ai. Me desculpe.

Sou o único que compreende essas palavras.

“Depois e depois e depois. Assim dizem eles. Continuei durante muito tempo para que Peter ficasse bom da cabeça. Nunca mais. Não, não, não. Dizem que alguém me descobriu. Eu não lembro. Não, eu não lembro o que aconteceu quando abriram a porta e a luz entrou. Não, não, não. Nada posso dizer sobre tudo isso. Nunca mais.

“Por um longo tempo, usei óculos escuros. Eu tinha doze anos. Pelo menos, é o que dizem. Vivia em um hospital. Pouco a pouco, me ensinaram a ser Peter Stillman. Disseram: você é Peter Stillman. Obrigado, respondi. Ai, ai, ai. Obrigado e obrigado, respondi.

“Peter era um bebê. Tinham de ensinar tudo para ele. Como andar, você sabe. Como comer. Como fazer cocô e fazer xixi na privada. Isso não foi ruim. Mesmo quando eu batia neles, não faziam o bum, bum, bum. Mais tarde, parei até de rasgar minhas roupas.

“Peter era um bom garoto. Mas era difícil lhe ensinar palavras. Sua boca não funcionava direito. E, é claro, sua cabeça não era cem por cento. Bá, bá, bá, dizia ele. E dá, dá, dá. E vá, vá, vá. Me desculpe. Levou anos e anos. Então dizem para o Peter: agora você pode ir, não tem mais nada que possamos fazer por você. Peter Stillman, você é um ser humano, eles disseram. É bom acreditar no que os médicos dizem. Obrigado. Muito obrigado.

“Sou Peter Stillman. Este não é o meu nome verdadeiro. Meu nome verdadeiro é Peter Coelho. No inverno, sou o senhor Branco, no verão, o senhor Verde. Pense o que bem entender sobre isso. Estou falando por minha livre e espontânea vontade. Estalo-de-broca mói-farelos bilu-bilu. É lindo, não é? Fico montando palavras assim o tempo todo. Não posso evitar. Elas simplesmente saem da minha boca por si mesmas. Não podem ser traduzidas.

“Pergunte, pergunte. Não vai adiantar. Mas vou contara você. Não quero ser triste, senhor Auster. Você tem uma caramuito boa. Me

lembra um suspiro ou alguma outra coisa. Não sei o quê. E seus olhos me olham. Sim, sim. Posso vê-los. Isso é muito bom. Obrigado.

“É por isso que vou contar a você. Sem perguntas, por favor. Você deve estar imaginando como será o resto. Quer dizer, o pai. O pai terrível que fez todas essas coisas com o pequeno Peter.

Fique tranqüilo. Eles o levaram para um lugar escuro. Trancaram a porta e o deixaram lá dentro. Ha, ha, ha. Me desculpe. Às vezes sou muito gozado.

“Treze anos, disseram. Talvez isso seja muito tempo. Mas nada sei do tempo. Sou novo a cada dia. Nasço quando acordo de manhã, envelheço no correr do dia e morro à noite quando vou dormir. Não é culpa minha. Hoje estou me sentindo muito bem. Estou muito melhor do que jamais estive.

“Durante treze anos o pai ficou longe. O nome dele também é Peter Stillman. Esquisito, não é? Que duas pessoas possam ter o mesmo nome. Não sei se é o seu nome verdadeiro. Mas não acho que ele seja eu. Nós dois somos Peter Stillman. Mas Peter Stillman não é o meu nome verdadeiro. Portanto talvez eu não seja Peter Stillman, afinal de contas.

“Treze anos, eu dizia. Ou eles diziam. Não faz diferença. Nada sei do tempo. Mas é isso o que me dizem. Amanhã chegam ao fim os treze anos. Isso é ruim. Mesmo que digam que não, isso é ruim. Não tenho de lembrar. Mas de vez em quando lembro, apesar do que digo.

“Ele virá. Quer dizer, o pai virá. E vai tentar me matar. Obrigado. Mas não quero isso. Não, não. Nunca mais. Peter agora vive. Sim. A cabeça dele não funciona muito bem, mesmo assim ele vive. E isso não é de se jogar fora, não é mesmo? Pode apostar o seu último centavo. Ha, ha, ha.

“Sou agora sobretudo um poeta. Todo dia sento no meu quarto e escrevo um novo poema. Invento eu mesmo todas as palavras, do mesmo jeito que fazia quando vivia no escuro. Começo a lembrar as coisas desse modo, finjo que estou de volta no escuro, outra vez. Sou o único que sabe o que as palavras querem dizer. Elas não podem ser traduzidas. Esses poemas vão me tornar famoso. Acertar na mosca. Ai, ai, ai. Poemas lindos. Tão lindos que o mundo inteiro vai chorar.

“Mais tarde, talvez, farei uma outra coisa. Afinal, já sou um poeta completo. Mais cedo ou mais tarde, minhas palavras vão acabar, entende? Todo mundo tem tantas palavras dentro de si. E aí então onde é que eu vou parar? Acho que gostaria de ser bombeiro, depois de tudo isso. E depois, médico. Não importa. A última coisa que vou ser é um equilibrista na corda bamba. Quando eu for muito velho e tiver, enfim, aprendido a andar como as outras pessoas. Aí então vou dançar na corda bamba e as pessoas vão ficar admiradas. Até as criancinhas. É disso que eu gostaria. Dançar na corda bamba até morrer.

“Mas não importa. Não faz diferença. Para mim. Como pode ver, sou um homem rico. Não tenho com que me preocupar. Não, não. Não quanto a isso. Pode apostar seu último centavo. O pai era rico e o pequeno Peter ficou com todo o dinheiro dele depois que o trancaram no escuro. Ha, ha, ha. Me desculpe por rir. Às vezes sou bem gozado.

“Sou o último dos Stillman. Era uma senhora família, pelo menos é o que dizem. Da antiga Boston, caso você tenha ouvido falar. Sou o último deles. Não há outros. Sou o fim de todo o mundo, o último homem. Tanto melhor, eu acho. Não é uma pena que tudo tenha de terminar agora. É bom para todo mundo estar morto.

“O pai talvez não fosse mau, na verdade. Pelo menos é o que digo agora. Tinha uma cabeça grande. Grande, mas grande mesmo, o que quer dizer que tinha muito espaço lá dentro. Tantos

pensamentos naquela cabeçorra. Mas coitado do Peter, não é mesmo? Estava em papos-de-aranha. Peter, que não conseguia ver nem falar, que não conseguia pensar nem agir. Peter, que não conseguia. Não. Não conseguia nada.

“Nada sei de nada disso. Nem entendo. Minha esposa é que me conta essas coisas. Diz que para mim é importante saber, mesmo que eu não entenda. Para saber, a gente tem de entender. Não é isso? Mas não sei nada. Talvez eu seja Peter Stillman, talvez não seja. Meu nome verdadeiro é Peter Ninguém. Obrigado. E o que você acha disso?”

“Mas então estou falando a respeito do pai. É uma boa história, mesmo que eu não entenda. Posso contar a você porque conheço as palavras. E isso é uma coisa boa, não é? Conhecer as palavras, quero dizer. Às vezes tenho tanto orgulho de mim mesmo! Me desculpe. É isso que minha esposa diz. Ela diz que o pai falava sobre Deus. É uma palavra engraçada para mim. Quando a gente lê de trás para frente, pronuncia cão.¹ E um cachorro não se parece muito com Deus, não é? Au, au, au. Arf, arf. Essas são palavras de cão. Acho que são ótimas. Tão bonitas e verdadeiras. Como as palavras que eu invento.

“Em todo caso. Eu estava dizendo. O pai falava sobre Deus. Ele queria saber se Deus tinha um idioma. Não me pergunte o que isso quer dizer. Só estou contando a você porque conheço as palavras. O pai achava que um bebê conseguiria falar sozinho se não visse pessoa nenhuma. Mas que bebê ele tinha à mão? Ah. Agora você está começando a entender. Não era preciso comprar um bebê. É claro, Peter sabia algumas palavras das pessoas. Isso era inevitável. Mas o pai achou que Peter talvez fosse esquecer essas palavras. Depois de um tempo. É por isso que tinha tantos bum, bum, bum. Toda vez que Peter dizia uma palavra, seu pai vinha com bum para cima dele. Afinal Peter aprendeu a não falar nada. Ai, aí, ai. Obrigado.

“Peter guardava as palavras dentro dele. Durante todos aqueles dias e meses e anos. Ali no escuro, o pequeno Peter completamente sozinho, as palavras faziam barulho na sua cabeça e lhe faziam companhia. É por isso que a sua boca não funciona direito. Pobre Peter. Buu, buu. Estas são suas lágrimas. O garotinho que nunca pode crescer.

“Agora Peter pode falar que nem gente. Mas ainda tem na cabeça as outras palavras. São o idioma de Deus, e mais ninguém consegue falar essa língua. Elas não podem ser traduzidas. É por isso que Peter vive tão perto de Deus. É por isso que é um poeta famoso.

“Tudo é tão bom para mim agora. Posso fazer o que bem entender. A qualquer hora, em qualquer lugar. Tenho até uma esposa. Você pode ver isso. Já mencionei antes. Talvez você a tenha encontrado, já. É linda, não é? Seu nome é Virginia. Não é o seu nome verdadeiro. Mas isso não importa. Para mim.

“Sempre que peço, minha mulher arranja uma garota para mim. São piranhas. Meto nelas minha minhoca e elas gemem. F oram tantas .Ha, ha.Sobem até aqui e eu como todas elas. É gostoso trepar. Virginia lhes dá dinheiro e todo mundo fica feliz. Pode apostar seu último centavo. Ha, ha.

“Pobre Virginia. Ela não gosta de trepar. Quer dizer, comigo. Talvez ela trepe com outra pessoa. Quem sabe? Não sei nada sobre isso. Não importa. Mas, talvez, se você for bom com Virginia ela deixe você trepar com ela. Isso me faria feliz. Por você. Obrigado.

“Portanto. Existem muitas e muitas coisas. Estou tentando contá-las para você. Sei que não estou muito certo da cabeça. Isso é verdade, é sim, e digo por minha livre e espontânea vontade que às vezes fico só gritando sem parar. Sem nenhum motivo razoável. Como se tivesse de existir um motivo. Mas por nenhum motivo que eu possa ver. Nem eu nem ninguém. Não. E também tem as vezes em que fico sem falar nada. Durante dias e dias sem fim. Nada, nada, nada.

Esqueço como fazer as palavras saírem da minha boca. Então para mim é difícil me mover. Ai, ai. E até ver. É nessas horas que viro o senhor Triste.

“Ainda gosto de ficar no escuro. Pelo menos, às vezes. Me faz bem, eu acho. No escuro, falo o idioma de Deus e ninguém pode me escutar. Não fique zangado, por favor. Não consigo evitar.

“O melhor de tudo é que tem o ar. Sim. E pouco a pouco aprendi a viver dentro dele. O ar e a luz, sim, isso também, a luz que brilha sobre todas as coisas e as coloca ali para os meus olhos verem. Tem o ar e a luz, e isso é o melhor de tudo. Me desculpe. O ar e a luz. Sim. Quando o tempo está bom, gosto de sentar junto à janela aberta. Às vezes olho para fora e vejo as coisas lá embaixo. A rua e todo mundo, os cães e os carros, os tijolos e os prédios do outro lado da rua. E tem também as vezes em que fecho os olhos e apenas fico ali parado, com a brisa soprando no rosto e a luz dentro do ar, tudo à minha volta e bem na frente dos meus olhos, e o mundo todo vermelho, um vermelho lindo dentro dos meus olhos, com o sol brilhando sobre mim e nos meus olhos.

“É verdade que raramente saio de casa. É difícil para mim, e nem sempre se pode confiar em mim. Às vezes grito. Não fique zangado comigo, por favor. Não posso evitar. Virginia diz que preciso aprender como me comportar direito em público. Mas às vezes não consigo me controlar e os gritos simplesmente saem de mim.

“Mas adoro ir ao parque. Tem as árvores, o ar e a luz. Existe uma coisa boa em tudo isso, não é? Sim. Pouco a pouco, vou ficando melhor, por dentro. Dá para sentir. Até o doutor Wyshnegradsky diz isso. Sei que ainda sou o mesmo garoto marionete. Não se pode fazer nada. Não, não. Nunca mais. Mas às vezes acho que no final vou crescer e me tornar real.

“Por enquanto, ainda sou Peter Stillman. Este não é o meu nome verdadeiro. Não sei dizer quem serei amanhã. Cada dia é novo, e a

cada dia nasço outra vez. Vejo a esperança em toda parte, mesmo no escuro e, quando morrer, talvez me torne Deus.

“Existem muitas outras palavras para falar. Mas não creio que eu vá dizê-las. Não. Não hoje. Minha boca está cansada, agora, e acho que chegou a hora de ir. É claro, nada sei do tempo. Mas isso não importa. Para mim. Muito obrigado. Sei que o senhor vai salvar minha vida, senhor Auster. Conto com o senhor. A vida pode durar tanto tempo, sabe? Tudo o mais está no quarto, com a escuridão, com o idioma de Deus, com os gritos. Aqui estou no ar, uma coisa excelente para a luz brilhar. Talvez o senhor se lembre disso. Sou Peter Stillman. Este não é o meu nome verdadeiro. Muito obrigado.”

O discurso chegou ao fim. Quanto tempo havia demorado, Quinn não sabia dizer. Pois só agora, depois que as palavras cessaram, deu-se conta de que estavam no escuro. Ao que parece, um dia inteiro tinha passado. Em algum momento durante o monólogo de Stillman, o sol se pusera na sala, mas Quinn não havia percebido. Agora podia sentir a escuridão e o silêncio, e sua cabeça zunia com essas duas coisas. Muitos minutos passaram. Quinn achou que talvez fosse sua obrigação falar alguma coisa agora, mas não conseguia ter certeza. Podia ouvir a respiração arfante de Peter Stillman, em seu posto, do outro lado da sala. Afora isso, não havia ruído algum. Quinn não conseguia decidir o que fazer. Pensou em várias possibilidades, mas então, uma por uma, ele as afastou de sua mente. Ficou ali sentado à espera de que acontecesse alguma coisa.

O ruído de pernas revestidas de meias movendo-se através da sala enfim rompeu o silêncio. Soou o estalido metálico de um interruptor e de repente a sala ficou repleta de luz. Os olhos de Quinn automaticamente voltaram-se para a fonte do ruído e ali, de pé ao lado de um abajur de mesa, à esquerda da poltrona de Peter, ele viu Virginia Stillman. O jovem Peter estava olhando fixo para a frente, como se tivesse adormecido de olhos abertos. A senhora Stillman

curvou-se, pôs o braço em torno do ombro de Peter e falou suavemente em seu ouvido.

—Agora está na hora, Peter — disse ela. — A senhora Saavedra está à sua espera.

Peter ergueu os olhos para a esposa e sorriu.

— Estou cheio de esperança — disse ele.

Virginia Stillman beijou o marido, com carinho, no rosto.

— Diga adeus ao senhor Auster — pediu Virginia.

Peter ficou de pé. Ou melhor, começou a triste e vagarosa aventura de manobrar seu corpo para fora da poltrona e pelejar para ficar de pé sozinho. A cada etapa, havia retrocessos, contorções, recuos de catapulta, acompanhados por repentinos acessos de imobilidade, grunhidos, palavras cujo sentido Quinn não conseguia decifrar.

Enfim, Peter conseguiu se colocar ereto. Estava de pé diante da sua poltrona com uma expressão de triunfo no rosto e fitava Quinn direto nos olhos. Então abriu um sorriso largo e espontâneo.

— Até logo — disse ele.

— Até logo, Peter — respondeu Quinn.

Peter fez um pequeno e espasmódico aceno de mão e depois, lentamente, virou-se e caminhou através da sala. Claudicava ao andar, inclinando-se primeiro para a direita, depois para a esquerda, suas pernas alternadamente se dobrando e travando. No fundo da sala, de pé em uma porta iluminada, estava a mulher de meia-idade com um uniforme branco de enfermeira. Quinn presumiu que fosse a senhora Saavedra. Quinn seguiu Peter Stillman com os olhos até que o jovem desapareceu através da porta.

Virginia Stillman sentou-se diante de Quinn, na mesma poltrona que seu marido havia ocupado.

— Eu podia ter poupado o senhor de tudo isso — disse ela —, mas achei que seria melhor ver com os próprios olhos.

— Compreendo — respondeu Quinn.

— Não, acho que não compreende — retrucou a mulher com secura.

— Não creio que ninguém possa compreender.

Quinn sorriu com ar judicioso e depois disse a si mesmo para ir fundo de uma vez.

— Seja lá o que for que compreendi ou não — disse ele —, com certeza não é isso o que interessa. A senhora me contratou para fazer um serviço, e quanto antes eu der cabo do assunto, melhor. Pelo que soube, o caso é urgente. Não pretendo convencer ninguém de que compreendo a situação de Peter ou o que vocês devem ter sofrido. O importante é que estou disposto a ajudar. Acho que a senhora deve aceitar isso nesses termos.

Quinn estava se animando, agora. Algo lhe dizia que havia encontrado o tom correto e uma repentina sensação de prazer inundou-o, como se ele tivesse acabado de atravessar alguma fronteira interior no fundo de si mesmo.

— O senhor tem razão — respondeu Virginia Stillman. — É claro que tem razão.

A mulher fez uma pausa, respirou fundo e depois ficou parada de novo, como se estivesse ensaiando mentalmente as coisas que diria em seguida. Quinn reparou que as mãos dela seguravam firme a ponta dos braços da poltrona.

— Sei — prosseguiu Virginia — que quase tudo o que Peter diz é muito confuso, sobretudo na primeira vez em que o ouvimos falar.

Eu estava de pé no quarto ao lado escutando o que ele lhe dizia. O senhor não deve tomar como seguro que Peter diga sempre a verdade. Por outro lado, seria um engano pensar que ele mente.

— Quer dizer que devo acreditar em algumas coisas e não acreditar em outras.

— É exatamente isso que quero dizer.

— Os hábitos sexuais da senhora, ou a ausência deles, não me dizem respeito, senhora Stillman — disse Quinn. — Mesmo que Peter tenha dito a verdade, não faz diferença. No meu ramo, a gente se acostuma a encontrar todo tipo de coisa, e se a gente não aprende a deixar em suspenso nossa faculdade de julgar, acaba não chegando a lugar nenhum. Estou habituado a ouvir os segredos das pessoas e também estou habituado a ficar de boca fechada. Se um determinado fato não exerce nenhuma influência direta em um caso, ele não me serve de nada.

A senhora Stillman corou.

— Eu só queria que o senhor soubesse que o que Peter disse não é verdade.

Quinn deu de ombros, pegou um cigarro e acendeu.

— De um jeito ou de outro—disse ele —, não tem importância. O que me interessa são as outras coisas que Peter falou. Suponho que sejam verdadeiras e, se são mesmo, eu gostaria de ouvir o que a senhora tem a'dizer a respeito.

— Sim, são verdadeiras. —Virginia Stillman soltou os dedos que agarravam o braço da poltrona e pôs a mão direita embaixo do queixo. Pensativa. Como se procurasse uma postura de inabalável honestidade.—Peter tem um modo infantil de contar as coisas. Mas o que ele diz é verdade.

— Me diga alguma coisa sobre o pai. Qualquer coisa que achar pertinente.

— O pai de Peter é um Stillman de Boston. Tenho certeza de que já ouviu falar do nome dessa família. Houve vários governadores no século XIX, um punhado de bispos da igreja episcopal, embaixadores, um reitor de Harvard. Ao mesmo tempo, a família ganhou bastante dinheiro em atividades têxteis, no ramo da navegação e Deus sabe no que mais. Os detalhes não importam. É apenas para o senhor ter uma idéia dos antecedentes da família.

“O pai de Peter foi para Harvard, como todo mundo na família. Estudou filosofia e religião e, segundo todas as informações, foi um aluno brilhante. Redigiu sua tese sobre as interpretações teológicas do Novo Mundo nos séculos xvi e xvii e depois conseguiu um emprego no departamento de religião da Universidade de Columbia. Pouco tempo depois, casou com a mãe de Peter. Não sei muito sobre ela. Pelas fotos que vi, era muito bonita. Mas frágil, um pouco como Peter, com esses pálidos olhos azuis e a pele branca. Quando Peter nasceu, alguns anos depois, a família estava morando em um apartamento grande em Riverside Drive. A carreira acadêmica de Stillman estava progredindo. Reescreveu sua dissertação e a transformou em um livro—muito bem acolhido—e foi nomeado professor titular com trinta e quatro ou trinta e cinco anos. Então a mãe de Peter morreu. Tudo em relação a essa morte é obscuro. Stillman alegou que ela havia morrido enquanto dormia, mas os indícios pareciam apontar para um suicídio. Algo a ver com uma superdose de pílulas, mas é claro que nada pôde ser provado. Correu até o rumor de que ele a havia matado. Mas não passava de um rumor e não deu em nada. O caso todo foi bem abafado.

“Peter tinha só dois anos na época, uma criança absolutamente normal. Após a morte da esposa, Stillman aparentemente tinha pouco a ver com o filho. Uma babá foi contratada e, durante os seis meses seguintes mais ou menos, ela cuidou de tudo o que dizia respeito a Peter. Então, sem mais nem menos, Stillman a mandou

embora. Esqueci seu nome... senhora Barber, eu creio... mas ela testemunhou no julgamento. Parece que Stillman simplesmente entrou em casa um dia e declarou que ele mesmo ia se incumbir da criação de Peter. Mandou seu pedido de demissão para a Universidade de Columbia e lhes disse que estava deixando a universidade a fim de se dedicar em tempo integral ao seu filho. Dinheiro, é claro, não era problema, e não havia nada que se pudesse fazer.

“Depois disso, ele mais ou menos desapareceu de vista. Continuou morando no mesmo apartamento, mas raramente saía. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu. Acho que ele provavelmente começou a acreditar em algumas idéias religiosas estapafúrdias sobre as quais havia escrito. Isso o deixou perturbado, completamente louco. Não há outro jeito de descrevê-lo. Trancou Peter em um quarto no apartamento, cobriu as janelas e o manteve ali assim durante nove anos. Tente só imaginar, senhor Auster. Nove anos. Uma infância inteira passada no escuro, isolado do mundo, sem nenhum contato humano a não ser uma surra de vez em quando. Vivo em companhia do resultado dessas experiências e posso assegurar ao senhor que o malefício foi monstruoso. O que o senhor viu hoje foi Peter em sua melhor forma. Levou treze anos para chegar a esse ponto e ainda que me matem não vou deixar que alguém faça mal a ele de novo.”

A senhora Stillman parou para tomar fôlego. Quinn sentiu que ela estava à beira de uma crise e bastaria mais uma só palavra para empurrá-la pela ribanceira. Agora era a vez de Quinn falar, caso contrário ele perderia as rédeas da conversa.

— Como é que Peter foi enfim descoberto? — perguntou.

Um pouco da tensão se esvaiu da mulher. Ela soltou o ar dos pulmões de maneira audível e fitou Quinn nos olhos.

— Houve um incêndio — respondeu.

— Um incêndio acidental ou proposital?

— Ninguém sabe.

— O que a senhora acha?

— Acho que Stillman estava no seu escritório. Mantinha ali os registros da sua experiência e acho que ele, enfim, compreendeu que seu trabalho fora um fracasso. Não estou dizendo que tenha se arrependido de nada do que havia feito. Mas, mesmo segundo os seus próprios critérios, sabia que tinha fracassado. Creio que alcançou um ponto definitivo de insatisfação consigo mesmo naquela noite e resolveu queimar seus escritos. Mas o fogo fugiu do controle e boa parte do apartamento se incendiou. Felizmente, o quarto de Peter ficava na extremidade oposta de um longo corredor e os bombeiros chegaram a ele em tempo.

— E depois?

— Levou muitos meses para compreender tudo. Os escritos de Stillman tinham sido destruídos, o que significava que não havia nenhuma prova concreta. Por outro lado, havia o estado geral de Peter, o quarto em que fora trancado, aquelas tábuas horrendas pregadas nas janelas e no final a polícia conseguiu reconstituir o caso inteiro. Stillman foi finalmente levado a julgamento.

— O que aconteceu no tribunal?

— Stillman foi considerado demente e encaminhado para tratamento.

— E Peter?

— Também foi enviado para um hospital. Ficou lá até dois anos atrás.

— Foi aí que a senhora o conheceu?

- Sim, no hospital.
- Como?
- Eu era sua fonoaudióloga. Exercitei Peter todos os dias durante cinco anos.
- Não quero me intrometer. Mas exatamente como isso acabou em casamento?
- É complicado.
- Se importa de me contar?
- Na verdade, não. Mas não creio que o senhor vá compreender.
- Só há um jeito de descobrir.
- Bem, para simplificar as coisas. Era a melhor maneira de tirar Peter do hospital e lhe dar uma oportunidade de levar uma vida normal.
- A senhora não poderia ter sido designada sua tutora legal?
- Os trâmites eram muito complicados. Além do mais, Peter já não era menor de idade.
- Isso não foi um enorme sacrifício da sua parte?
- Não exatamente. Já fui casada antes... um desastre. Não é uma coisa que eu deseje enfrentar outra vez. Pelo menos, com Peter, minha vida tem um propósito.
- É verdade que Stillman vai ser solto?
- Amanhã. Vai desembarcar na estação Grand Central, à noite.

— E a senhora tem a sensação de que ele pode vir atrás de Peter. É só um palpite ou existe alguma prova?

— Um pouco das duas coisas. Dois anos atrás, iam deixar Stillman sair. Mas ele escreveu uma carta para Peter e eu a mostrei para as autoridades. Resolveram que não estava pronto para ser solto, afinal.

— Que tipo de carta era essa?

— Uma carta demente. Chamava Peter de menino encapeta-do e disse que chegaria o dia do ajuste de contas.

— Ainda tem a carta com a senhora?

— Não. Entreguei à polícia dois anos atrás.

— Uma cópia?

— Lamento. Acha que é importante?

— Pode ser.

— Posso tentar conseguir uma cópia para o senhor, se quiser.

— Suponho que não tenha havido mais cartas depois dessa.

— Nenhuma outra carta. E agora eles acham que Stillman está

pronto para ser libertado. É a opinião da justiça, pelo menos, e não há nada que eu possa fazer para detê-los. O que acho, no entanto, é que Stillman simplesmente aprendeu sua lição. Viu que cartas e ameaças o manteriam lá, preso.

— E assim a senhora ainda está preocupada.

— É isso mesmo.

- Mas não tem nenhuma idéia precisa de quais possam ser os planos de Stillman.
- Exatamente.
- O que quer que eu faça?
- Quero que o vigie com cuidado. Quero que descubra o que pretende. Quero que o mantenha longe de Peter.
- Em outras palavras, uma espécie de segurança de luxo.
- Creio que sim.
- Acho que deve compreender que não posso impedir Stillman de vir a este prédio. O que posso fazer é adverti-lo a respeito. E posso procurar vir aqui com ele.
- Entendo. Assim já é uma proteção.
- Certo. Quantas vezes quer que eu faça contato?
- Gostaria que me apresentasse um relatório todos os dias. Digamos, um telefonema de noite, por volta das dez ou onze horas.
- Muito bem.
- Mais alguma coisa?
- Só mais algumas perguntas. Tenho curiosidade, por exemplo, de saber como conseguiu descobrir que Stillman ia desembarcar na estação Grand Central amanhã à noite.
- Era minha obrigação descobrir isso, senhor Auster. Há coisas demais em jogo aqui para que eu deixe tudo correr ao sabor do acaso. E se Stillman não for seguido desde o momento em que desembarcar, pode facilmente desaparecer sem deixar vestígios. Não quero que isso aconteça.

- Em que trem ele virá?
- No das seis e quarenta e um, vindo de Poughkeepsie.
- Suponho que tenha uma foto de Stillman.
- Sim, é claro.
- Há também uma pergunta a respeito de Peter. Eu gostaria de saber por que, afinal de contas, a senhora lhe contou tudo a respeito dessas coisas. Não teria sido melhor esconder dele o assunto?
- Eu queria. Mas calhou de Peter estar escutando na extensão do telefone quando recebi a notícia da libertação do seu pai. Não havia nada que eu pudesse fazer. Peter pode se mostrar muito teimoso e aprendi que é melhor não mentir para ele.
- Uma última pergunta. Quem foi que recomendou meu nome à senhora?
- O marido da senhora Saavedra, Michael. Ele era da polícia e apurou algumas informações. Descobriu que o senhor era o melhor homem na cidade para esse tipo de coisa.
- Estou lisonjeado.
- A julgar pelo que eu soube a seu respeito, senhor Auster, tenho certeza de que encontramos o homem certo.

Quinn interpretou isso como a deixa para se levantar. Foi um alívio poder esticar as pernas, afinal. Tudo havia corrido bem, muito melhor do que esperava, mas agora sua cabeça doía e seu corpo pesava com um cansaço que não experimentava fazia anos. Se precisasse continuar ali, tinha certeza de que ia acabar se desmascarando.

— Meus honorários são cem dólares por dia mais despesas — disse ele. — Se pudesse me dar alguma coisa a título de adiantamento seria uma prova de que estou trabalhando para a senhora, o que asseguraria para nós dois um relacionamento especial do tipo investigador-cliente. Isso significa que tudo o que se passar entre nós será estritamente confidencial.

Virginia Stillman sorriu, como se fosse de alguma piada secreta que só ela conhecesse. Ou talvez estivesse apenas reagindo ao possível duplo sentido da sua última frase. A exemplo de muitas coisas que aconteceram com ele no correr dos dias e semanas que se seguiram, Quinn não conseguiu ter uma idéia precisa a respeito disso.

— Quanto gostaria de ganhar? — perguntou ela.

— Não importa a quantia. Deixo por sua conta.

— Quinhentos?

— Seria mais do que o bastante.

— Ótimo. Vou pegar meu talão de cheques. — Virginia Stillman se levantou e sorriu de novo para Quinn. — Vou lhe trazer também uma foto do pai de Peter. Acho que sei onde está.

Quinn agradeceu a ela e disse que ia esperar. Observou-a deixar a sala e mais uma vez se viu imaginando como seria Virginia sem roupa. Estaria ela de algum modo querendo seduzi-lo, refletiu Quinn, ou era apenas sua própria mente que tentava sabotá-lo outra vez? Resolveu adiar suas reflexões e retomar o assunto mais tarde.

Virginia Stillman voltou para a sala e disse:

— Aqui está o cheque. Espero ter preenchido direito.

Sim, sim, pensou Quinn enquanto examinava o cheque, tudo em ordem. Estava encantado com a própria esperteza. O cheque, é

claro, era nominal a Paul Auster, o que significava que Quinn não poderia ser acusado de se fazer passar por um detetive particular sem licença. Sentiu-se tranqüilizado por saber que havia, de algum modo, saído daquilo tudo sem se incriminar. O fato de nunca poder sacar o cheque não o incomodava. Compreendia, mesmo então, que não estava fazendo nada daquilo por dinheiro. Enfiou o cheque no bolso interno do paletó, na altura do peito.

— Lamento não dispor de uma foto mais recente — Virginia Stillman explicou. — Esta fotografia é de mais de vinte anos atrás. Mas receio que é o melhor que eu posso arranjar.

Quinn olhou para a foto do rosto de Stillman, à espera de uma repentina epifania, do repentino afluxo de um conhecimento subterrâneo que o ajudaria a compreender o homem. Mas o retrato nada lhe dizia. Não passava da fotografia de um homem. Examinou-a por um momento um pouco mais demorado e concluiu que poderia perfeitamente ser qualquer pessoa.

— Vou examinar com mais cuidado quando chegar em casa — disse ele, colocando a foto no mesmo bolso para onde tinha ido o cheque. — Levando em conta a passagem do tempo, tenho certeza de que conseguirei reconhecê-lo na estação, amanhã.

— Assim espero — disse Virginia Stillman. — É terrivelmente importante, e estou contando com o senhor.

— Não se preocupe — respondeu Quinn. — Até hoje, nunca decepcionei ninguém.

Ela o levou até a porta. Por vários segundos, ficaram os dois de pé em silêncio, sem saber se havia alguma coisa a acrescentar ou se havia chegado a hora de se despedir. Nesse minúsculo intervalo, Virginia Stillman de repente lançou os braços em torno de Quinn, com os lábios procurou os lábios de Quinn e o beijou apaixonadamente, levando a língua bem fundo na sua boca. Quinn

foi apanhado tão desprevenido que quase se esqueceu de desfrutar o beijo.

Quando ele pôde, enfim, respirar outra vez, a senhora Stillman segurou-o à distância de um braço e disse:

— Isto é para provar que Peter não estava dizendo a verdade. É muito importante que acredite em mim.

— Acredito em você—disse Quinn. — E mesmo se não acreditasse, não teria importância, na verdade.

— Só queria que você soubesse do que sou capaz.

— Acho que agora tenho uma boa idéia disso.

Ela pegou a mão direita de Quinn entre as suas mãos e a beijou.

— Obrigado, senhor Auster. Acredito de verdade que você é a resposta para os nossos problemas.

Ele prometeu telefonar para Virginia na noite seguinte e depois se viu atravessando a porta, tomando o elevador para o térreo e saindo do edifício. Passava da meia-noite quando chegou à rua.

Quinn já ouvira falar de casos como o de Peter Stillman. Nos tempos de sua outra vida, não muito depois de seu filho nascer, ele escrevera a resenha de um livro sobre o menino selvagem de Aveyron e, na ocasião, fizera alguma pesquisa sobre o assunto. Até onde lembrava, o relato mais antigo de uma experiência semelhante se encontrava nos escritos de Heródoto: o faraó egípcio Psamtik isolou dois bebês no século vii a. C. e ordenou ao servo encarregado deles que nunca pronunciasse uma palavra em presença das crianças. Segundo Heródoto, um cronista célebre pela falta de credibilidade, as crianças aprenderam a falar — sua primeira palavra teria sido o vocábulo frígio que significa pão. Na Idade Média, empregando métodos semelhantes, o imperador do Sacro Império

Romano Frederico n repetiu a experiência na esperança de descobrir a verdadeira “linguagem natural” do homem, mas as crianças morreram antes de pronunciar uma única palavra. Por fim, no que sem dúvida não passou de uma pilhéria, James iv, o rei da Escócia no início do século xvi, declarou que as crianças escocesas isoladas daquela mesma maneira acabariam falando um “hebraico muito bom”.

Pirados e ideólogos, no entanto, não eram os únicos interessados no assunto. Mesmo um homem tão cético e sensato como Montaigne ponderou cuidadosamente acerca da questão e, em seu ensaio mais importante, a Apologia de Raymond Sebond, escreveu: “Creio que uma criança que tivesse sido criada em completa solidão, isolada de toda a sociedade (o que seria uma experiência bem difícil de realizar), teria algum tipo de fala para exprimir suas idéias. E não é crível que a Natureza nos tenha sonogado um recurso que concedeu a tantos outros animais... Porém ainda não se pode saber que língua essa criança viria a falar; e tudo o que foi dito a respeito, baseado em conjeturas, não possui a aparência de verdade”.

Afora o caso dessas experiências, houve também os casos de isolamentos acidentais — crianças perdidas em florestas, marinheiros abandonados em ilhas, crianças criadas por lobos—bem como casos de pais cruéis e sádicos que trancafiaram seus filhos, acorrentaram-nos à cama, surraram-nos no armário, torturaram-nos por nenhum outro motivo senão os impulsos de sua própria loucura — e Quinn lera atentamente a extensa literatura dedicada a essas histórias. Havia o marinheiro escocês Alexander Selkirk (para alguns, o modelo do personagem Robinson Crusó) que viveu sozinho durante quatro anos em uma ilha da costa do Chile e que, segundo o capitão do barco que o resgatou em 1708, “havia a tal ponto esquecido sua língua por falta de uso que nós mal conseguíamos compreendê-lo”. Menos de vinte anos depois, Peter de Hanover, uma criança selvagem de uns catorze anos de idade, que fora encontrado nu e mudo em uma floresta nos arredores da cidade alemã de Hamelin, foi trazido para a corte inglesa sob a proteção especial de

Jorge i. Tanto Swift quanto Defoe tiveram oportunidade de vê-lo, e a experiência deu ensejo ao folheto de Defoe de 1726 intitulado A pura natureza esboçada. Peter nunca aprendeu a falar, todavia, e muitos meses depois foi enviado para o interior, onde viveu até a idade de setenta anos, sem nenhum interesse por sexo, dinheiro ou outros assuntos mundanos. A seguir veio o caso de Victor, o menino selvagem de Aveyron, que foi encontrado em 1800. Sob os cuidados pacientes e minuciosos do doutor Itard, Victor aprendeu alguns rudimentos da fala, mas nunca conseguiu ir além do estágio correspondente a uma criança pequena. Ainda mais conhecido do que o caso de Victor foi o de Kaspar Hauser, que apareceu certa tarde em Nuremberg, em 1828, trajando uma roupa bizarra e praticamente incapaz de pronunciar qualquer som inteligível. Sabia escrever o próprio nome mas em tudo o mais se comportava como um bebê. Adotado pela cidade e confiado aos cuidados de um professor local, passava os dias sentado no chão, brincando com cavalinhos de brinquedo, alimentando-se apenas de pão e água. Kaspar, no entanto, se desenvolveu. Tornou-se um excelente cavaleiro, tornou-se obsessivamente preocupado com o asseio pessoal, tinha paixão pelas cores vermelha e branca e, segundo todos os testemunhos, dava mostras de uma memória extraordinária, sobretudo para nomes e rostos. Contudo preferia ficar dentro de casa, evitava a luz forte e, tal como Peter de Hanover, nunca demonstrou qualquer interesse por sexo ou dinheiro. À medida que a lembrança do seu passado gradualmente lhe voltava, Kaspar foi conseguindo recordar como passara muitos anos sentado no chão de um quarto escuro, alimentado por um homem que jamais falava com ele nem se deixava ver. Não muito depois dessas revelações, Kaspar foi assassinado por um homem desconhecido, com um punhal, em um parque público.

Haviam, agora, decorrido anos desde a época em que Quinn se permitira pensar nessas histórias. Qualquer assunto relativo a crianças era muito doloroso para ele, sobretudo crianças que haviam sofrido, tinham sido maltratadas, haviam morrido antes que pudessem crescer. Se Stillman era o homem com o punhal, que

voltava para se vingar no menino cuja vida ele havia destruído, Quinn queria estar lá para impedi-lo. Sabia que não poderia trazer seu filho de volta à vida, mas ao menos poderia evitar que um outro morresse. De repente se tornara possível, para ele, fazer isso e, agora, parado de pé ali na rua, a imagem do que se achava diante dele avultava como um sonho terrível. Pensou no pequeno caixão que levava o corpo do seu filho e como o tinha visto, no dia do enterro, baixar para a terra. Aquilo era isolamento, disse Quinn consigo mesmo. Aquilo era silêncio. Só vinha, talvez, piorar a situação o fato de o nome do seu filho também ter sido Peter.

Na esquina da rua 72 com a avenida Madison, acenou para um táxi. Enquanto o carro chacoalhava pelo parque rumo ao West Side, Quinn olhava pela janela e se perguntava se aquelas eram as mesmas árvores que Peter Stillman via quando andava ao ar livre e à luz do dia. Imaginou se Peter via as mesmas coisas que ele, ou se o mundo seria um lugar diferente para os dois. E se uma árvore não era uma árvore, ele se perguntava o que seria na verdade.

Depois que o táxi o deixou em frente à sua casa, Quinn se deu conta de que estava com fome. Nada comera desde o café da manhã. Era estranho, pensou, como o tempo havia passado depressa no apartamento dos Stillman. Se seus cálculos estavam corretos, tinha ficado lá por mais de catorze horas. No fundo, porém, tinha a sensação de que sua permanência havia durado só três ou quatro horas, no máximo. Deu de ombros em face dessa discrepância e disse para si mesmo: "Tenho de aprender a olhar para o relógio com mais freqüência".

Voltou atrás pela rua 107, dobrou à esquerda na Broadway e começou a andar na direção da parte alta da cidade, em busca de um lugar adequado para comer. Nessa noite, um bar não lhe interessava —comer no escuro, a pressão de vozes embriagadas tagarelando ao redor —, embora normalmente encarasse isso com simpatia. Quando atravessou a rua 112, viu que a Heights Luncheonette ainda estava aberta e resolveu entrar. Era um lugar muito

iluminado, mas melancólico, com uma grande estante de revistas de mulher pelada em uma parede, uma seção de artigos de papelaria, outra seção de jornais, várias mesas para os fregueses e um comprido balcão de fórmica com bancos giratórios. Um portorriquenho alto, com um chapéu de chefe de cozinha feito de papelão, estava de pé atrás do balcão. Seu trabalho era preparar a comida, que consistia sobretudo em bolinhos de carne moída entremeada de pelanca, sanduíches sem gosto com tomates desbotados e alface murcha, milkshake, leite com soda e xarope, e pãezinhos doces. À direita, abrigado atrás da caixa registradora, se achava o dono, um homenzinho que começava a ficar careca, com cabelos encaracolados e um número de campo de concentração tatuado no antebraço, imperando absoluto no seu reino de cigarros, cachimbos e charutos. Estava ali sentado, impassível, lendo a edição noturna do Daily News da manhã seguinte.

O lugar estava quase deserto àquela hora. Na mesa ao fundo, sentavam-se dois homens velhos com roupas surradas, um muito gordo e o outro muito magro, examinando atentamente as tabelas de corrida de cavalos. Duas xícaras de café vazias estavam na mesa entre os dois. No primeiro plano, de rosto voltado para a estante das revistas, estava um jovem estudante de pé com uma revista aberta nas mãos, olhando fixamente a foto de uma mulher nua. Quinn sentou-se junto ao balcão, pediu um bolinho de carne moída e um café. Enquanto o garçom trabalhava, conversava com Quinn falando por cima do ombro.

- Viu o jogo desta noite, amigo?
- Perdi. Aconteceu alguma coisa boa?
- O que você acha?

Fazia vários anos, Quinn vinha tendo a mesma conversa com esse homem, cujo nome não sabia. Certa vez, quando estava na lanchonete, conversaram sobre beisebol e agora, toda vez que

Quinn entrava, continuavam a falar sobre o mesmo assunto. No inverno, a conversa era sobre compra e venda de jogadores, prognósticos, lembranças. Durante a temporada de beisebol, o assunto era sempre a partida mais recente. Eram ambos torcedores do Mets, e o caráter desenganado dessa paixão havia criado um vínculo entre os dois.

O garçom balançou a cabeça.

— Nos dois primeiros tempos, Kingsman acertou umas bolas isoladas — disse ele. — Bum, bum. Aqueles foguetes, direto para a lua. Jones está arremessando bem, para variar, e as coisas até que não parecem tão ruins. Está dois a um, no final do nono turno. Pittsburgh coloca jogadores na segunda e terceira bases, um vai para fora, e aí os Mets tiram o Allen do banco de reservas. Ele entra disposto a decidir a partida. Os Mets recuam os extremos para fazer pressão na base do bateador, ou tentar, quem sabe, um lance para tirar de campo dois adversários, se acertarem no meio. Pena aparece e lança uma bolinha de merda, que sai quicando pelo campo, para o homem da primeira base, e o sacana passa por baixo das pernas de Kingman. Dois pontos, dois homens fora, e acabou-se, adeus Nova York.

— Dave Kingman é uma bosta — disse Quinn, dando uma dentada no seu bolinho.

— Mas é bom ter cuidado com o Foster — comentou o garçom.

— Foster é um bundão. Já era. Um mongol com cara de mau.

— Quinn mascava sua comida com cuidado, Tateando com a língua à cata de pedacinhos de osso extraviados. — Deviam despachar o coitado de volta para Cincinnati pelo correio expresso.

—É isso aí—disse o garçom.—Mas eles vão dar duro dessa vez. Melhor do que no ano passado, pelo menos.

— Não sei — respondeu Quinn, dando outra mordida. — Parece bom no papel, mas o que eles têm na verdade? Stearns vive contundido. Eles têm jogadores das ligas inferiores na segunda base e entre a segunda e a terceira bases, e Brooks não consegue se concentrar na partida. Mookie é bom, mas é muito cru, e eles não conseguem nem resolver quem vão colocar no lugar de quem. Há também o Rusty, é claro, mas está gordo demais para correr. E quanto ao arremessador, é melhor nem pensar. Eu e você podíamos ir ao Shea amanhã mesmo e seríamos contratados como os dois estreantes mais promissores do mundo.

— Quem sabe eu faça de você o dirigente do time — disse o garçom. — Você bem que podia mandar aqueles sacanas irem todos para o inferno.

— Pode apostar o seu último centavo — disse Quinn.

Depois que acabou de comer, Quinn perambulou pelas estantes de artigos de papelaria. Havia chegado uma nova remessa de cadernos e a pilha chamava a atenção, uma linda mistura de azul, verde, vermelho e amarelo. Pegou um dos cadernos e viu que as páginas tinham as linhas estreitas como ele gostava. Quinn só escrevia a caneta, usando a máquina de escrever apenas para passar o texto a limpo, e vivia atrás de bons cadernos de espiral. Agora que tinha se metido no caso Stillman, achou que um caderno novo vinha a calhar. Seria útil ter um local separado para anotar seus pensamentos, observações e dúvidas. Desse modo, quem sabe, as coisas não sairiam de controle.

Remexeu a pilha, tentando resolver qual caderno escolher. Por razões que nunca ficaram claras para Quinn, de repente sentiu um impulso irresistível por um determinado caderno vermelho que estava embaixo. Puxou-o e examinou-o, correndo cuidadosamente as páginas no polegar. Não tinha a menor idéia de como explicar sua atração pelo caderno. Era um caderno padrão, de vinte e dois por vinte e oito centímetros, com cem páginas. Mas algo nele parecia

despertar sua atenção — como se o destino supremo do caderno neste mundo fosse abrigar as palavras que saíssem da caneta de Quinn. Quase constrangido pela intensidade de suas emoções, Quinn enfiou o caderno vermelho embaixo do braço, caminhou para a caixa registradora e comprou-o.

De volta ao seu apartamento, quinze minutos depois, Quinn tirou do bolso do paletó a fotografia de Stillman e o cheque, e colocou-os cuidadosamente na escrivaninha. Removeu os detritos espalhados na superfície da mesa — fósforos riscados, guimbas de cigarro, remoinhos de cinzas, cartuchos de tinta usados, algumas moedas, canhotos de ingressos, papéis rabiscados, um lenço sujo — e pôs o caderno vermelho bem no meio. Em seguida, deixou o quarto no escuro, tirou a roupa toda e sentou-se na escrivaninha. Nunca tinha feito isso antes mas, de algum modo, pareceu adequado ficar nu nesse momento. Ficou ali sentado durante vinte ou trinta segundos, tentando não se mexer, tentando não fazer nada senão respirar. Em seguida abriu o caderno vermelho. Pegou a caneta e escreveu suas iniciais, D. Q. (para Daniel Quinn), na primeira página. Era a primeira vez em mais de cinco anos que colocava o próprio nome em um de seus cadernos. Deteve-se a fim de ponderar a respeito disso por um instante mas depois desistiu, julgando-o descabido. Virou a página. Por vários momentos, examinou sua brancura, se perguntando se não seria, afinal, um completo idiota. Depois pressionou a caneta sobre a primeira linha e fez a primeira anotação no caderno vermelho.

O rosto de Stillman. Ou: O rosto de Stillman tal como era vinte anos atrás. Impossível saber se esse rosto amanhã vai se parecer com isto. No entanto não há dúvida de que não se trata da cara de um louco. Ou será que essa não é uma afirmação legítima? Aos meus olhos, pelo menos, o rosto parece benévolo, se não francamente simpático. Tem até uma sugestão de ternura em tomo da boca. Muito provavelmente, olhos azuis, com um tom de água. O cabelo fino, já naquela época, agora na certa calvo, e o que restou, grisalho, ou mesmo branco. Tem um ar estranhamente familiar: o

tipo meditativo, sem dúvida temperamental, uma pessoa que talvez gaguejasse, lutasse consigo mesma para estancar a torrente de palavras que jorrava de sua boca.

O pequeno Peter. É necessário para mim imaginá-lo ou posso admiti-lo apenas com base na fé? A escuridão. Pensar em mim mesmo naquele quarto. Sinto-me relutante. Acho que nem mesmo desejo compreendê-lo. E para quê? Isto não é uma história inventada, afinal. É um fato, algo que acontece no mundo e eu preciso fazer um serviço, uma coisinha à toa, e eu disse sim para isso. Se tudo der certo, pode até ser muito fácil. Não fui contratado para entender — apenas para agir. Isso é algo novo. Manter isso em mente, a qualquer preço.

E no entanto o que é que Dupin diz no conto de Poe? “Uma identificação entre o intelecto do investigador e o do seu oponente.” Mas aqui isso se aplicaria ao Stillman pai. O que na certa seria ainda pior.

Quanto a Virginia, estou perplexo. Não é só o beijo, que poderia ser explicado por um monte de razões; não é o que Peter falou sobre ela, que não tem mesmo importância. O casamento dela? Talvez. A completa falta de sentido desse casamento. Será que Virginia se casou por dinheiro? Ou estaria agindo em colaboração com Stillman? Isso mudaria tudo. Mas, ao mesmo tempo, não faz sentido. Por que motivo ela me teria contratado? A fim de ter uma testemunha de suas boas intenções aparentes? Talvez. Mas isso soa muito complicado. E mais: por que tenho a sensação de que não posso confiar nela?

A cara de Stillman, de novo. Durante os últimos minutos, não me saiu da cabeça que já vi essa cara antes. Talvez anos atrás, aqui no bairro e nos arredores — antes de ser preso.

Recordar a sensação de vestir a roupa dos outros. Começar por aí, eu acho. Supondo que deva mesmo começar. De volta aos velhos

tempos, dezoito, vinte anos atrás, quando não tinha dinheiro e meus amigos me davam suas roupas para vestir. O velho sobretudo de J., na faculdade, por exemplo. E a sensação esquisita que eu tinha, de estar entrando na pele dele. Isso na certa pode ser um ponto de partida.

E depois, mais importante que tudo: lembrar quem sou. Lembrar quem se supõe que eu seja. Não acho que se trate de um jogo. Por outro lado, nada está claro. Por exemplo: quem é você? E se você acha que sabe, por que continua a mentir? Não tenho resposta. Tudo o que posso dizer é o seguinte: ouçam-me. Meu nome é Paul Auster. Este não é o meu nome verdadeiro.

d

Quinn passou a manhã seguinte na biblioteca de Columbia lendo o livro de Stillman. Chegou cedo, o primeiro a entrar quando a porta abriu, e o silêncio dos salões de mármore o confortou, como se tivesse sido admitido em uma cripta do esquecimento. Após exhibir sua carteirinha de ex-aluno para o funcionário sonolento atrás da escrivaninha, Quinn pegou o livro em uma pilha, voltou para o terceiro andar e depois se instalou em uma poltrona de couro verde em uma das salas de fumantes. A radiosa manhã de maio espreitava lá fora como uma tentação, um apelo para vagar sem rumo ao ar livre, mas Quinn rechaçou-a. Virou a poltrona de lado, ficando de costas para a janela, e abriu o livro.

O jardim e a torre: visões inaugurais do Novo Mundo era um livro dividido em duas partes de extensão aproximadamente igual, "O mito do Paraíso" e "O mito de Babel". A primeira se concentrava nas descobertas dos exploradores, partindo de Colombo e prosseguindo com Raleigh. O postulado de Stillman era o de que os primeiros homens a visitar a América acreditavam que haviam, por acidente, descoberto o paraíso, um segundo jardim do Éden. Na narrativa de sua terceira viagem, por exemplo, Colombo escreveu: "Pois creio que o Paraíso terrestre se encontra aqui, no qual ninguém pode

entrar a não ser com a autorização de Deus". Quanto ao povo dessa terra, Peter Martyr escrevia já em 1505: "Parecem viver naquela era de ouro da qual os escritores antigos tanto falam, quando os homens viviam na simplicidade e inocência, sem a constrição das leis, sem desavenças, juizes ou calúnias, contentes unicamente em satisfazer a natureza". Ou, como o sempre atual Montaigne escreveria mais de meio século depois: "Na minha opinião, o que vemos efetivamente nessas nações não só ultrapassa todas as imagens que os poetas pintaram da Era de Ouro e as invenções em que representaram o estado de felicidade que a humanidade vivia então, como também supera a concepção e os anseios da própria filosofia". Desde o início, segundo Stillman, a descoberta do Novo Mundo representou um impulso propulsor do pensamento utópico, a centelha que deu esperança para a perfectibilidade da vida humana — do livro de Thomas Morus de 1516 até a profecia de Geronimo de Mendieta, alguns anos depois, de que a América se tornaria um estado teocrático ideal, uma genuína Cidade de Deus.

Havia, não obstante, uma opinião oposta. Se alguns julgavam que os índios viviam em uma inocência anterior ao pecado original, outros os consideravam feras selvagens, demônios em forma de homens. A descoberta de canibais no Caribe nada fez para abrandar esse ponto de vista. Os espanhóis usavam-no como justificativa para explorar impiedosamente os nativos para seus próprios fins mercantis. Pois se não consideramos que o homem à nossa frente é humano, existem poucas restrições da consciência para o nosso comportamento em relação a ele. Foi apenas em 1537, com a bula papal de Paulo in, que os índios foram declarados homens autênticos, portadores de almas. A discussão, no entanto, prosseguiu por centenas de anos, culminando, por um lado, no "bom selvagem" de Locke e Rousseau — o que assentava os fundamentos teóricos da democracia em uma América independente — e, de outro, na campanha para exterminar os índios, na crença imortal de que o único índio bom era o índio morto.

A segunda parte do livro começava com um novo estudo da queda. Apoiando-se em grande parte em Milton e no seu relato em Paraíso perdido — como um porta-voz da posição puritana ortodoxa —, Stillman alegava que foi somente após a queda que surgiu a vida humana tal como a conhecemos. Pois se não existia nenhum mal no Paraíso, tampouco haveria algum bem. Conforme o próprio Milton declarou na Aeropagítica-, “Foi do sabor da casca de uma maçã que o bem e o mal saltaram para o mundo, como dois gêmeos talhados juntos”. A exegese de Stillman acerca dessa frase era exacerbadamente exaustiva. Alerta à possibilidade de trocadilhos e jogos de palavras em toda parte, ele demonstrava como a palavra “sabor” continha uma alusão ao vocábulo latino *sapere*, que significa tanto “provar” como “saber”, e por conseguinte contém uma referência subliminar à árvore do conhecimento: a fonte da maçã cujo sabor trouxe o conhecimento para o mundo, o que equivale a dizer o bem e o mal. Stillman também se detinha no paradoxo da expressão “talhados juntos”, que contém os significados tanto de “unir” quanto de “separar”, desse modo encarnando dois sentidos equivalentes e opostos, o que por sua vez encarna um conceito da língua que Stillman julga presente em toda a obra de Milton. No Paraíso perdido, por exemplo, cada palavra-chave possui dois sentidos—um anterior à queda e outro posterior à queda. Para ilustrar seu argumento, Stillman isolou várias palavras desse tipo — sinistro, serpentino, delicioso — e demonstrou como o seu emprego anterior à queda era livre de conotações morais, ao passo que seu emprego posterior à queda era sombreado, ambíguo, moldado por um conhecimento do mal. A única tarefa de Adão no Paraíso fora inventar a língua, dar a cada coisa e criatura o seu nome. Nesse estado de inocência, sua língua alcançara diretamente o cerne do mundo. As palavras de Adão não tinham sido meramente penduradas nas coisas que via, elas revelaram suas essências, haviam literalmente dado vida às coisas. A coisa e seu nome eram permutáveis. Após a queda, isso já não era mais verdade. Os nomes se tornaram desligados das coisas; as palavras se converteram em um acúmulo de signos arbitrários; a língua foi apartada de Deus. A

história do Paraíso, portanto, registra não só a queda do homem como também a queda da língua.

Mais adiante no livro do Gênese há uma outra história sobre a língua. Segundo Stillman, o episódio da Torre de Babel representava uma recapitulação precisa do que acontecera no Paraíso — só que mais ampliada, investida de uma significação mais geral para a humanidade. A história de Babel adquire um sentido especial quando se observa sua posição no conjunto do livro: capítulo onze do Gênese, versículos um a nove. É o último incidente da pré-história na Bíblia. Daí em diante, o Velho Testamento é exclusivamente uma crônica dos hebreus. Em outras palavras, a Torre de Babel se alça como a derradeira imagem antes do autêntico começo do mundo.

Os comentários de Stillman se estendiam por muitas páginas. Começava com um levantamento histórico das diversas tradições exegéticas relativas à história de Babel, elaboradas com base em numerosas leituras equivocadas que se desenvolveram em torno dela, e concluía com um extenso catálogo de lendas do Haggadah (um compêndio de interpretações rabínicas sem vínculo com assuntos jurídicos). Foi aceito de forma generalizada, escreveu Stillman, que a Torre fora construída no ano de 1996 após a Criação, escassos trezentos e quarenta anos depois do Dilúvio, “para que não fôssemos dispersados por toda a face da Terra”. O castigo de Deus veio como uma resposta a esse desejo, que se contrapunha a uma ordem que havia aparecido anteriormente no Gênese: “Crescei e multiplicai-vos, povoai toda a Terra e a dominai”. Ao destruir a Torre, portanto, Deus condenou o homem a obedecer a essa imposição. Outra leitura, contudo, encarava a Torre como um desafio lançado contra Deus. Nimrod, o primeiro soberano de todo o mundo, foi indicado como o arquiteto da Torre: Babel se destinava a ser um santuário que simbolizava a universalidade do seu poder. Essa era a visão prometéica da história de Babel, e se calcava nas expressões “cujo topo poderá tocar o céu” e “criemos um nome”. A construção da Torre tornou-se a obsessiva e avassaladora paixão da

humanidade, mais importante até do que a própria vida. Tijolos tornaram-se mais preciosos do que pessoas. Mulheres operárias não paravam sequer para dar à luz seus filhos; amparavam o recém-nascido no seu avental e continuavam a trabalhar. Ao que parece, havia três grupos distintos envolvidos na construção.- aqueles que desejavam morar no céu, aqueles que desejavam promover uma guerra contra Deus e aqueles que queriam cultuar ídolos. Ao mesmo tempo, estavam unidos em seus esforços — “E a terra inteira tinha uma só língua e um mesmo modo de falar” — e o poder latente de uma humanidade unificada ofendia Deus. “E o Senhor disse, Vede, o povo é uno, e todos têm uma língua; e começam a construir isso: agora não se deterão diante de nada que imaginarem fazer. ” Esta declaração é um eco deliberado das palavras que Deus pronunciou ao expulsar Adão e Eva do Paraíso: “Vede, o homem tornou-se um de nós, ao conhecer o bem e o mal; agora é preciso evitar que estenda a mão e tome também o fruto da árvore da vida, e coma, e assim viva para sempre — Portanto o Senhor expulsou-o do jardim do Éden..Todavia uma outra leitura sustentava que a história de Babel representava apenas um modo de explicar a diversidade dos povos e das línguas. Pois se todos os homens eram descendentes de Noé e seus filhos, como seria possível explicar as enormes diferenças entre as culturas? Outra leitura semelhante preconizava que a história de Babel era uma explicação da existência do paganismo e da idolatria — pois, até surgir essa história na Bíblia, todos os homens são mostrados como monoteístas. Quanto à Torre propriamente dita, a lenda rezava que um terço da estrutura afundara no solo, um terço fora destruído pelo fogo e um terço fora deixado de pé. Deus a atacou de duas maneiras a fim de convencer o homem de que a destruição era um castigo divino e não o resultado de um acaso. Mesmo assim, a parte que restou de pé era tão elevada que uma palmeira vista do seu topo parecia menor do que um gafanhoto. Dizia-se também que uma pessoa poderia caminhar durante três dias na sombra da Torre sem sair dela. Enfim — e Stillman se detinha demoradamente nesse ponto — acreditava-se que quem porventura examinasse as ruínas da Torre acabaria esquecendo tudo o que sabia.

O que tudo isso tinha a ver com o Novo Mundo, Quinn não podia dizer. Mas então começava um novo capítulo e, de repente, Stillman se punha a discutir a vida de Henry Dark, um pastor de Boston, nascido em Londres em 1649 (no dia da execução de Carlos I), que chegou à América em 1675 e morreu em um incêndio em Cambridge, Massachusetts, em 1691.

Segundo Stillman, quando jovem, Henry Dark fora secretário particular de John Milton — de 1669 até a morte do poeta, cinco anos depois. Isso era novidade para Quinn, pois ele parecia recordar ter lido em algum lugar que o cego Milton tinha ditado sua obra a uma de suas filhas. Dark, ele veio a saber, era um puritano ardoroso, um estudante de teologia e um devotado seguidor da obra de Milton. Tendo encontrado seu herói certa noite em uma pequena reunião, Dark foi convidado a lhe fazer uma visita na semana seguinte. Isso levou a outras visitas, até que afinal Milton passou a confiar a Dark diversas tarefas menores: tomar ditado, guiá-lo pelas ruas de Londres, ler para ele as obras dos autores antigos. Em uma carta de 1672 escrita por Dark para sua irmã em Boston, ele mencionava longas conversas com Milton sobre as questões mais delicadas da exegese bíblica. Então Milton morreu e Dark ficou desconsolado. Seis meses depois, achando que a Inglaterra era um deserto, uma terra que não lhe oferecia coisa alguma, resolveu emigrar para a América. Chegou a Boston no verão de 1675.

Pouco se sabia a respeito de seus primeiros anos no Novo Mundo. Stillman especulava que Dark podia ter viajado para o Oeste à procura de um território ainda não desbravado, mas não foi possível encontrar indícios concretos para apoiar essa idéia. De um lado, certas referências nos escritos de Dark indicavam um conhecimento profundo dos costumes indígenas, o que levou Stillman a teorizar que Dark possivelmente vivera com uma das tribos durante certo tempo. De todo modo, não havia nenhuma referência à presença de Dark na América até o ano de 1682, quando seu nome surge nos registros de casamento de Boston, como tendo desposado uma certa Lucy Fitts. Dois anos depois, Dark vem apontado como líder de

uma pequena congregação puritana nos subúrbios da cidade. O casal teve vários filhos, mas todos morreram na infância. Um filho chamado John, porém, nascido em 1686, sobreviveu. Mas consta que, em 1691, o menino caiu por acidente de uma janela no segundo andar e faleceu. Apenas um mês depois, a casa inteira se consumiu em chamas e tanto Dark como a esposa morreram.

Henry Dark teria submergido na obscuridade dos primórdios da vida americana não fosse por uma coisa: a publicação em 1690 de um livreto intitulado *A nova Babel*. Segundo Stillman, essa pequena obra de sessenta e quatro páginas constituía a explanação mais visionária a respeito do novo continente já escrita até aquela época. Se Dark não tivesse morrido tão pouco tempo depois de seu lançamento, sem dúvida alguma ele teria tido um efeito muito maior. Pois, conforme se verificou, quase todos os exemplares do livreto foram destruídos no incêndio que matou Dark. O próprio Stillman só conseguiu localizar um exemplar — e mesmo assim por acaso, no sótão da casa da sua família, em Cambridge. Após anos de buscas minuciosas, concluiu que aquele era o único exemplar que existia.

A nova Babel, escrito em uma prosa enérgica e miltoniana, preconizava a edificação do paraíso na América. Ao contrário de outros escritores que trataram do assunto, Dark não supôs que o paraíso fosse um lugar que pudesse ser descoberto. Não havia mapas que guiassem um homem até lá, não existiam instrumentos de navegação capazes de levar um homem até seu litoral. A rigor, sua existência era imanente ao interior do ser humano: a idéia de um além que o ser humano seria capaz de criar um dia, no aqui e agora. Pois a utopia não estava em parte alguma—nem mesmo, explicava Dark, na sua “condição vocabular”. E se o homem pudesse um dia dar realidade a esse lugar tão sonhado, seria apenas edificando-o com as próprias mãos.

Dark baseava suas conclusões em uma leitura da história de Babel como uma obra profética. Apoiando-se amplamente na interpretação de Milton a respeito da queda, Dark seguia os passos do seu mestre

ao conferir uma importância desmedida ao papel da língua. Mas levava as idéias do poeta ainda mais longe. Se a queda do homem acarretava também a queda da língua, não era lógico supor que seria possível desfazer a queda do homem, reverter seus efeitos, ao anular a queda da língua, ao lutar para recriar a língua que era falada no Éden? Se o homem pudesse aprender a falar essa língua original da inocência, não decorreria daí que o homem recuperaria desse modo um estado de inocência dentro de si mesmo? Bastava examinar o exemplo de Cristo, argumentava Dark, para compreender que era de fato assim. Pois não era Cristo um homem, uma criatura de carne e osso? E Cristo não falava essa língua anterior à expulsão do Paraíso? Em Paraíso recuperado, de Milton, Satã fala com "ardis de duplo sentido", ao passo que em Cristo "as ações correspondem às palavras, as palavras/ traduzem com fidelidade o seu grande coração, o seu coração/ contém a forma perfeita do bem, da sabedoria e da justiça". E ali não se diz também que Deus "agora enviou seu oráculo vivo/ para o mundo a fim de ensinar sua vontade final,/ e doravante envia o seu Espírito da Verdade para habitar/ nos corações piedosos, um Oráculo interior/ para que eu conheça toda a indispensável Verdade"? E, graças a Cristo, não teve a queda um desfecho feliz, não foi uma/e/á culpa, conforme ensina a doutrina? Portanto, Dark insistia, seria de fato possível para o homem falar a língua original da inocência e recuperar, íntegra e inviola-da, a verdade dentro de si mesmo.

Voltando à história de Babel, Dark levava adiante então o seu plano e anunciava sua visão das coisas que estavam porvir. Citando o segundo versículo do Gênesis 11 — "E ocorreu que, tendo chegado do leste, encontraram uma planície na terra de Seenar e habitaram nela" — Dark afirmava que essa passagem atestava o movimento da civilização e da vida humana rumo ao oeste. Pois a cidade de Babel se situava na Mesopotâmia, no extremo leste do território dos hebreus. Se Babel ficava a oeste de alguma coisa, haveria de ser do Éden, a terra natal da humanidade. A obrigação humana de se disseminar por toda a Terra — em obediência à ordem divina que dizia "multiplicai-vos... e povoai a Terra" — acarretaria de forma

inevitável um movimento no sentido oeste. E que terra, indagava Dark, poderia ser mais ocidental na Cristandade do que a América? O movimento dos colonizadores ingleses para o Novo Mundo, portanto, podia ser interpretado como o cumprimento da ordem ancestral. A América constituía o último passo de todo o processo. Uma vez povoado o continente, o tempo estaria maduro para uma mudança no destino da humanidade. A proibição de construir Babel — porque o homem deveria antes povoar a Terra—seria suspensa. Nesse momento se tornaria possível outra vez para toda a Terra ter uma só língua e um mesmo modo de falar. E, se isso acontecesse, o Paraíso não poderia estar muito longe.

Assim como Babel forá construída trezentos e quarenta anos após o Dilúvio, do mesmo modo, previa Dark, exatamente trezentos e quarenta anos após a chegada do navio Mayflowerzo porto de Plymouth, a ordem seria cumprida. Pois com toda a certeza eram os puritanos, o novo povo escolhido por Deus, que portavam nas mãos o destino da humanidade. Ao contrário dos hebreus, que frustraram Deus ao rejeitar seu filho, esses ingleses transplantados iriam escrever o capítulo final da história antes que o Céu e a Terra enfim se unissem. A exemplo de Noé na sua arca, eles tinham viajado através do vasto dilúvio oceânico a fim de cumprir sua missão sagrada.

Trezentos e quarenta anos, segundo os cálculos de Dark, significavam que em 1960 a primeira parte da tarefa dos colonizadores estaria concluída. A essa altura, estariam fixados os alicerces para a obra efetiva que viria a seguir: a construção da nova Babel. Desde já, escrevia Dark, viam-se sinais animadores na cidade de Boston, posto que lá, como em nenhuma outra parte do mundo, o principal material de construção era o tijolo—o qual, conforme indica de forma específica o versículo três do capítulo onze do Gênese, constituía o material de construção usado em Babel. No ano de 1960, afirmava ele com segurança, a nova Babel começaria a se erguer, seu próprio feitio exprimiria uma aspiração de chegar aos céus, um símbolo da ressurreição do espírito humano. A história

seria escrita ao contrário. O que tinha caído se ergueria; o que se havia cindido se unificaria. Uma vez concluída, a Torre seria grande o bastante para abrigar todos os habitantes do Novo Mundo. Haveria um aposento para cada pessoa e, assim que entrasse aí, ela esqueceria tudo o que sabia. Após quarenta dias e quarenta noites, se tornaria um novo homem, falando a língua de Deus, preparado para habitar o segundo e eterno paraíso.

Dessa maneira terminava a sinopse de Stillman para o livre-to de Henry Dark, com data de 26 de dezembro de 1690, o setua-gésimo aniversário do desembarque do navio Mayflower.

Quinn soltou um pequeno suspiro e fechou o livro. O salão de leitura estava vazio. Inclinou-se para a frente, pôs a cabeça entre as mãos e fechou os olhos. “Mil novecentos e sessenta”, disse ele em voz alta. Tentou evocar uma imagem de Henry Dark, mas nada lhe veio à mente. No seu pensamento, só via fogo, um resplendor de livros em chamas. Em seguida, perdendo a trilha dos seus pensamentos e a direção para onde eles o estavam conduzindo, Quinn de repente lembrou que 1960 era o ano em que Stillman havia trancado seu filho no quarto.

Abriu o caderno vermelho e colocou-o aberto no colo. Quando estava, porém, prestes a escrever, resolveu que já era o bastante. Fechou o caderno vermelho, levantou-se da poltrona e repôs o livro de Stillman na escrivaninha da frente. Acendendo um cigarro no pé da escada, Quinn saiu da biblioteca e caminhou na direção da tarde de maio.

Ele chegou bem adiantado à Grand Central Station. O trem de Stillman não viria antes das seis e quarenta e um, mas Quinn queria tempo para estudar a geografia do local, para se assegurar de que Stillman não teria condições de passar por ele sem que ele notasse. Quando subiu as escadas do metrô que davam para o salão principal da estação, viu no relógio que passava um pouco de quatro horas. A estação já começava a encher com a multidão do horário do rush.

Abrindo caminho entre a pressão dos corpos que se esbarravam, Quinn fez uma inspeção nos portões numerados em busca de escadas ocultas, saídas sem placas, redutos escuros. Concluiu que um homem decidido a sumir poderia fazê-lo sem maiores problemas. Ele teria de torcer para que Stillman não houvesse sido avisado de sua presença ali. Se fosse esse o caso e Stillman conseguisse ludibriá-lo, significaria que Virginia Stillman era a responsável. Não havia outra pessoa. Consolava-o saber que tinha um plano alternativo se as coisas dessem errado. Caso Stillman não aparecesse, Quinn seguiria direto para a rua 69 e confrontaria Virginia Stillman com o que estaria sabendo.

Enquanto perambulava pela estação, Quinn recordava a si mesmo a pessoa por quem estava se fazendo passar. O efeito de ser Paul Auster, Quinn começara a notar, não era de todo desagradável. Embora possuísse ainda o mesmo corpo de antes, a mesma mente, os mesmos pensamentos, tinha a impressão de que, de algum modo, ele fora retirado de dentro de si mesmo, como se não tivesse mais de andar para lá e para cá com o fardo da própria consciência. Graças a um mero truque do intelecto, um pequeno e hábil deslocamento de nomes, sentia-se incomparavelmente mais leve e mais livre. Ao mesmo tempo, sabia que tudo era uma ilusão. Mas havia nisso um certo conforto. Ele na verdade não se perdera; estava apenas fingindo, e poderia voltar a ser Quinn quando bem entendesse. O fato de agora haver um propósito para simular ser Paul Auster — um propósito que ia se tornando cada vez mais importante para ele — servia como uma espécie de justificativa moral para toda aquela farsa e o absolvía por levar adiante sua mentira. Pois imaginar-se como Auster se tornara, em sua mente, sinônimo de praticar o bem no mundo.

Vagou pela estação, então, como se estivesse no corpo de Paul Auster, à espera de Stillman. Voltou os olhos para cima, para o teto abobadado do salão principal, e observou o afresco de constelações. Havia lâmpadas representando estrelas e o contorno das figuras celestes. Quinn nunca conseguira apreender a ligação entre as

constelações e seus nomes. Quando menino, passava muitas horas sob o céu da noite tentando reconhecer o formato de ursos, touros, arqueiros e carregadores de água nos aglomerados de luzes iguais a pontas de alfinete. Mas nada resultava disso, e ele se sentia idiota, como se houvesse um ponto cego no centro do seu cérebro. Imaginou se Paul Auster, quando jovem, teria se saído melhor do que ele na mesma situação.

Do lado oposto, ocupando a maior parte da parede leste da estação, havia um grande anúncio fotográfico da Kodak, com cores fulgurantes, absurdas. A cena exposta naquele mês mostrava uma rua de alguma aldeia de pescadores da Nova Inglaterra, talvez Nantucket. Uma linda luz de primavera brilhava nos paralelepípedos, flores de várias cores estavam colocadas no parapeito das janelas na frente das casas e, mais ao fundo, no final da rua, ficava o oceano, com suas ondas brancas e a água muito azul. Quinn lembrou-se de ter visitado Nantucket com a esposa muito tempo atrás, em seu primeiro mês de gravidez, quando seu filho não passava de uma pequena almôndega na barriga da mulher. Achou doloroso recordar isso agora e tentou suprimir as imagens que se formavam em sua mente. “Olhe tudo através dos olhos de Auster”, disse para si mesmo, “e não pense em mais nada.” Voltou de novo a atenção para a fotografia e sentiu-se aliviado por descobrir que seu pensamento se desviava para as baleias, para as expedições que partiam de Nantucket no século XIX, para Melville e as páginas de abertura de MobyDick. Daí sua mente enveredou para os relatos que lera sobre os últimos anos de vida de Melville — o velho taciturno trabalhando na alfândega de Nova York, sem leitores, esquecido por todos. Então, de repente, com grande nitidez e precisão, Quinn viu a janela de Bartleby e a parede nua de tijolos à sua frente.

Alguém deu uma palmadinha no seu braço e Quinn girou para enfrentar o ataque, viu um homem baixo e mudo estendendo para ele uma caneta esferográfica verde e vermelha. Pregada à caneta estava uma bandeirinha branca de papel, em uma das faces da qual se lia: “Este produto de boa qualidade é cortesia de um surdo-mudo.

Pague o quanto quiser. Grato pela colaboração”. Do outro lado da bandeirinha havia uma tabela do alfabeto manual —aprenda a falar com seus amigos—que mostrava as posições da mão para cada uma das vinte e seis letras. Quinn enfiou a mão no bolso e deu ao homem um dólar. O surdo-mudo cumprimentou-o ligeiramente com a cabeça e seguiu adiante, deixando Quinn com a caneta na mão.

Agora já passava de cinco horas. Quinn achou que ficaria menos vulnerável em outro local e retirou-se para a sala de espera. No geral, era um lugar desagradável, repleto de poeira e de gente que não tinha aonde ir, mas agora, quando a hora do rush ia ganhando força total, o salão fora ocupado por homens e mulheres com pastas, livros e jornais. Quinn teve dificuldade em achar um lugar para sentar. Depois de procurar por dois ou três minutos, enfim encontrou um lugar vago em um dos bancos, entalando-se entre um homem de terno azul e uma mulher jovem e gorducha. O homem lia a seção de esportes do Times, e Quinn deu uma espiada a fim de ler a notícia sobre a derrota dos Mets na noite anterior. Havia chegado ao terceiro ou quarto parágrafo quando o homem voltou-se lentamente para ele, dirigiu-lhe um olhar sinistro e puxou o jornal para longe da sua vista.

Depois disso, aconteceu uma coisa estranha. Quinn voltou sua atenção para a moça à sua direita, para ver se havia algum material de leitura nessa direção. Calculou que a moça teria mais ou menos vinte anos. Tinha várias espinhas na bochecha esquerda, obscurecidas por uma camada de maquiagem cor-de-rosa, e um bolo de chiclete estalava na sua boca. Contudo ela lia um livro, uma edição em brochura com uma capa escandalosa, e Quinn inclinou-se muito ligeiramente para a direita a fim de dar uma espiada no título. Contra suas expectativas, era um livro que ele mesmo tinha escrito — Cilada suicida, de William Wilson, o primeiro romance de mistério do personagem Max Work. Quinn muitas vezes havia imaginado essa situação: o prazer repentino, inesperado, de encontrar um de seus leitores. Imaginara até o diálogo que se seguiria: ele, ligeiramente acanhado enquanto o estranho elogiava o livro, e depois, com

grande relutância e modéstia, acedendo ao pedido de autografar a folha de rosto, “já que o senhor insiste”. Mas agora que a cena estava ocorrendo de fato, sentiu-se bastante frustrado, e até aborrecido. Não gostou da moça sentada ao seu lado e o ofendia ver como ela lia às pressas e desatentamente as páginas que lhe haviam custado tanto esforço. Seu impulso era arrancar o livro das mãos dela e sair correndo com o volume para o outro lado da estação.

Observou o rosto da moça outra vez, tentando escutar as palavras que ela ouvia soar na cabeça, examinou os seus olhos enquanto corriam em disparada para lá e para cá ao longo da página. Quinn deve ter olhado com muita intensidade, pois logo depois a moça voltou-se para ele com uma expressão irritada no rosto e disse:

— Algum problema, senhor?

Quinn deu um sorriso frouxo.

— Nenhum problema —respondeu. —Só estava pensando se você gosta desse livro.

A moça encolheu os ombros.

—Já li melhores e já li piores.

Quinn quis encerrar a conversa ali mesmo mas algo nele ainda insistia. Antes que pudesse levantar e ir embora, as palavras já estavam na sua boca:

—Achou a história emocionante?

A moça encolheu os ombros de novo e estalou o chiclete na boca com um ruído alto.

—Mais ou menos. Tem uma parte em que o detetive se perde e que dá medo na gente.

- Ele é um detetive esperto?
- Ah, é sim. Mas fala demais.
- Você gostaria de mais ação?
- Acho que sim.
- Se desgosta tanto do livro, por que continua a ler?
- Não sei. —A moça encolheu os ombros de novo. —Ajuda a passar o tempo, eu acho. De todo jeito, não é lá grande coisa. É só mais um livro.

Quinn estava a ponto de lhe contar quem era, mas então compreendeu que não fazia nenhuma diferença. A moça era um caso perdido. Durante cinco anos ele mantivera em segredo a identidade de William Wilson e não iria revelar tudo agora, muito menos para uma desconhecida idiota. Era doloroso, no entanto, e ele lutou desesperadamente para engolir o seu orgulho. Em vez de dar um murro na cara da moça, Quinn levantou-se de repente do banco e se afastou.

Às seis e meia, se colocou diante do portão número vinte e quatro. Esperava-se que o trem chegasse no horário e, de sua posição privilegiada no meio do portão, Quinn pensava que suas chances de ver Stillman eram boas. Tirou do bolso a fotografia e examinou-a mais uma vez, prestando uma atenção especial aos olhos. Recordou ter lido em algum lugar que os olhos eram o único traço do rosto que nunca mudava. Desde a infância até a velhice, os olhos permaneciam os mesmos, e um homem atento a isso poderia, teoricamente, fitar os olhos de um menino em uma foto e reconhecer a mesma pessoa quando velha. Quinn tinha lá suas dúvidas, mas isso era tudo com que podia contar no momento, sua única ponte para o presente. Mais uma vez, porém, o rosto de Stillman não lhe disse nada.

O trem entrou na estação e Quinn experimentou o barulho como um disparo atravessando o seu corpo: um estrépito febril, aleatório, que parecia casar-se com suas pulsações, bombeando seu sangue em jorros ásperos. Sua cabeça então foi tomada pela voz de Peter Stillman, como um dique de palavras absurdas desmoronando de encontro às paredes do seu crânio. Disse a si mesmo ^{para ficar} calmo. Mas não adiantou muito. A despeito do que havia esperado de si mesmo nesse momento, estava nervoso.

O trem vinha lotado, e quando os passageiros começaram a encher a rampa de desembarque e caminhar em sua direção, logo se transformaram em uma multidão. Quinn ficou batendo nervosamente com o caderno vermelho na coxa direita, na ponta dos pés, e perscrutava a turba. Logo uma onda de gente corria à sua volta. Havia homens e mulheres, crianças e velhos, homens negros e mulheres brancas, homens brancos e mulheres negras, orientais e árabes, homens de marrom, cinza, azul e verde, mulheres de vermelho, branco, amarelo e cor-de-rosa, crianças de tênis, crianças de sapatos, crianças de botas de vaqueiro, gente gorda e gente magra, gente alta e gente baixa, cada pessoa diferente de todas as demais, cada pessoa irredutivelmente ela mesma. Quinn examinava a todos, ancorado em seu ponto de observação, como se o seu ser tivesse se exilado nos olhos. Sempre que um homem idoso se aproximava, ele se esticava para ver se era Stillman. Vinham e iam embora depressa demais para que ele pudesse se entregar à frustração, mas em cada rosto idoso Quinn parecia descobrir um augúrio da aparência do verdadeiro Stillman, e bem ligeiro desviava suas expectativas para cada cara nova que surgia, como se a acumulação de homens velhos constituísse um prenúncio da chegada iminente do próprio Stillman. Por um instante, Quinn pensou: "Então é assim o trabalho de um detetive". Mas afora isso ele não pensou em nada. Apenas olhava. Imóvel no meio da multidão que se deslocava, Quinn permanecia de pé ali e observava com atenção.

Quando a metade dos passageiros já deixara a estação, Quinn teve a primeira visão de Stillman. A semelhança com a fotografia parecia inequívoca. Não, ele não tinha ficado careca, como Quinn havia pensado. Seu cabelo era branco e estava despenteado, despontando em tufo aqui e ali. Era alto, magro, sem dúvida com mais de sessenta anos, um pouco curvado. De forma inadequada para a estação do ano, vestia um comprido sobretudo marrom muito surrado e arrastava um pouco os pés ao andar. A expressão no seu rosto parecia serena, a meio caminho entre o torpor e a meditação. Não olhava para as coisas à sua volta, nem elas pareciam interessá-lo. Trazia uma única mala na bagagem, uma mala de couro maltratada que já fora linda, com uma correia em torno. Uma ou duas vezes enquanto subia a rampa de desembarque, ele baixou a mala e descansou um instante. Dava a impressão de andar com esforço, um pouco aturdido pela multidão, sem saber se devia segui-la ou deixar que os outros passassem por ele.

Quinn retrocedeu vários passos, se colocando a postos para um movimento rápido, tanto para a esquerda como para a direita, dependendo do que viesse a acontecer. Ao mesmo tempo, queria ficar afastado o suficiente para que Stillman não sentisse que estava sendo seguido.

Quando Stillman chegou à saída da estação, pôs a mala no chão mais uma vez e parou de andar. Nesse momento, Quinn se permitiu um olhar para a direita de Stillman, inspecionando o restante da multidão para se certificar de que não havia cometido nenhum engano. O que aconteceu então desafiava qualquer explicação. Logo atrás de Stillman, surgindo a apenas alguns centímetros do seu ombro direito, um outro homem se deteve, pegou um isqueiro no bolso e acendeu um cigarro. Seu rosto era uma réplica exata do rosto de Stillman. Por um segundo Quinn pensou que fosse uma ilusão, uma espécie de aura projetada pelas correntes eletromagnéticas do corpo de Stillman. Mas não, aquele outro Stillman se movimentava, respirava, piscava os olhos; suas ações eram nitidamente independentes do primeiro Stillman. O segundo

Stillman tinha um ar próspero em torno de si. Vestia um caro terno azul; os sapatos estavam engraxados; o cabelo branco estava penteado; e nos olhos havia a expressão sagaz de um homem que conhece o mundo. Também levava uma só mala: preta, elegante, mais ou menos do mesmo tamanho da mala do outro Stillman.

Quinn franziu a testa. Agora, qualquer coisa que fizesse seria um erro. Qualquer escolha que fizesse — e tinha de fazer uma escolha— seria arbitrária, uma submissão ao acaso. A incerteza o assombraria até o final. Naquele momento, os dois Stillman retomaram cada um o seu caminho. O primeiro tomou a direita, o segundo tomou a esquerda. Quinn desejou possuir o corpo de uma ameba, a fim de se dividir ao meio e correr em duas direções ao mesmo tempo. “Faça alguma coisa”, disse para si mesmo, “faça alguma coisa agora, seu imbecil.”

Sem motivo algum, Quinn seguiu para a esquerda, no encalço do segundo Stillman. Após nove ou dez passos, parou. Algo lhe dizia que passaria o resto da vida arrependido do que estava fazendo. Agia movido pelo rancor, ávido para castigar o segundo Stillman porvir confundi-lo. Virou-se para trás e viu o primeiro Stillman arrastando os pés na direção oposta. Sem dúvida, aquele era o homem. Essa criatura alquebrada, tão abatida e alheia ao mundo à sua volta — com certeza esse era o Stillman louco. Quinn respirou fundo, expirou com o peito sobressaltado e inspirou outra vez. Não havia como saber: nem isso, nem nada. Partiu atrás do primeiro Stillman, diminuindo o ritmo de seus passos a fim de acompanhar a velocidade do velho, e seguiu-o até o metrô.

- [Eram agora quase sete horas e a multidão tinha com](#)
- [12](#)

[1](#)

Em inglês, God(“Deus”) e dog (“cão”). (N. T.)

Eram agora quase sete horas e a multidão tinha começado a minguar. Embora Stillman parecesse confuso, sabia aonde estava indo. O professor seguiu direto para a escada do metrô, pagou a passagem na bilheteria, embaixo, e aguardou tranqüilamente na plataforma a composição para o Times Square. Quinn começou a perder o medo de ser notado. Nunca vira ninguém tão imerso em seus próprios pensamentos. Mesmo que ficasse de pé bem na frente de Stillman, Quinn duvidava que ele conseguisse notá-lo.

Viajaram no metrô para o West Side, percorreram os corredores úmidos da estação de metrô da rua 42 e desceram outra escada que levava aos trens interdistritais. Sete ou oito minutos depois, embarcaram no expresso da Broadway, seguiram em velocidade rumo à parte alta da cidade e, após duas longas paradas, desembarcaram na rua 96. Galgando lentamente a última escada, com várias interrupções no caminho para Stillman baixar a mala e tomar fôlego, afinal emergiram na esquina e penetraram na noite azul-escura. Stillman não hesitou. Sem se deter para firmar melhor seu ponto de apoio, pôs-se a caminhar subindo a Broadway pelo lado leste da rua. Por vários minutos, Quinn se entreteve com a convicção irracional de que Stillman estava andando na direção da sua casa na rua 107. Mas antes que pudesse se entregar a um pânico desenfreado, Stillman se deteve na esquina da rua 99, esperou que o sinal mudasse do verde para o vermelho e atravessou para o outro lado da Broadway. Meio quarteirão adiante ficava um hotelzinho ordinário para gente da pior espécie, o Hotel Harmony. Quinn passara muitas vezes por ele e estava habituado com os bêbados e vagabundos que circulavam por ali. Surpreendeu-o ver Stillman abrir a porta da frente e entrar na recepção. De algum modo, havia imaginado que o velho encontraria um alojamento mais confortável. Mas enquanto estava de pé do lado de fora da porta de vidro e via o professor avançar até o balcão, escrever o que sem a menor dúvida havia de ser o seu nome no livro de registro dos hóspedes, pegar sua mala e desaparecer no elevador, Quinn

entendeu que aquele era mesmo o local onde Stillman desejava ficar.

Quinn esperou do lado de fora durante as duas horas seguintes, andando para lá e para cá pela calçada, achando que talvez Stillman fosse sair para jantar em um dos bares vizinhos. Mas o velho não apareceu, e por fim Quinn concluiu que devia ter ido dormir. Ligou para Virginia Stillman de um telefone público na esquina, fez para ela um relatório completo do que tinha ocorrido e depois seguiu para casa na rua 107.

Na manhã seguinte, e por muitas manhãs depois, Quinn se instalou em um banco no meio da ilha de pedestres na esquina da Broadway com a rua 99- Chegava cedo, nunca depois das sete, e sentava ali com um café preparado para viagem, pão com manteiga e um jornal aberto no colo, vigiando a porta de vidro do hotel. Às oito horas, Stillman saía, sempre com o seu comprido sobretudo marrom, levando uma grande e antiquada mala de pano. Durante duas semanas, essa rotina não mudou. O velho perambulava pelas ruas da vizinhança, avançando devagar, às vezes mediante progressos ínfimos, parando, voltando a andar, parando de novo, como se cada passo tivesse de ser pesado e medido antes de ocupar seu lugar na soma total dos passos. Mover-se dessa maneira era difícil para Quinn. Estava habituado a andar ligeiro e todo aquele parar e recomeçar e cambalear ia se tornando um aborrecimento, como se o ritmo do seu corpo estivesse sendo quebrado. Ele era a lebre que perseguia a tartaruga, e o tempo todo tinha de se lembrar de conter os passos.

O que Stillman fazia nessas caminhadas permanecia um mistério para Quinn. Ele podia, é claro, ver com os próprios olhos o que acontecia e anotava tudo escrupulosamente em seu caderno vermelho. Mas o sentido dessas coisas continuava a intrigá-lo. Stillman nunca dava a impressão de estar indo para algum lugar determinado, tampouco parecia saber onde se encontrava. Entretanto, como se obedecesse a um desígnio consciente,

conservava-se em uma área bem circunscrita, delimitada ao norte pela rua

110, ao sul pela rua 72, a oeste pelo Riverside Park e a leste pela avenida Amsterdam. Por mais aleatórias que parecessem suas excursões — e cada dia seu itinerário era diferente —, Stillman jamais ultrapassava essas fronteiras. Tamanha exatidão desnorteava Quinn, pois em todos os outros aspectos Stillman parecia mover-se a esmo.

Enquanto andava, Stillman não erguia os olhos. Seu olhar se mantinha o tempo todo fixado na calçada, como se estivesse à procura de alguma coisa. Na verdade, de vez em quando ele parava, apanhava algum objeto no chão e o examinava com cuidado, revirando-o para um lado e outro na mão. Isso fazia Quinn pensar em um arqueólogo analisando um fragmento em alguma ruína pré-histórica. Às vezes, depois de esquadrinhar um objeto colhido em seu caminho, Stillman o atirava de volta para a calçada. Porém o mais freqüente é que abrisse sua bolsa e guardasse cuidadosamente o objeto ali dentro. Em seguida, metendo a mão em um dos bolsos do sobretudo, tirava de lá um caderno vermelho — semelhante ao de Quinn, porém menor — e escrevia nele com grande concentração durante um ou dois minutos. Tendo completado essa operação, punha o caderno de volta no bolso, pegava de novo a bolsa e prosseguia no seu caminho.

Até onde Quinn sabia, os objetos que Stillman pegava não tinham valor algum. Pareciam nada mais do que coisas quebradas, jogadas fora, refugos perdidos na rua. Com o decorrer dos dias, Quinn registrou um guarda-chuva retrátil despojado do seu pano, uma cabeça de boneca de plástico, uma luva preta, o bocal de uma lâmpada espatifada, vários retalhos de papel impresso (revistas enxovalhadas, jornais amarfanhados), uma fotografia rasgada, pedaços indistintos de máquinas e um monte de quinquilharias inúteis que ele não conseguia identificar. O fato de Stillman levar essa varredura tão a sério deixava Quinn intrigado, mas não podia

fazer nada mais do que observar, anotar o que via em seu caderno vermelho, pairar como um tolo na superfície das coisas. Ao mesmo tempo, agradava-lhe saber que Stillman possuía também um caderno vermelho, como se isso formasse um vínculo secreto entre eles. Quinn desconfiava que o caderno vermelho de Stillman continha as respostas para as perguntas que vinham se acumulando em sua mente, e começou a arquitetar várias estratégias a fim de roubá-lo do velho. Mas ainda não chegara a hora para dar esse passo.

Afora apanhar objetos na rua, Stillman parecia não fazer mais nada. De vez em quando parava em algum lugar para fazer uma refeição. Às vezes ocorria de esbarrar com uma pessoa e balbuciar um pedido de desculpas. Certa vez um carro quase o atropelou quando atravessava a rua. Stillman não falava com ninguém, não entrava nas lojas, não sorria. Não parecia nem feliz nem triste. Por duas vezes, quando o fruto de sua varredura se mostrou involuntariamente volumoso, ele voltou para o hotel no meio do dia e depois saiu de novo, alguns minutos depois, com a bolsa vazia. Na maior parte dos dias, passava pelo menos várias horas no Riverside Park, caminhando metodicamente pelas trilhas asfaltadas ou fustigando os arbustos com uma bengala. Em uma ocasião, Quinn reparou, Stillman chegou a curvar-se para observar um cocô de cachorro já seco, farejou-o com cuidado e guardou-o. Também era no parque que Stillman descansava. De tarde, em geral após o almoço, sentava-se em um banco e ficava contemplando o outro lado do rio Hudson. Certa vez, em um dia especialmente quente, Quinn o viu estirado na grama, dormindo. Quando escurecia, Stillman ia jantar no Apollo Coffee Shop, na esquina da rua 97 com a Broadway, e depois voltava para dormir no seu hotel. Não tentou entrar em contato com o filho nenhuma vez. Isso era confirmado por Virginia Stillman, para quem toda noite, depois de voltar para casa, Quinn telefonava.

O essencial era permanecer envolvido naquilo. Pouco a pouco, Quinn começou a sentir-se afastado de suas intenções originais, e se

perguntava agora se não teria embarcado em um projeto sem sentido. Era possível, é claro, que Stillman estivesse apenas ganhando tempo, acalentando o mundo para deixá-lo em um estado de letargia antes de atacar. Mas isso seria presumir que ele sabia que estava sendo vigiado, o que Quinn achava improvável. Até então, Quinn fizera seu trabalho direito, mantendo-se a uma distância discreta do velho, misturando-se ao tráfego da rua, sem chamar atenção para si mesmo mas também sem tomar medidas drásticas a fim de se conservar oculto. Por outro lado, era possível que Stillman soubesse o tempo todo que seria vigiado — e até já soubesse disso de antemão—e portanto não se tivesse dado ao trabalho de descobrir quem era o seu vigia. Se estar sendo seguido constituía uma certeza, que importância teria isso? Um vigia, uma vez descoberto, sempre podia ser substituído por outro.

Essa maneira de encarar a situação confortava Quinn e ele resolveu acreditar nisso, muito embora não tivesse motivos para fundamentar sua crença. Ou Stillman sabia o que estava fazendo, ou não sabia. E se não soubesse, Quinn não chegaria a parte alguma, estava perdendo seu tempo. Era muito melhor acreditar que todos os seus movimentos tinham na verdade um propósito. Se essa interpretação pressupunha um conhecimento da parte de Stillman, então Quinn admitiria esse conhecimento como um artigo de fé, pelo menos por enquanto.

Permanecia o problema de como ocupar seus pensamentos enquanto seguia o velho. Quinn estava habituado a vagar pelas ruas. Suas excursões pela cidade o haviam ensinado a compreender o vínculo entre o interno e o externo. Empregando o movimento ao acaso como uma técnica de inversão, ele conseguia em seus melhores dias transpor o exterior para o interior e desse modo usurpar a soberania da interioridade. Ao se inundar com o exterior, ao se afogar no que estava fora dele, Quinn conseguira exercer algum diminuto grau de controle sobre seus paroxismos de desespero. Perambular, portanto, era uma espécie de alheamento. Mas seguir Stillman não era perambular. Stillman podia perambular,

podia cambalear feito um cego de um lugar para o outro, mas esse era um privilégio negado a Quinn. Pois agora ele estava obrigado a se concentrar no que fazia, ainda que fosse quase nada. Volta e meia seus pensamentos começavam a andar à deriva e logo seus passos iam também pelo mesmo caminho. Isso queria dizer que ele se achava em constante perigo de acelerar os passos e chocar-se com Stillman pelas costas. A fim de se precaver desse contratempo, Quinn forjou vários métodos diferentes de desaceleração. O primeiro consistia em dizer a si mesmo que já não era mais Daniel Quinn. Era Paul Auster agora e, a cada passo que dava, tentava se adaptar de forma mais confortável aos rigores dessa metamorfose. Auster não passava de um nome para ele, uma casca sem conteúdo. Ser Auster significava ser um homem sem interior nenhum, um homem sem pensamentos.

E se não havia pensamentos à sua disposição, se sua própria vida interior se tornara inacessível, então não existia um lugar para onde ele pudesse fugir. Como Auster, Quinn não podia evocar recordações e temores, sonhos e alegrias, pois todas essas coisas, uma vez que pertenciam a Auster, representavam para ele um completo vazio. Em conseqüência, tinha de permanecer unicamente na superfície de si mesmo, voltando o olhar para o exterior em busca de um ponto de sustentação. Manter os olhos fixos em Stillman, por conseguinte, não era simplesmente uma distração para a cadeia dos seus pensamentos, mas sim o único pensamento que Quinn se permitia ter.

Durante um ou dois dias, essa tática obteve um sucesso moderado, mas no final até Auster começou a se abater com a monotonia. Quinn se deu conta de que precisava de mais alguma coisa para se manter ocupado, alguma tarefa ligeira para acompanhá-lo enquanto fazia o seu trabalho. No fim, foi o caderno vermelho que trouxe a salvação. Em vez de simplesmente rabiscar algumas anotações triviais, como fizera nos primeiros dias, Quinn resolveu registrar todos os detalhes possíveis a respeito de Stillman. Usando a caneta que havia comprado do surdo-mudo, lançou-se à tarefa com ardor.

Não só tomava nota dos gestos de Stillman, descrevia todos os objetos que ele rejeitava ou escolhia para a sua bolsa e mantinha um cronograma preciso para todos os acontecimentos, como também registrava com um cuidado minucioso o itinerário exato das deambulações de Stillman, anotando cada rua que tomava, cada curva que fazia, cada pausa que ocorria. Além de mantê-lo ocupado, o caderno vermelho retardava os passos de Quinn. Não existia agora o menor perigo de ultrapassar Stillman. O problema, ao contrário, era manter-se no seu encalço, garantir que ele não ia sumir de vista. Pois andar e escrever não eram atividades facilmente compatíveis. Se nos últimos anos Quinn passara seus dias fazendo uma e outra coisa, agora tentava fazer ambas ao mesmo tempo. No começo, não cometeu erros. Era sobretudo difícil escrever sem olhar para o papel e muitas vezes descobria que tinha escrito duas ou até três linhas uma por cima da outra, criando um palimpsesto embaralhado e ilegível. Olhar para a página, porém, significava parar, e isso aumentava suas chances de perder Stillman. Depois de um tempo, concluiu que era basicamente uma questão de posição. Experimentou pôr o caderno à sua frente em um ângulo de quarenta e cinco graus, mas constatou que seu pulso esquerdo logo se cansava. Em seguida, tentou manter o caderno bem na frente do rosto, os olhos espiando por cima do papel, como um Kilroy¹ de carne e osso, mas isso se revelou pouco prático. Depois, tentou escorar o caderno no braço direito, alguns centímetros acima do cotovelo, e apoiar as costas do caderno na palma da mão esquerda. Mas isso dava câibras na mão com que escrevia e tornava impossível escrever na metade de baixo da página. Por fim, resolveu colocar o caderno no quadril esquerdo, quase como um artista segura sua paleta. Isso representou um progresso. Levar o caderno não era mais um transtorno, e a mão direita podia segurar a caneta, desembaraçada de outras obrigações. Embora esse método também tivesse seus contratempos, parecia o arranjo mais confortável para o seu demorado trajeto. Pois Quinn agora conseguia dividir sua atenção quase igualmente entre Stillman e sua escrita, ora levantando os olhos para um, ora baixando os olhos para a outra,

vendo o fato e escrevendo a respeito dele no mesmo gesto fluente. Com a caneta do surdo-mudo na mão direita e o caderno vermelho no quadril esquerdo, Quinn continuou a seguir Stillman por mais nove dias.

Suas conversas noturnas com Virginia Stillman eram breves. Embora a lembrança do beijo ainda estivesse bem viva na mente de Quinn, não houve nenhum desdobramento romântico. A princípio, Quinn tinha esperado que alguma coisa acontecesse. Depois de um começo tão promissor, ele experimentou a certeza de que no final teria a senhora Stillman em seus braços. Mas sua cliente havia recuado bem depressa para trás da máscara de um relacionamento profissional e nem por uma vez fizera referência àquele momento isolado de paixão. Talvez Quinn se tivesse iludido em suas esperanças, confundindo-se momentaneamente com a figura de Max Work, um homem que jamais deixava de tirar proveito dessas situações. Ou quem sabe Quinn estivesse simplesmente começando a sentir sua solidão de forma mais contundente. Havia muito tempo que não tinha um corpo quente ao seu lado. E, para dizer a verdade, ele sentiu desejo por Virginia Stillman desde o momento em que a vira, bem antes de acontecer o beijo. Tampouco a atual falta de sinais encorajadores da parte de Virginia impedia que ele continuasse a imaginá-la nua. Imagens lascivas desfilavam pela cabeça de Quinn todas as noites e, embora as chances de se tornarem reais parecessem remotas, elas persistiam como uma diversão agradável. Muito mais tarde, bem depois de já ser tarde demais, ele compreendeu que bem no fundo vinha alimentando a esperança cavalheiresca de resolver o caso de forma tão esplêndida, de salvar Peter Stillman de todo e qualquer perigo de um modo tão fulminante e irrevogável que ganharia em recompensa os carinhos da senhora Stillman por quanto tempo desejasse. Isso, está claro, era um engano. Mas entre tantos enganos que Quinn cometeu desde o início até o final, não era em nada pior do que os outros.

Era o décimo terceiro dia desde que o caso começara. Quinn voltou para casa mal-humorado naquela noite. Estava desanimado,

disposto a abandonar o barco. Apesar dos jogos que vinha praticando consigo mesmo, apesar das histórias que inventara para manter-se ativo, o caso não parecia ter nenhuma consistência. Stillman era um velho maluco que esquecera o filho. Poderia ser seguido até o final dos tempos e mesmo assim nada iria acontecer. Quinn pegou o telefone e discou para o apartamento dos Stillman.

— Estou achando melhor tirar meu time de campo — disse para Virginia Stillman. — Pelo que vejo, não existe nenhuma ameaça para Peter.

— É isso mesmo que ele quer que a gente pense — respondeu a mulher. — Você não tem idéia de como ele é ardiloso. E de como é paciente.

—Ele pode ser paciente, mas eu não sou. Acho que você está jogando seu dinheiro fora. E que estou perdendo meu tempo.

— Tem certeza de que ele não viu você? Isso pode ser muito importante.

—Eu não apostaria minha vida nisso, mas sim, tenho certeza.

— O que você acha, então?

— Acho que você não tem com que se preocupar. Pelo menos por enquanto. Se alguma coisa acontecer mais tarde, entre em contato comigo. Virei correndo ao menor sinal de perigo.

Depois de uma pausa, Virginia Stillman disse:

— Você pode ter razão. — E depois de outra pausa: — Mas só para me tranquilizar um pouco mais, eu queria saber se você podia me fazer uma concessão.

— Depende do que você tem em mente.

— Nada de mais. Só vigie mais alguns dias. Para ter absoluta certeza.

— Com uma condição — respondeu Quinn. — Você tem de me deixar agir a meu modo. Nada de restrições. Preciso ficar livre para falar com ele, fazer perguntas, ir logo ao fundo da questão de uma vez por todas.

— Isso não seria arriscado?

— Não tem por que se preocupar. Não vou pisar na bola. Ele não vai nem desconfiar quem sou e o que pretendo.

— Como vai conseguir isso?

— É problema meu. Tenho um monte de truques guardados na manga. Você só precisa confiar em mim.

— Tudo bem, eu aceito. Acho que não vai fazer mal nenhum.

— Ótimo. Vou esperar mais alguns dias e aí então veremos em que pé estão as coisas.

— Senhor Auster?

— Sim?

— Estou imensamente grata. Peter tem andado muito bem nas duas últimas semanas e sei que é por sua causa. Ele fala sobre você o tempo todo. Você é como... não sei... um herói para ele.

— E como a senhora Stillman se sente?

— Ela sente a mesma coisa.

— É bom ouvir isso. Talvez um dia ela deixe que eu também me sinta grato a ela.

- Tudo é possível, senhor Auster. Deve se lembrar disso.
- Lembrarei. Seria um tolo se não lembrasse.

Quinn preparou um jantar ligeiro com ovos mexidos e torradas, tomou uma garrafa de cerveja e depois se instalou em sua escrivaninha com o caderno vermelho. Já vinha escrevendo nele por vários dias, enchendo uma página depois da outra com sua caligrafia errante, turbulenta, mas ainda não tivera ânimo de ler tudo o que havia escrito. Agora que o final parecia enfim à vista, imaginou se não deveria se aventurar a dar uma olhada.

Boa parte do texto era de leitura difícil, sobretudo no início. E quando conseguia decifrar as palavras, não parecia valer a pena o esforço. “Apanha um lápis no meio do quarto. Examina, hesita, põe na bolsa... Compra um sanduíche na lanchonete... Senta no banco do parque e lê o caderno vermelho. ” Essas frases lhe pareciam completamente inúteis.

Era tudo uma questão de método. Se o objetivo era compreender Stillman, conhecê-lo bem o bastante para conseguir prever o que faria em seguida, Quinn tinha fracassado. Começara com um número restrito de fatos: a formação e a profissão de Stillman, a prisão do seu filho, sua captura pela polícia e o internamento em um hospital, uma obra acadêmica bizarra, redigida enquanto se achava supostamente são, e acima de tudo a certeza de Virginia Stillman de que ele agora tentaria fazer algum mal ao filho. Mas os fatos do passado pareciam não ter nenhum apoio nos fatos do presente. Quinn estava profundamente decepcionado. Sempre imaginara que a chave do êxito de um detetive residia na observação minuciosa dos detalhes. Quanto mais acurado o exame, mais satisfatórios seriam os resultados. O pressuposto era de que o comportamento podia ser compreendido, que por baixo da infinita fachada de gestos, tiques e silêncios existia afinal uma coerência, uma ordem, uma fonte de motivação. Mas depois de quebrar a cabeça para decifrar todos esses efeitos de superfície, Quinn não se sentiu nem um pouco mais

perto de Stillman do que estava quando começou a segui-lo. Tinha vivido a vida de Stillman, caminhado no mesmo passo que ele, tinha visto o que ele via, e a única coisa que experimentava agora era a impenetrabilidade do homem. Em vez de reduzir a distância que havia entre ele e Stillman, Quinn viu o velho se afastar mais ainda, mesmo quando se achava diante dos seus olhos.

Sem nenhum motivo especial que pudesse apontar, Quinn abriu uma página em branco no caderno vermelho e desenhou ali um mapinha da área pela qual Stillman perambulava.

Em seguida, examinando cuidadosamente suas anotações, pôs-se a traçar com a caneta os movimentos que Stillman fizera em um único dia — o primeiro dia em que fizera um registro completo das deambulações do velho. O resultado foi o seguinte:

Quinn ficou espantado com o modo pelo qual Stillman havia contornado o território, sem se aventurar uma única vez em direção ao centro. O diagrama parecia um pouco o mapa de algum estado imaginário do Meio-Oeste americano. Exceto pelos onze quarteirões ao subir pela Broadway no início da caminhada e pela série de floreios que representavam os desvios de Stillman no Riverside Park, a imagem também lembrava um retângulo. Por outro lado, levando em conta a estrutura de quadrante das ruas de Nova York, poderia ser também um zero ou a letra "O".

Quinn passou para o mapa do dia seguinte e resolveu ver o que ia acontecer. O resultado não foi nem um pouco semelhante.

Essa imagem fez Quinn pensar em um pássaro, talvez uma ave de rapina, com as asas abertas, pairando nas alturas. Um instante depois, essa interpretação lhe pareceu estapafúrdia. A ave se dissipou e em seu lugar havia apenas duas formas abstratas, unidas pela pequena ponte que Stillman havia formado ao caminhar para oeste na rua 83.

Quinn se deteve um momento para refletir a respeito do que estava fazendo. Estaria rabiscando absurdos? Estaria jogando a noite fora feito um desmiolado, ou estava mesmo tentando descobrir alguma coisa? Tanto uma resposta como a outra eram inaceitáveis, ele percebeu. Se estava simplesmente matando o tempo, por que escolhera um jeito tão trabalhoso? Estaria tão desnortado que não tinha mais coragem de pensar? Por outro lado, se não estava apenas se entretendo, o que queria fazer, afinal? Tinha a impressão de que estava à procura de um sinal. Vasculhava o caos dos movimentos de Stillman à cata de algum vislumbre de coerência. Isso significava apenas uma coisa: que ele continuava a duvidar da arbitrariedade das ações de Stillman. Desejava que houvesse nelas algum sentido, por mais obscuro que fosse. Isso, em si mesmo, era inaceitável. Pois significava que Quinn estava se permitindo negar os fatos, e isso, conforme ele sabia muito bem, era a pior coisa que um detetive podia fazer.

Mesmo assim resolveu ir em frente. Não era tarde, nem sequer onze horas ainda, e a verdade é que aquilo não ia fazer mal nenhum. O resultado do terceiro mapa não tinha nenhuma semelhança com os dois anteriores.

Não parecia mais haver qualquer dúvida sobre o que estava ocorrendo. Deixando de lado os arabescos na região do parque, Quinn tinha certeza de que estava olhando para a letra "E".

Admitindo-se que o primeiro diagrama representasse de fato a letra "O", parecia legítimo supor que as asas do pássaro do segundo desenho formavam a letra "W". É claro, as letras O-W-E formavam uma palavra,² mas Quinn não estava preparado para tirar nenhuma conclusão. Ele não se dispôs a começar o seu inventário até chegar ao quinto dia das excursões de Stillman e a identidade das cinco primeiras letras estar fora de qualquer dúvida. Lamentou não ter começado mais cedo, ciente agora de que o mistério daqueles quatro dias era irrecuperável. Mas talvez conseguisse compensar o

que perdera no passado indo em frente. Ao chegar ao final, talvez pudesse intuir o princípio.

O diagrama do dia seguinte parecia desvendar uma forma semelhante à letra "R". A exemplo dos demais, era embaraçado por numerosas irregularidades, aproximações e firulas ornamentais na região do parque. Ainda se aferrando a uma aparência de objetividade, Quinn tentou olhar para o desenho como se não previsse encontrar ali uma letra do alfabeto. Tinha de admitir que nada era seguro: podia muito bem não fazer sentido algum. Talvez estivesse procurando imagens nas nuvens, como fazia quando menino. E mesmo assim a coincidência era impressionante demais. Se um mapa fosse parecido com uma letra, quem sabe até dois mapas, ele poderia ter desdenhado o fato como uma artimanha do acaso. Mas com quatro mapas seguidos, já seria levar a coisa longe demais.

O dia seguinte lhe deu um "O" torto, uma rosquinha esmagada em um dos lados por três ou quatro linhas denteadas saindo uma da outra. Depois veio um "F" bem alinhado, com os habituais remoinhos rococó no canto. Após isso veio um "B" que parecia duas caixas jogadas ao acaso uma em cima da outra, com aparas de madeira usadas para forrar embalagens transbordando pelas bordas. Em seguida veio um "A" claudicante que parecia um pouco uma escada de mão, com degraus a intervalos regulares dos dois lados. Por fim veio um segundo "B": precariamente enviesado em um determinado ponto caprichosamente escolhido, como uma pirâmide de cabeça para baixo.

Quinn então copiou as letras em ordem: owerofbab. Após revirar essas letras durante uns quinze minutos, trocando de ordem, separando umas das outras, remontando a seqüência, ele voltou à ordem original e as escreveu da seguinte maneira: ower of bab. A solução parecia tão grotesca que ele quase se apavorou. Mesmo admitindo que perdera os quatro primeiros dias e que Still-man

ainda não havia terminado, a resposta parecia inevitável: the tower of babel, A Torre de Babel.

Os pensamentos de Quinn momentaneamente fugiram para as páginas finais de A. Gordon Pym e para a descoberta dos estranhos hieróglifos na parede interna da fenda — letras inscritas na própria terra, como se estivessem tentando dizer uma coisa que já não podia mais ser compreendida. Mas, pensando melhor, isso não parecia adequado. Pois Stillman não deixara essa mensagem inscrita em parte alguma. Na verdade, criara as letras com o movimento dos seus passos, mas eles não tinham sido escritos. Era como fazer um desenho no ar com os dedos. A imagem se esvai na mesma hora em que a gente a cria. Não existe nenhum resultado, nenhum vestígio para assinalar o que fizemos.

Todavia as imagens existem de fato — não nas ruas onde foram desenhadas, mas no caderno vermelho de Quinn. Ele se perguntava se Stillman havia sentado em seu quarto todas as noites e planejado seu trajeto para o dia seguinte, ou se improvisara à medida que caminhava. Era impossível saber. Perguntava-se também que propósito essa escrita cumpria na mente de Stillman. Seria meramente uma espécie de anotação feita para si mesmo ou tinha o intuito de transmitir uma mensagem para os outros? No mínimo, concluiu Quinn, aquilo queria dizer que Stillman não tinha esquecido Henry Dark.

Quinn não queria entrar em pânico. Em um esforço para se controlar, tentou imaginar as coisas sob o pior ângulo possível. Ao encarar o pior, quem sabe as coisas no final não se revelassem tão ruins quanto ele pensava? Analisou a situação da seguinte forma. Primeiro: Stillman estava de fato planejando alguma coisa contra Peter. Réplica: isso sempre fora o pressuposto, afinal de contas. Segundo: Stillman sabia que seria seguido, sabia que seus movimentos seriam registrados, sabia que sua mensagem seria decifrada. Réplica: isso não alterava em nada o fato primordial — que Peter tinha de ser protegido. Terceiro: Stillman era muito mais

perigoso do que ele imaginara até então. Réplica: isso não queria dizer que ele ia conseguir concretizar seu intento.

Isso ajudou bastante. Mas as letras continuavam a horrorizar Quinn. A coisa toda era tão tortuosa, tão diabólica em seus circunlóquios, que ele não queria admitir. Depois vieram dúvidas, como se estivessem assumindo o comando, entupindo sua cabeça de vozes debochadas em tom de ladainha. Quinn imaginara tudo. As letras não eram letras de modo algum. Ele tinha visto as letras simplesmente porque queria vê-las. E ainda que os diagramas formassem de fato letras, era só uma coincidência. Stillman nada tinha a ver com isso. Tudo não passava de um acidente, um embuste que ele havia perpetrado a si mesmo.

Resolveu ir para a cama, dormiu direito, acordou, escreveu no caderno vermelho durante meia hora, voltou para a cama. Seu último pensamento antes de ir dormir foi que provavelmente dispunha ainda de dois dias, pois Stillman não havia completado sua mensagem. Faltavam as duas últimas letras — o “E” e o “L”. A mente de Quinn dispersou-se. Desembocou em um mundo de fantasia formado por fragmentos, um lugar de coisas sem nomes e nomes sem coisas. Em seguida, debatendo-se em seu torpor uma última vez, disse a si mesmo que El era a denominação de Deus em hebraico antigo.

Em seu sonho, que depois esqueceu, viu a si mesmo no depósito de lixo da cidade da sua infância vasculhando uma montanha de porcarias.

O primeiro encontro com Stillman ocorreu em Riverside Park. Era no meio da tarde, um sábado de bicicletas, de gente que leva o cachorro para passear e de crianças. Stillman estava sentado sozinho em um banco, olhando em frente, para nada em especial, com o caderninho vermelho no colo. Havia luzes em toda parte, uma luz imensa que parecia irradiar com força de cada coisa em que os olhos se detivessem, e acima, nos galhos das árvores, uma brisa não

parava de soprar, agitando as folhas com um sussurro nervoso, um levantar e baixar que emitia um murmúrio contínuo, feito as ondas na praia.

Quinn planejara seus movimentos com cuidado. Fingindo não ver Stillman, sentou-se no banco ao lado dele, cruzou os braços no peito e voltou os olhos na mesma direção que o velho. Nenhum dos dois falou. Pelas estimativas que fez posteriormente, Quinn calculou que esse intervalo durou quinze ou vinte minutos. A seguir, sem avisar, voltou-se para o velho e olhou para ele à queima-roupa, fixando os olhos teimosamente no perfil enrugado. Quinn concentrou todas as suas forças nos olhos, como se pudessem abrir um furo ardente no crânio de Stillman. Esse olhar se prolongou por cinco minutos.

Por fim Stillman virou-se para ele. Com uma surpreendente e mansa voz de tenor, falou:

- Desculpe, mas não vai ser possível falar com você.
- Eu não disse nada — retrucou Quinn.
- É verdade — disse Stillman. — Mas você precisa compreender que não tenho o costume de falar com estranhos.
- Repito — insistiu Quinn — que eu não disse nada.
- Sim, ouvi o que você disse da primeira vez. Mas não está interessado em saber por quê?
- Receio que não.
- Muito bem. Vejo que é um homem sensato.

Quinn deu de ombros, recusando-se a responder. Toda a sua pessoa agora transpirava indiferença.

Stillman sorriu vivamente com isso, inclinou-se para Quinn e disse, com uma voz conspiratória:

— Acho que vamos nos dar bem.

— Isso ainda vamos ver — respondeu Quinn depois de um longo intervalo.

Stillman riu — um breve e estrondoso “Ha” — e depois continuou.

—Não é que me desagradem os estranhos per se. Ocorre apenas que prefiro não falar com uma pessoa que não se apresenta. Para começar uma conversa, preciso ter um nome.

— Porém, uma vez que um homem diz seu nome, já não é mais um estranho.

—Justamente. É por isso que nunca falo com estranhos.

Quinn estava preparado para isso e sabia como responder. Não ia deixar que o pegassem. Como tecnicamente ele era Paul Auster, era esse o nome que tinha de proteger. Tudo o mais, até mesmo a verdade, seria uma invenção, uma máscara para escondê-lo e mantê-lo a salvo.

—Nesse caso—disse ele —, fico feliz em lhe fazer esse favor. Meu nome é Quinn.

— Ah — disse Stillman, pensativo, balançando a cabeça. — Quinn.

— Sim, Quinn. Q-U-I-N-N.

— Entendo. Sim, sim, entendo. Quinn. Hmmm. Sim. Muito interessante. Quinn. Uma palavra muito sonora. Rima com Caim, não é?

— É isso mesmo. Caim.

- E também com motim, se não estou enganado.
- Não está não.
- E também com tintim por tintim. Não é mesmo?
- Exatamente.
- Hmm. Muito interessante. Vejo muitas possibilidades nessa palavra, esse Quinn, essa... quintessência... de quididade. Quina, por exemplo. E quinhão. E quase. E quinze. Hmm. Rima com rim. Para não falar em fim. Hmm. Muito interessante. E sim. E vim. E gim. E mim. Hmm. Rima até com djim. Hmm. E se a gente pensar direito, com brim. Hmm. Sim, muito interessante. Gosto imensamente do seu nome, senhor Quinn. Ele se arvora em muitas pequeninas direções ao mesmo tempo.
- Pois é, eu mesmo já notei isso muitas vezes.
- A maioria das pessoas não presta atenção nessas coisas. Pensam nas palavras como se fossem pedras, grandes objetos imóveis e sem vida, como mônadas que jamais se alteram.
- As pedras podem se modificar. Podem ser gastas pelo vento ou pela água. Podem ser erodidas. Podem ser trituradas. É possível transformar as pedras em lascas, ou cascalho, ou pó.
- Exatamente. Percebi que o senhor era um homem sensato assim que o vi, senhor Quinn. Se o senhor soubesse quanta gente me ouviu sem me compreender. Minha obra sofreu muito por causa disso. Sofreu terrivelmente.
- Sua obra?
- Sim, minha obra. Meus projetos, minhas investigações, minhas experiências.

— Ah.

— Pois é. Mas apesar de todos os reveses, nunca me deixei intimidar. No momento, por exemplo, estou empenhado em uma das coisas mais importantes que já fiz. Se tudo correr bem, creio que terei na mão a chave para uma série de descobertas cruciais.

— A chave?

— Sim, a chave. Uma coisa que abre portas fechadas.

— Ah.

— É claro, por enquanto estou apenas coletando dados, reunindo provas, por assim dizer. A seguir, porei em ordem minhas descobertas. Trata-se de um trabalho muito árduo. O senhor nem acreditaria como é difícil, sobretudo para um homem na minha idade.

— Posso imaginar.

— É verdade. Há tanto a fazer e tão pouco tempo disponível. Toda manhã acordo ao raiar do dia. Tenho sempre de ir para a rua, não importa o tempo que faça, em movimento constante, sempre a pé, indo de um lugar para o outro. Isso me deixa esgotado, não tenha dúvida.

— Mas vale a pena.

— Tudo em nome da verdade. Nenhum sacrifício é grande demais.

— De fato.

— Veja, ninguém entendeu o que eu entendi. Sou o primeiro. Sou o único. Isso coloca sobre mim o peso de uma grande responsabilidade.

— O mundo sobre os ombros.

- Sim, por assim dizer. O mundo, ou o que restou dele.
- Não percebi que as coisas estavam assim tão ruins.
- Estão ruins mesmo. Talvez até pior que isso.
- Ah.
- Veja, o mundo está despedaçado, senhor. E meu trabalho é unir seus cacos outra vez.
- O senhor assumiu uma tarefa e tanto.
- Sei disso. Mas estou apenas em busca do princípio. Isso se encontra dentro da esfera de ação de um homem. Se conseguir assentar os fundamentos, outras mãos poderão se incumbir do trabalho de restauração propriamente dito. O importante é a base, o primeiro passo teórico. Infelizmente, não há mais ninguém capaz de fazê-lo.
- O senhor avançou muito?
- Andei a passos largos. De fato, sinto que estou à beira de uma ruptura importante.
- Fico feliz em saber.
- É mesmo um pensamento confortador, sim. E tudo por causa da minha sagacidade, a deslumbrante clarividência da minha mente.
- Não tenho dúvida alguma disso.
- Veja, compreendi a necessidade de me restringir. De trabalhar em um terreno reduzido o bastante para que todos os resultados sejam categóricos.
- O fundamento do fundamento, por assim dizer.

— É exatamente isso. O princípio do princípio, o método de operação. Veja, o mundo está despedaçado, senhor. Não só perdemos nosso sentido de finalidade, como perdemos também a linguagem por meio da qual poderíamos falar sobre isso. Sem dúvida, essas são questões espirituais, mas têm o seu equivalente no mundo material. Minha formidável proeza residiu em me confinar a coisas físicas, ao imediato e ao tangível. Meus motivos são sublimes, mas minha obra, agora, tem lugar no reino do cotidiano. É por isso que com tanta freqüência sou mal compreendido. Mas não importa. Aprendi a dar as costas para essas coisas.

— Uma reação admirável.

— A única reação possível. A única digna de um homem da minha estatura. Veja, estou prestes a inventar uma nova língua. Com uma obra como essa para realizar, não posso me perturbar com a burrice dos outros. Seja como for, é tudo parte da doença que estou tentando curar.

— Uma língua nova?

— Sim. Uma língua que irá, enfim, dizer aquilo que temos para dizer. Pois nossas palavras já não mais correspondem ao mundo. Quando as coisas formavam um todo, tínhamos confiança de que nossas palavras eram capazes de expressá-las. Mas aos poucos essas coisas se despedaçaram, se romperam, desmoronaram no caos. E no entanto nossas palavras permaneceram as mesmas. Elas não se adaptaram à nova realidade. Por isso, toda vez que tentamos falar o que vemos, falamos com falsidade, distorcendo a coisa mesma que desejamos representar. Tudo vira uma bagunça. Mas as palavras, como o senhor mesmo afirmou, são capazes de mudar. O problema é como demonstrá-lo. É por essa razão que agora eu trabalho com os recursos mais simples possíveis — tão simples que até uma criança é capaz de apreender o que estou dizendo. Imagine uma palavra que se refere a uma coisa — “guarda-chuva”, por exemplo. Quando digo a palavra “guarda-chuva”, vemos o objeto na

nossa mente. Vemos uma espécie de bengala com varetas de metal dobráveis em cima, que formam um tipo de armação para um tecido impermeável, o qual, quando aberto, vai nos proteger da chuva. Este último detalhe é importante. Um guarda-chuva não só é uma coisa, mas também uma coisa que desempenha uma função — em outras palavras, exprime a vontade do homem. Quando a gente pára para pensar, vê que todos os objetos são semelhantes ao guarda-chuva, que todos eles se prestam a uma função. Um lápis para escrever, um sapato para calçar, um carro para se locomover. Agora, minha pergunta é a seguinte: o que acontece quando uma coisa já não desempenha mais sua função? Ainda é a mesma ou se transformou em outra coisa? Quando você rasga o pano do guarda-chuva, ele ainda é um guarda-chuva? Você abre as varetas, ergue a armação acima da cabeça, caminha debaixo da chuva e fica todo ensopado. É possível continuar a chamar esse objeto de guarda-chuva? Em geral, as pessoas fazem isso. No máximo, dirão que o guarda-chuva está quebrado. Para mim isso constitui um erro sério, a fonte de todos os nossos problemas. Como já não pode mais desempenhar sua função, o guarda-chuva deixou de ser guarda-chuva. Pode até se parecer com um guarda-chuva, pode ter sido um guarda-chuva no passado, mas agora se transformou em outra coisa. A palavra, porém, permaneceu a mesma. Portanto, ela não pode mais exprimir a coisa. É imprecisa; é falsa; oculta a coisa que deveria revelar. E se não conseguimos sequer denominar um objeto trivial, cotidiano, que seguramos em nossa mão, como podemos pretender falar das coisas que nos dizem respeito mais a fundo? A menos que possamos começar a corporificar a noção de mudança nas palavras que usamos, continuaremos perdidos.

— E a sua obra?

— Minha obra é muito simples. Vim para Nova York porque é o lugar mais lamentável do mundo, o mais abjeto. A fragmentação está em toda parte, a desordem é universal. Basta abrir os olhos para ver. As pessoas quebradas, as coisas quebradas, os pensamentos quebrados. A cidade inteira é um monte de escória.

Isso se presta aos meus propósitos de forma admirável. Nas ruas, tenho uma fonte infinita de material, um depósito inesgotável de coisas esfaçalhadas. Todo dia saio com minha bolsa para coletar objetos que parecem dignos de investigação. Minhas amostras agora chegam a centenas, do lascado ao destroçado, do riscado ao esmagado, do pulverizado ao podre.

- O que o senhor faz com essas coisas?
- Eu lhes dou nomes.
- Nomes?
- Invento palavras novas que corresponderão às coisas.
- Ah. Agora entendi. Mas como é que o senhor decide? Como sabe que encontrou a palavra certa?
- Nunca cometo um erro. Essa é uma função do meu gênio.
- Poderia me dar um exemplo?
- De uma de minhas palavras?
- Sim.
- Desculpe, mas não será possível. É um segredo meu, entende? Quando eu tiver publicado meu livro, o senhor e o resto do mundo vão ficar sabendo. Mas por enquanto tenho de manter tudo em segredo.
- Informação confidencial.
- Exatamente. Altamente secreto.
- Desculpe.

— O senhor não deve ficar desanimado. Não vai demorar muito para que eu ponha em ordem minhas descobertas. Então, grandes coisas começarão a ocorrer. Será o acontecimento mais importante de toda a história da humanidade.

O segundo encontro teve lugar um pouco depois das nove horas na manhã seguinte. Era domingo e Stillman tinha saído do hotel uma hora depois do costume. Caminhou dois quarteirões até o lugar onde sempre tomava o café da manhã, o Mayflower Café, e sentou-se em um compartimento no canto e no fundo. Quinn, agora mais confiante, seguiu o velho até o interior do restaurante e sentou-se no mesmo compartimento, de frente para ele. Por um ou dois minutos, Stillman pareceu não notar sua presença. Em seguida, erguendo os olhos do cardápio, examinou o rosto de Quinn de um jeito meio distraído. Aparentemente não o reconheceu do encontro do dia anterior.

— Conheço o senhor? — perguntou ele.

— Não creio — respondeu Quinn. — Meu nome é Henry Dark.

— Ah — Stillman fez que sim com a cabeça. — Um homem que começa pelo essencial. Eu gosto disso.

— Não fico de rodeios em torno da sarça — disse Quinn.

— Sarça? E que sarça seria essa?

— A sarça ardente, é claro.

— Ah, sim. A sarça ardente. É claro — Stillman olhou para o rosto de Quinn, agora com um pouco mais de atenção, mas também com o que parecia ser uma certa confusão. — Desculpe — ele prosseguiu —, mas não lembro o seu nome. Recordo que você me disse seu nome não faz muito tempo, mas agora parece que ele se apagou.

— Henry Dark — respondeu Quinn.

- É isso mesmo. Sim, agora estou lembrando. Henry Dark.
- Stillman fez uma pausa demorada e depois balançou a cabeça.
- Infelizmente isso não é possível, senhor.
- Por que não?
- Porque não existe nenhum Henry Dark.
- Bem, talvez eu seja um outro Henry Dark. Em oposição ao que não existe.
- Hmm. Sim, estou entendendo. É verdade que duas pessoas às vezes têm o mesmo nome. É bem possível que seu nome seja Henry Dark. Mas você não é o Henry Dark.
- Ele é amigo do senhor?

Stillman riu, como se fosse uma boa piada.

- Não exatamente — disse ele. — Veja, nunca existiu uma pessoa chamada Henry Dark. Eu inventei isso. Ele é uma invenção.
- Essa não — exclamou Quinn, com um espanto fingido.
- Sim. É um personagem de um livro que escrevi tempos atrás. Uma ficção.
- Acho difícil de engolir.
- Todo mundo reagiu da mesma forma. Enganei a todos.
- Espantoso. E por que motivo o senhor fez uma coisa dessas?
- Eu precisava dele, entende? Na época, eu tinha certas idéias que eram polêmicas e perigosas demais. Assim simulei que essas

idéias tinham vindo de outra pessoa. Era um modo de me proteger.

— Como escolheu o nome de Henry Dark?

— É um nome bom, não acha? Gosto muito dele. Cheio de mistério e ao mesmo tempo muito conveniente. Prestava-se muito bem ao meu propósito. Além disso, tinha um sentido secreto.

— A alusão à escuridão?

—Não, não. Nada tão óbvio assim. Eram as iniciais. H. D. Isso era muito importante.

— De que modo?

— Não quer tentar adivinhar?

— Acho que não.

— Ah, experimente. Faça três tentativas. Se não acertar, eu conto para o senhor.

Quinn parou um instante, tentando dar o melhor de si.

— H. D. — disse ele. — Para Henry David? Como em Henry David Thoreau.

— Está longe.

— Que tal H. D. puro e simples? Para a poeta Hilda Doolittle?

— Pior ainda que a primeira.

— Tudo bem, mais uma tentativa. H. D. H... e D... Só um momento... E que tal... Só um momento... Ah... Sim, vamos lá. H para o filósofo que chora, Heráclito... e D para o filósofo que ri, Demócrito. Heráclito e Demócrito... os dois pólos da dialética.

— Uma resposta muito arguta.

—Acertei?

— Não, é claro que não. Mesmo assim é uma resposta arguta.

— Não pode dizer que não tentei.

— Não, não posso. É por isso que vou recompensá-lo com a resposta correta. Porque você tentou. Está pronto?

— Pronto.

—As iniciais H. D. no nome Henry Dark referem-se a Hump-ty Dumpty.

— Quem?

— Humpty Dumpty. O senhor sabe de quem estou falando. O ovo.

— Como em "Humpty Dumpty sentou-se em um muro"?

— Exatamente.

— Não entendo.

— Humpty Dumpty: a mais pura encarnação da condição humana. Ouça com atenção, senhor. O que é um ovo? É aquilo que ainda não nasceu. Um paradoxo, não é? Pois como pode Humpty Dumpty estar vivo se ainda não nasceu? No entanto, ele está vivo, não há engano algum. Sabemos disso porque ele é capaz de falar. Mais ainda, ele é um filósofo da linguagem. "Quando eu uso uma palavra, disse Humpty Dumpty em um tom meio debochado, ela significa apenas aquilo que eu quis que significasse, nem mais nem menos. A questão, disse Alice, é saber se você consegue fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes. A questão, disse Humpty Dumpty, é o que significa ser aquele que manda, e isso é tudo. "

- Lewis Carroll.
- Através do espelho, capítulo seis.
- Interessante.
- É mais do que interessante, senhor. É decisivo. Ouça com cuidado e talvez aprenda alguma coisa. Em seu pequeno discurso para Alice, Humpty Dumpty resume o futuro das esperanças humanas e fornece a chave para a nossa salvação: nos tornarmos senhores das palavras que falamos, fazer a língua corresponder às nossas necessidades. Humpty Dumpty era um profeta, um homem que falava verdades para as quais o mundo não estava pronto.
- Um homem?
- Desculpe. Um lapso de linguagem. Querodizer, um ovo. Mas esse lapso é instrutivo e ajuda a comprovar minha idéia. Pois todos os homens são ovos, por assim dizer. Existimos, mas ainda não atingimos a forma que é o nosso destino. Somos puro potencial, um exemplo do que ainda-está-por-vir. Pois o homem é uma criatura decaída, sabemos disso com base no Gênese. Humpty Dumpty é também uma criatura decaída. Cai do seu muro e ninguém consegue juntar seus pedaços de novo, nem mesmo o rei, nem seus cavalos, nem seus homens. Porém é isso que todos agora devemos nos empenhar em fazer. É nossa obrigação como seres humanos: unir os cacos do ovo outra vez. Pois todos nós, senhor, somos Humpty Dumpty. E ajudá-lo é ajudar a nós mesmos.
- Um argumento convincente.
- É impossível encontrar nele uma falha.
- Nenhuma rachadura no ovo.
- Exatamente.

- E, ao mesmo tempo, a origem de Henry Dark.
- Sim. Mas há mais do que isso. Um outro ovo, para dizer a verdade.
- Há mais de um?
- Meu Deus, há sim. Existem milhões deles. Mas o que tenho em mente é um ovo especialmente famoso. Na certa, é o ovo mais célebre do mundo.
- O senhor me deixa desorientado.
- Estou falando do ovo de Colombo.
- Ah, sim. É claro.
- Conhece a história?
- Todo mundo conhece.
- E ótima, não é? Confrontado com o problema de como colocar de pé um ovo, ele simplesmente quebrou de leve a pontinha, partindo a casca apenas o bastante para criar uma base plana capaz de suportar o ovo quando Colombo afastasse a mão.
- Funcionou.
- Claro que funcionou. Colombo era um gênio. Procurava o paraíso e descobriu o Novo Mundo. Ainda não é tarde demais para que ele se transforme no paraíso.
- De fato.
- Admito que as coisas ainda não funcionam muito bem. Mas existe ainda uma esperança. Os americanos nunca perderam seu desejo de descobrir novos mundos. Lembra-se do que ocorreu em 1969?

- Lembro de muitas coisas. Do que o senhor está falando, em especial?
- Os homens pisaram na Lua. Pense nisso, meu prezado senhor. Os homens pisaram na Lua!
- Sim, me lembro. Segundo o presidente, foi a coisa mais importante desde a criação do mundo.
- Ele tinha razão. A única coisa inteligente que aquele homem já disse. E como é que o senhor acha que é a Lua?
- Não tenho a mínima idéia.
- Vamos, vamos, pense de novo.
- Ah, sim. Agora entendo o que o senhor quer dizer.
- A semelhança não é perfeita, tenho de admitir. Mas é verdade que em certas fases, sobretudo em uma noite clara, a Lua se parece bastante com um ovo.
- Sim. Parece muito.

Nesse momento apareceu uma garçonete trazendo o café da manhã de Stillman e o colocou na mesa à sua frente. O velho contemplou a comida com apetite. Erguendo uma faca na mão direita com boas maneiras, ele partiu a casca do seu ovo cozido e disse:

- Como pode ver, senhor, não deixo pedra sobre pedra.

O terceiro encontro ocorreu horas depois nesse mesmo dia. A tarde já ia bem adiantada: a luz como uma gaze nos tijolos e nas folhas, as sombras se alongando. Mais uma vez, Stillman retirou-se para o Riverside Park, dessa vez seguindo em direção à orla do parque, indo repousar em uma elevação rochosa na rua 84, conhecida como monte Tom. No mesmo local, nos verões de 1843 e 1844, Edgar

Allan Poe passou muitas e longas horas fitando o rio Hudson. Quinn sabia disso porque se dedicara a se informar sobre esse tipo de coisas. Na verdade, ele mesmo se sentara ali muitas vezes.

Quinn agora tinha medo de fazer o que precisava fazer. Circundou a rocha duas ou três vezes, mas não conseguiu chamar a atenção de Stillman. Então sentou-se perto do velho e disse olá. Por incrível que pareça, Stillman não o reconheceu. Era a terceira vez que Quinn se apresentava a ele e a cada vez era como se fosse outra pessoa. Não conseguia determinar se isso era bom ou mau. Se Stillman estava fingindo, era o melhor ator do mundo. Pois toda vez que Quinn aparecia, era de surpresa. E mesmo assim Stillman nem sequer piscava. Por outro lado, se Stillman de fato não o reconhecia, o que isso queria dizer? Seria possível para qualquer um ser tão impermeável às coisas que via?

O velho indagou quem ele era.

— Meu nome é Peter Stillman — respondeu Quinn.

— Este é o meu nome — retrucou Stillman. — Eu sou Peter Stillman.

— Eu sou o outro Peter Stillman — disse Quinn.

— Ah. O senhor se refere ao meu filho. Sim, é possível. O senhor se parece bastante com ele. É claro, Peter é louro e o senhor é moreno escuro. Porém as pessoas mudam, não mudam? Num instante são uma coisa, e depois são outra.

— Exatamente.

— Muitas vezes refleti sobre você, Peter. Muitas vezes fiquei pensando comigo mesmo: “Como será que o Peter está passando?”.

— Agora estou muito melhor, obrigado.

—Fico contente em saber. Uma pessoa, certa vez, me contou que você tinha morrido. Isso me deixou muito triste.

— Não, eu me recuperei inteiramente.

— Estou vendo que sim. Está em grande forma. E fala muito bem.

— Todas as palavras agora me são acessíveis. Mesmo aquelas que trazem dificuldade para a maior parte das pessoas. Posso dizê-las todas.

— Estou orgulhoso de você, Peter.

— Devo tudo ao senhor.

— Filhos são uma grande bênção. Sempre afirmei isso. Uma bênção incomparável.

— Tenho certeza que sim.

— Quanto a mim, tenho dias bons e dias ruins. Quando chegam os dias ruins, penso nos que foram bons. A memória é uma grande bênção, Peter. A melhor coisa que existe, depois da morte.

— Sem dúvida alguma.

— É claro, temos de viver no presente, também. Por exemplo, estou no momento em Nova York. Amanhã, eu poderia estar em outra parte. Viajo um bocado, sabe. Hoje aqui, amanhã já fui embora. Faz parte da minha obra.

— Deve ser estimulante.

—Sim, me sinto muito estimulado. Minha mente nunca pára.

— Isso é bom de ouvir.

—Os anos pesam demais, é verdade. Mas temos tanto do que ser gratos. O tempo nos faz envelhecer, mas também nos dá o dia e a noite. E quando morremos, há sempre alguém para tomar o nosso lugar.

— Todos envelhecemos.

— Quando você ficar velho, talvez tenha um filho para confortá-lo.

— Eu gostaria disso.

— Então você será tão feliz quanto eu fui. Lembre-se, Peter, os filhos são uma grande bênção.

— Não esquecerei.

— E lembre-se também de que não se devem colocar todos os ovos no mesmo cesto. Em contrapartida, não conte com o ovo dentro da galinha.

— Não. Eu tento aceitar as coisas do jeito que são.

— Por último, nunca diga uma coisa que, no fundo do seu coração, você saiba que é falsa.

— Não direi.

— Mentir é uma coisa ruim. Faz a gente se arrepender até de ter nascido. E não ter nascido é uma desgraça. Ficamos condenados a viver fora do tempo, não existe dia nem noite. Não se tem sequer a chance de morrer.

— Eu entendo.

— Uma mentira nunca pode ser desfeita. Nem sequer a verdade consegue isso. Sou pai e conheço essas coisas. Lembre-se do que aconteceu com o pai do nosso país. Ele derrubou a cerejeira e depois contou ao pai dele: “Não posso contar uma mentira”. Pouco

depois, jogou moedas para o outro lado do rio. Essas duas histórias são fatos fundamentais na história dos Estados Unidos. George Washington derrubou uma árvore e depois jogou dinheiro fora. Você entende? Ele nos estava dizendo uma verdade essencial. A saber, que o dinheiro não dá em árvores. É isso que fez o nosso país ser grande, Peter. Agora o retrato de George Washington está em cada cédula de dólar. Há uma lição importante para ser aprendida em tudo isso.

— Concordo com você.

— É claro, é uma lástima que a árvore tenha sido derrubada. Aquela era a Árvore da Vida, e ela nos teria tornado imunes à morte. Agora damos boas-vindas à morte, sobretudo quando estamos velhos. Mas o pai do nosso país sabia qual era a sua obrigação. Não podia agir de outra forma. Este é o sentido da expressão "A vida é um pote de cerejas". Se a árvore tivesse permanecido de pé, teríamos alcançado a vida eterna.

— Sim, compreendo o que quer dizer.

— Tenho muitas idéias como essa na minha cabeça. Minha mente nunca pára. Você sempre foi um menino inteligente, Peter, e fico feliz que você compreenda.

— Acompanho perfeitamente o seu raciocínio.

— Um pai deve sempre ensinar a seu filho as lições que aprendeu. Desse modo o conhecimento é transmitido de geração para geração, e ficamos mais sábios.

— Não vou esquecer o que você me disse.

— Agora vou poder morrer feliz, Peter.

— Fico contente com isso.

- Mas você não deve esquecer nada.
- Não vou esquecer, meu pai. Prometo.

Na manhã seguinte, Quinn estava na frente do hotel na sua hora habitual. O tempo havia, enfim, mudado. Após duas semanas de céus esplendorosos, uma garoa caía em Nova York e as ruas estavam repletas do ruído dos pneus molhados em movimento. Durante uma hora, Quinn ficou sentado no banco, protegendo-se com um guarda-chuva preto, imaginando que Stillman fosse aparecer a qualquer momento. Quinn tomou seu café com um pãozinho, leu a reportagem sobre a derrota dos Mets no domingo e ainda não havia sinal do velho. Paciência, disse para si mesmo, e começou a se atracar com o resto do jornal. Passaram quarenta minutos. Chegou à seção de economia e estava prestes a ler a análise de uma fusão de empresas quando a chuva de repente ficou mais forte. Com relutância, levantou do seu banco e se retirou para um portal do outro lado da rua, em frente ao hotel. Ficou ali de pé em seus sapatos úmidos durante uma hora e meia. Será que Stillman estava doente?, ele se perguntou. Quinn tentou imaginá-lo deitado na cama, suando de febre. Talvez o velho tivesse morrido durante a noite e seu corpo ainda não tivesse sido descoberto. Essas coisas acontecem, disse para si mesmo.

Hoje deveria ser o dia decisivo, e Quinn fizera planos minuciosos e complicados. Agora seus cálculos não serviam para nada. Ficou perturbado ao perceber que não havia levado em conta essa possibilidade.

Mesmo assim, ele hesitava. Continuou ali de pé embaixo do guarda-chuva, vendo a chuva deslizar pela borda do pano em gotas pequenas e finas. Às onze horas, começou a amadurecer uma decisão. Meia hora depois, atravessou a rua, caminhou quarenta passos descendo o quarteirão e entrou no hotel de Stillman. O lugar fedia a repelente de baratas e a cinza de cigarros. Alguns hóspedes, sem ter aonde ir com a chuva, se achavam sentados no saguão,

refestelados em poltronas de plástico alaranjado. O lugar parecia deprimente, um inferno de pensamentos embolorados.

Um grande homem negro estava sentado atrás do balcão da recepção com as mangas arregaçadas. Um cotovelo apoiado no balcão e a cabeça escorada na mão aberta. Com a outra mão, virava as páginas de um jornal tablóide, mal se detendo para ler as palavras. Parecia tão entediado como se tivesse ficado ali a vida inteira.

— Gostaria de deixar um recado para um hóspede — disse Quinn.

O homem olhou para ele bem devagar, como se quisesse que Quinn sumisse.

— Gostaria de deixar um recado para um hóspede — repetiu Quinn.

— Não temos hóspede nenhum aqui — respondeu o homem. — A gente usa o termo residentes.

— Para um de seus residentes, então. Eu gostaria de deixar um recado.

— E quem é o tal sujeito, meu irmão?

— Stillman. Peter Stillman.

O homem fingiu pensar um momento, depois balançou a cabeça.

— Nada feito. Não me lembro de ninguém com esse nome.

— Não existe um livro de registro?

— Ah, sim, existe um livro de registro. Mas está no cofre.

— No cofre? Do que você está falando?

— Estou falando do livro, meu irmão. O patrão gosta de deixar o livro trancado no cofre.

— Imagino que você não saiba a combinação.

— Desculpe. Só com o patrão.

Quinn soltou um suspiro, enfiou a mão no bolso e pegou uma nota de cinco dólares. Bateu com ela no balcão e ficou com a mão espalmada em cima.

— Será que por acaso você não tem por aí uma cópia do livro de registro? — perguntou.

— Talvez — disse o homem. — Vou ter de procurar no meu escritório.

O homem levantou o jornal que estava aberto em cima do balcão. Embaixo do jornal estava o livro de registro.

— Um golpe de sorte — disse Quinn, afastando a mão do dinheiro.

— Pois é, acho que hoje é meu dia — respondeu o homem, fazendo a nota deslizar pela superfície do balcão, arrebatando-a na beirada e depois enfiando no bolso. — Como era mesmo o nome do seu amigo?

— Stillman. Um cara velho de cabelo branco.

— O coroa de sobretudo?

— Ele mesmo.

— A gente chama ele de Professor.

— É esse homem. Pode dizer o número do quarto dele? Entrou aqui faz duas semanas.

O funcionário abriu o livro de registro, virou as páginas e correu o dedo descendo a coluna de nomes e números.

— Stillman — disse ele. — Quarto 303- Não está mais aqui não.

— O quê?

— Foi embora.

— O que está dizendo?

— Escute, meu irmão, só estou dizendo o que está escrito aqui. Stillman fechou a conta na noite passada. Foi embora.

— É a maior loucura que já ouvi.

— Não me interessa se é loucura. Está tudo aqui, preto no branco.

— Ele deixou um endereço para contato?

— Você está de gozação, é?

— A que horas ele foi embora?

— Vai ter de perguntar ao Louie, o funcionário da noite. Chega às oito.

— Posso ver o quarto dele?

— Desculpe. Eu mesmo pus um hóspede nesse quarto hoje de manhã. O cara está lá em cima dormindo.

— Como ele era?

— Por cinco paus você está fazendo muitas perguntas, não acha?

— Esqueça — disse Quinn, sacudindo as mãos em desespero. — Não importa.

Caminhou de volta para o seu apartamento debaixo de um aguaceiro, se encharcando todo apesar do guarda-chuva. Danem-se as funções das coisas, disse consigo mesmo. Dane-se o sentido das palavras. Jogou o guarda-chuva no chão da sua sala, irritado. Depois tirou o paletó e arremessou-o contra a parede. Espirrou água para todo lado.

Ligou para Virginia Stillman, confuso demais para pensar em fazer qualquer outra coisa. Quando ela atendeu, Quinn quase desligou o telefone.

— Eu o perdi — disse ele.

— Tem certeza?

— Stillman fechou a conta do hotel na noite passada. Não sei onde está.

— Estou assustada, Paul.

— Teve notícias dele?

— Não sei. Acho que sim, mas não tenho certeza.

— O que isso quer dizer?

— Peter atendeu o telefone hoje de manhã enquanto eu tomava banho. Não quis me dizer quem era. Entrou no quarto, fechou as persianas e se recusa a falar.

— Mas ele já fez isso antes.

— Sim. É por isso que não tenho certeza. Mas faz muito tempo que não acontece.

- Parece mau.
- É disso que tenho medo.
- Não se preocupe. Tenho algumas idéias. Vou colocá-las em prática imediatamente.
- Como posso entrar em contato com você?
- Vou ligar de duas em duas horas, não importa onde eu esteja.
- Promete?
- Sim, prometo.
- Estou tão assustada, não consigo suportar.
- É tudo culpa minha. Cometi um erro idiota e lamento muito.
- Não, eu não culpo você. Ninguém pode vigiar uma pessoa vinte e quatro horas por dia. É impossível. Teria de ficar na pele da pessoa.
- É exatamente esse o problema. Pensei que eu estava na pele dele.
- Não é tarde demais, é?
- Não. Ainda temos muito tempo. Não quero que você fique preocupada.
- Vou tentar.
- Ótimo. Eu telefono.
- De duas em duas horas?
- De duas em duas horas.

Ele concluiu a conversa de forma bastante gentil. Apesar de tudo, conseguira manter Virginia Stillman calma. Achou difícil acreditar, mas ela ainda parecia confiar nele. Não que isso adiantasse grande coisa. Pois a verdade era que Quinn mentira para ela. Não tinha um punhado de idéias. A rigor, não tinha idéia nenhuma.

Agora Stillman havia ido embora. O velho se tornara parte da cidade. Era um ponto preto, um sinal de pontuação, um tijolo em um infinito muro de tijolos. Quinn podia caminhar pelas ruas todo dia pelo resto da vida e mesmo assim não ia encontrá-lo. Tudo fora reduzido ao acaso, um pesadelo de números e probabilidades. Não havia pistas, nenhum fio condutor, nenhum movimento a ser feito.

Quinn, em pensamento, refez o caminho até o início do caso. Seu trabalho era proteger Peter, e não seguir Stillman. Isso representara apenas um método, uma maneira de tentar prever o que ia acontecer. Ao vigiar Stillman, supunha que assim pudesse descobrir quais suas intenções em relação a Peter. Ele seguira o velho durante duas semanas. E, no entanto, o que ele podia concluir? Pouca coisa. O comportamento de Stillman fora obscuro demais para lhe fornecer qualquer pista.

Havia, é claro, algumas medidas radicais que eles podiam tomar. Quinn podia sugerir que Virginia Stillman conseguisse um número de telefone fora do catálogo. Assim eliminaria as ligações perturbadoras, pelo menos temporariamente. Se isso falhasse, ela e Peter poderiam mudar de endereço. Poderiam ir para outro bairro, talvez até deixar a cidade de uma vez. Na pior hipótese, poderiam assumir novas identidades, viver sob outros nomes.

Essa última idéia lembrou-o de uma coisa importante. Até agora — Quinn de repente se deu conta — não tinha investigado seriamente as circunstâncias em que fora contratado. As coisas se

passaram depressa demais e ele estivera inteiramente convencido de que seria capaz de se fazer passar por Paul Auster. Uma vez

investido desse nome, Quinn parou de pensar no Auster verdadeiro. Se esse homem era um detetive tão bom quanto os Stillman pensavam, talvez pudesse ajudar no caso. Quinn abriria o jogo com toda a franqueza, Auster o perdoaria e juntos trabalhariam para salvar Peter Stillman.

Procurou nas Páginas Amarelas a Agência de Detetives Auster. Não havia registro. Na lista de assinantes, porém, encontrou o nome. Tinha um Paul Auster em Manhattan, morando em Riverside Drive — não muito longe da casa de Quinn. Não havia nenhuma referência a uma agência de detetives, mas isso não significava nada, necessariamente. Vai ver Auster tinha tanto trabalho que nem precisava pôr anúncio. Quinn pegou o telefone e estava prestes a discar quando pensou melhor. Tratava-se de uma conversa importante demais para ser feita por telefone. Não queria correr o risco de ser repellido. Como Auster não tinha um escritório, devia trabalhar em casa. Quinn iria até lá e conversaria com ele face a face.

A chuva agora tinha parado e, embora o céu ainda estivesse cinzento, bem longe na direção oeste Quinn podia avistar um pequeno feixe de luz vazando através das nuvens. À medida que caminhava subindo o Riverside Drive, ele foi se tomando consciente do fato de que não estava mais seguindo Stillman. Tinha a impressão de que perdera metade de si mesmo. Durante duas semanas, estivera atado ao velho por um fio invisível. O que quer que Stillman tivesse feito, já tinha feito; aonde quer que Stillman tivesse ido, já tinha ido. O corpo de Quinn não estava habituado a essa nova liberdade e percorreu os primeiros quarteirões do seu trajeto no passo cambaleante do velho. O sortilégio havia terminado, mas o seu corpo ainda não sabia disso.

O prédio de Auster ficava no meio do comprido quarteirão entre as ruas 16 e 19, ao sul da igreja de Riverside e do túmulo de Grant. Era um lugar bem conservado, com maçanetas lustradas e vidros limpos, e tinha um ar de sobriedade burguesa que atraía Quinn naquele

momento. O apartamento de Auster ficava no décimo primeiro andar e Quinn tocou o interfone à espera de que uma voz lhe falasse. Mas a porta se abriu para ele sem nenhuma pergunta. Quinn empurrou a porta para a frente, atravessou a portaria e subiu de elevador até o décimo primeiro andar.

Foi um homem que abriu a porta do apartamento. Era um sujeito alto e moreno de uns trinta e poucos anos, com roupa amarrotada e barba de dois dias. Na mão direita, entre o polegar e os dois primeiros dedos, tinha uma caneta-tinteiro destampada, ainda na posição de quem está escrevendo. O homem parecia surpreso de encontrar um desconhecido na sua frente.

— Sim? — perguntou, hesitante.

Quinn falou no tom de voz mais educado que conseguiu encontrar:

— Você estava esperando outra pessoa?

— Minha mulher, para dizer a verdade. Foi por isso que abri a porta lá embaixo sem perguntar quem era pelo interfone.

— Lamento incomodar você — desculpou-se Quinn. — Mas estou à procura de Paul Auster.

— Eu sou Paul Auster — respondeu o homem.

— Gostaria de conversar com você. É muito importante.

— Primeiro vai ter de me dizer do que se trata.

— Eu mesmo não sei direito — Quinn dirigiu a ele um olhar grave.

— É complicado, eu receio. Muito complicado.

— Você tem um nome?

— Desculpe. Claro que tenho. Quinn.

— Quinn de quê?

— Daniel Quinn.

O nome pareceu sugerir alguma coisa a Auster e ele parou um momento, pensativo, como se estivesse procurando na memória.

— Quinn — murmurou consigo mesmo. — Conheço esse nome de algum lugar. — Ficou calado outra vez, fazendo um esforço ainda maior para trazer à tona a resposta. — Você não é um poeta, é?

— Já fui, em outra época — respondeu Quinn. — Mas já faz muito tempo que não escrevo poemas.

— Você escreveu um livro muitos anos atrás, não foi? Acho que o título era Negócios inacabados. Um livrinho de capa azul.

— Sim. Era eu mesmo.

— Gostei muito do seu livro. Fiquei com vontade de conhecer mais o seu trabalho. Na verdade, ficava imaginando o que teria acontecido com você.

— Ainda estou aqui. De um jeito ou de outro.

Auster abriu mais a porta e fez um gesto para Quinn entrar no apartamento. Era um lugar bastante agradável: de um formato incomum, com numerosos corredores compridos, livros espalhados por todo lado, nas paredes quadros de artistas que Quinn não conhecia, e alguns brinquedos de criança jogados no chão — um caminhão vermelho, um urso marrom, um monstro espacial verde. Auster levou-o até a sala de estar, lhe ofereceu uma cadeira estofada e puída para sentar e depois foi para a cozinha pegar uma cerveja. Voltou com duas garrafas, colocou-as em um caixote de madeira que servia de mesinha de chá e sentou-se no sofá de frente para Quinn.

— Você queria conversar sobre algum assunto literário? — começou Auster.

— Não — respondeu Quinn. — Antes fosse. Mas não tem nada a ver com literatura.

— Tem a ver com o que, então?

Quinn hesitou, olhou em volta sem ver nada, e tentou começar.

— Tenho a sensação de que houve um terrível engano. Vim aqui à procura de Paul Auster, o detetive particular.

—Oquê?—riuAuster, e nesse riso tudo desmoronou. Quinn percebeu o absurdo do que estava falando. Seria a mesma coisa que perguntar pelo cacique Touro Sentado — o efeito não teria sido diferente.

— O detetive particular — repetiu com voz mansa.

— Receio que você encontrou o Paul Auster errado.

— Você é o único no catálogo.

— Pode ser — admitiu Auster. — Mas não sou detetive.

— Então quem é você? O que faz?

— Sou escritor.

—Escritor?—Quinn pronunciou a palavra como se fosse um lamento.

— Desculpe — disse Auster. — Mas é isso o que sou.

— Se é verdade, então não há esperança. A coisa toda é um pesadelo.

— Não tenho idéia do que você está falando.

Quinn lhe contou. Partiu do início e percorreu a história inteira, passo a passo. A pressão vinha aumentando dentro dele desde o desaparecimento de Stillman, naquela manhã, e agora transbordou em uma torrente de palavras. Falou das ligações para Paul Auster, da forma inexplicável pela qual ele havia aceitado o caso, do seu encontro com Peter Stillman, da sua conversa com Virginia Stillman, da sua leitura do livro de Stillman, de ter seguido Stillman quando desembarcou na Grand Central Station, das deambulações diárias de Stillman, da bolsa de lona e dos objetos quebrados, dos mapas perturbadores que formavam letras do alfabeto, de suas conversas com Stillman, do sumiço de Stillman do hotel. Quando chegou ao fim, disse:

— Acha que estou louco?

— Não — respondeu Auster, que tinha ouvido com atenção o monólogo de Quinn. — Se eu estivesse no seu lugar, na certa teria feito a mesma coisa.

Essas palavras vieram como um grande alívio para Quinn, como se, depois de tudo, o fardo já não fosse apenas dele. Quinn teve vontade de pegar Auster nos braços e declarar sua amizade pelo resto da vida.

— Veja bem — disse Quinn. — Não estou inventando essa história. Tenho provas.—Pegou sua carteira e retirou de lá o cheque de quinhentos dólares que Virginia Stillman tinha preenchido duas semanas antes. Entregou-o para Auster. — Veja — disse ele.

— Está até nominal a você.

Auster examinou o cheque com atenção e fez que sim com a cabeça.

— Parece um cheque perfeitamente normal.

— Bem, é seu — disse Quinn. — Quero que fique com ele.

— Não posso aceitar, de jeito nenhum.

— Não me serve para nada. — Quinn olhou o apartamento em volta e fez um gesto vago. — Compre mais uns livros para você. Ou alguns brinquedos para seu filho.

— Este é um dinheiro que você ganhou. Você merece ficar com ele. — Auster hesitou um momento. — Mas tem uma coisa que vou fazer por você. Como o cheque está em meu nome, vou depositá-lo para você. Vou levá-lo ao meu banco amanhã de manhã, depositá-lo na minha conta e lhe darei o dinheiro quando for compensado.

Quinn não disse nada.

— Tudo bem? — indagou Auster. — Estamos combinados?

— Tudo bem — disse Quinn, afinal. — Vamos ver o que acontece.

Auster pôs o cheque na mesinha de café, como que indicando que o assunto estava encerrado. Depois recostou-se no sofá e fitou Quinn nos olhos.

— Há um problema muito mais importante do que o cheque

— disse ele. — O fato de meu nome ter sido misturado com essa história. Não consigo compreender de modo algum.

— Eu gostaria de saber se você andou tendo problemas com seu telefone ultimamente. As linhas às vezes se cruzam. Uma pessoa tenta ligar para um número e, ainda que disque certo, cai na casa de outra pessoa.

— Sim, já me aconteceu antes. Mas, mesmo que meu telefone estivesse quebrado, isso não esclarece de fato o problema. Até nos explica por que a ligação foi para você, mas não por que eles queriam falar comigo.

- Será que você conhece as pessoas envolvidas no caso?
- Nunca ouvi falar dos Stillman.
- Talvez alguém quisesse fazer uma brincadeira com você.
- Não ando com gente desse tipo.
- Nunca se sabe.

—Mas o fato é que não se trata de uma piada. É um caso de verdade, com gente real.

— Sim — respondeu Quinn, após um demorado silêncio. — Estou ciente disso.

Haviam chegado ao fim do que podiam conversar. Para além desse ponto, não havia nada: os pensamentos fortuitos de homens que nada sabiam. Quinn percebeu que devia ir embora. Estava ali fazia quase uma hora e estava chegando o momento de telefonar para Virginia Stillman. No entanto, relutava em ir embora. A cadeira era confortável e a cerveja o deixara um pouquinho alto. Esse tal Auster era a primeira pessoa inteligente com quem conversava havia muito tempo. Ele tinha lido a antiga obra de Quinn, apreciara-a, ficara na expectativa de ler mais coisas dele. Apesar de tudo, era impossível para Quinn não se sentir feliz com isso.

Ficaram ali sentados por um tempo sem dizer nada. Por fim, Auster encolheu os ombros de leve, o que dava a entender que haviam chegado a um impasse. Ele se levantou e disse:

— Eu ia fazer o almoço para mim. Não me importo em preparar comida para dois.

Quinn hesitou. Era como se Auster tivesse lido seus pensamentos, adivinhando aquilo que ele mais desejava — comer, ter uma desculpa para ficar mais um tempo.

—Eu, na verdade, preciso ir embora — disse Quinn. —Mas, sim, obrigado. Um pouco de comida não vai fazer mal.

— Que tal uma omelete de presunto?

— Acho bom.

Auster retirou-se para a cozinha a fim de preparar o almoço. Quinn gostaria de oferecer sua ajuda, mas não conseguia se mexer. Seu corpo parecia uma pedra. Na ausência de qualquer outra idéia, fechou os olhos. No passado, o reconfortava fazer o mundo desaparecer. Dessa vez, no entanto, Quinn nada encontrou de interessante no interior da sua cabeça. Parecia que tudo lá dentro tinha parado de se mexer. Depois, vindo da escuridão, começou a ouvir uma voz, uma voz idiota em tom de ladainha, que ficava cantando e repetindo a mesma frase muitas e muitas vezes: “Não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos”. Quinn abriu os olhos a fim de fazer cessar a voz.

Vieram pão e manteiga, mais cerveja, facas e garfos, sal e pimenta, guardanapos e duas omeletes, escorrendo, em pratos brancos. Quinn comeu com uma energia brutal, raspando o prato no que pareceu uma questão de segundos. Em seguida, fez um grande esforço para ficar calmo. Lágrimas espreitavam misteriosamente por trás dos seus olhos e sua voz parecia tremer quando falava, mas de algum modo ele conseguiu se conter. Para provar que não era um ingrato egocêntrico, passou a interrogar Auster a respeito do que ele escrevia. Auster mostrou-se um pouco reticente, mas afinal admitiu que estava escrevendo um livro de ensaios. O texto em curso no momento era sobre Dom Quixote.

— Um de meus livros prediletos — disse Quinn.

— Sim, meu também. Não existe nada igual.

Quinn perguntou a respeito do ensaio.

- Creio que posso chamá-lo de especulativo, uma vez que não me proponho a demonstrar nada. Na verdade, é tudo meio na base da brincadeira. Uma leitura imaginativa, acho que se pode dizer.
- Qual é o ponto central?
- Tem a ver sobretudo com a autoria do livro. Quem o escreveu e como foi escrito.
- Existe alguma dúvida?
- Claro que não. Mas eu me refiro ao livro dentro do livro que Cervantes escreveu, o livro que ele imaginou que estava escrevendo.
- Ah.
- É bastante simples. Cervantes, se você está lembrado, não mede esforços para convencer o leitor de que o autor não é ele. O livro, diz Cervantes, foi escrito em árabe por Cid Hamete Benen-geli. Cervantes descreve como descobriu o manuscrito por acaso, certo dia, no mercado de Toledo. Contrata uma pessoa para tra-duzi-lo para o espanhol e desse modo se apresenta simplesmente como o editor de uma tradução. Na verdade, ele não pode sequer afiançar a exatidão da tradução.
- Mesmo assim — acrescentou Quinn —, ele afirma que o texto de Cid Hamete Benengeli é a única versão verdadeira da história de dom Quixote. Todas as demais versões são fraudes, escritas por impostores. Ele faz questão de deixar bem claro que tudo o que está no livro aconteceu na realidade.
- Exatamente. Pois o livro, afinal de contas, representa uma denúncia dos perigos da fantasia. Cervantes não poderia fazê-lo de forma adequada por meio de uma obra de imaginação, não é verdade? Tinha de garantir que era tudo verdade.

— Apesar disso, sempre desconfiei de que Cervantes devorava aqueles romances antigos. Não é possível odiar com tanta violência uma coisa, a menos que uma parte da pessoa tenha também algum amor por ela. De certo modo, dom Quixote era apenas um substituto para ele mesmo.

— Estou de acordo com você. Não pode haver retrato mais perfeito de um escritor do que um homem enfeitiçado por livros.

—Justamente.

— Em todo caso, como se supõe que o livro seja real, segue-se que a história tem de ser escrita por uma testemunha ocular dos fatos que ocorrem nele. Mas Cid Hamete, o autor a quem a obra é atribuída, nunca aparece. Nem por uma vez alega estar presente naquilo que sucede. Desse modo, a pergunta que faço é a seguinte: quem é Cid Hamete Benengeli?

— Sim, compreendo aonde você quer chegar.

— A teoria que apresento nesse ensaio é de que Cid Hamete é na verdade uma mistura de quatro pessoas distintas. Sancho Pança, obviamente, é a testemunha. Não existe nenhum outro candidato — uma vez que ele é o único que acompanha dom Quixote em todas as suas aventuras. Mas Sancho não sabe ler nem escrever. Portanto, não pode ser o autor. Por outro lado, sabemos que Sancho tem um grande talento para a língua. Apesar de seus insólitos barbarismos de linguagem, ele é capaz de levar qualquer um na conversa no decorrer do livro. Para mim, parece perfeitamente possível que ele tenha ditado a história para outra pessoa, a saber, o barbeiro e o padre, bons amigos de dom Quixote. Eles puseram a história em uma forma literária apropriada, em espanhol, e depois entregaram o manuscrito para Sansão Carrasco, bacharel de Salamanca, que se incumbiu de traduzi-lo para o árabe. Cervantes encontrou a tradução, mandou vertê-la de novo para o espanhol e depois publicou o livro As aventuras de dom Quixote.

— Mas por que Sancho e os outros tiveram todo esse trabalho?

— A fim de curar a loucura de dom Quixote. Queriam salvar seu amigo. Lembre-se, no início eles queimam seus livros de cavalaria, mas essa medida não produz nenhum efeito. O Cavaleiro da Triste Figura não desiste de suas obsessões. Em seguida, a intervalos, todos eles partem ao encontro de dom Quixote sob variados disfarces, como uma mulher aflita, como o Cavaleiro dos Espelhos, como o Cavaleiro da Lua Branca, a fim de atrair dom Quixote de volta para casa. No final, de fato obtêm sucesso. O livro representava apenas um de seus ardis. A idéia era erguer um espelho diante da loucura de dom Quixote, chamar a atenção dos seus leitores para os seus absurdos e ridículas ilusões, de tal modo que, quando dom Quixote finalmente lesse o livro, veria o engano da sua conduta.

— Gosto disso.

— Pois é. Mas ainda há um último desdobramento. Dom Quixote, ao meu ver, não era realmente louco. Apenas fingia ser louco. A rigor, ele orquestrava tudo sozinho. Lembre: ao longo de todo o livro, dom Quixote preocupava-se com o problema da posteridade. Vezes seguidas, ele se pergunta se o cronista registrará com acuidade suas aventuras. Isso indica um conhecimento prévio da parte dele; dom Quixote sabe de antemão que o seu cronista existe. E quem seria ele, senão Sancho Pança, o fiel escudeiro que dom Quixote escolheu a dedo para esse fim? Do mesmo modo, escolheu os outros três para desempenhar os papéis que lhes destinou. Foi dom Quixote que engendrou o quarteto Benen-geli. E não só selecionou os autores, como também provavelmente foi ele mesmo que traduziu o manuscrito árabe de novo para a língua espanhola. Não devemos subestimar suas capacidades. Para um homem tão hábil na arte do disfarce, escurecer a pele e vestir a indumentária de um mouro não devia ser assim tão difícil. Gosto de imaginar aquela cena no mercado em Toledo. Cervantes contratando dom Quixote

para decifrar a história do próprio dom Quixote. Há uma grande beleza nisso.

— Mas você ainda não explicou por que um homem como dom Quixote perturbaria sua vida sossegada a fim de se envolver em uma brincadeira desse tipo.

— Pois essa é a parte mais interessante de todas. Na minha opinião, dom Quixote estava pondo em prática uma experiência. Queria testar a credulidade de seus companheiros. Seria possível, ele se perguntava, se apresentar de peito aberto diante do mundo e, com a maior convicção, cuspir as maiores mentiras e absurdos? Dizer que moinhos de vento eram cavaleiros, que a bacia do barbeiro era um capacete, que marionetes eram pessoas reais? Seria possível persuadir os outros a concordar com aquilo que ele dizia, mesmo que não acreditassem nele? Em outras palavras, até que ponto as pessoas tolerariam blasfêmias se elas lhes proporcionassem diversão? A resposta é óbvia, não é? Tolerariam até o infinito. Pois a prova é que ainda lemos o livro. Permanece extremamente divertido para nós. E, afinal, isso é tudo o que as pessoas querem de um livro: que seja divertido.

Auster recostou-se no sofá, sorriu com um certo prazer irônico e acendeu um cigarro. O homem, obviamente, estava contente consigo mesmo, mas a natureza exata desse prazer escapava a Quinn. Parecia uma espécie de riso silencioso, uma piada que se interrompia antes do desfecho, uma alegria generalizada, sem objeto. Quinn esteve prestes a dizer algo em resposta à teoria de Auster, mas não teve oportunidade. Quando abriu a boca para falar, foi interrompido pelo tilintar de chaves na porta da frente, o som da porta abrindo e depois batendo, e uma eclosão de vozes. O rosto de Auster se ergueu ao som das vozes. Levantou-se do sofá, pediu desculpas a Quinn e andou ligeiro na direção da porta.

Quinn ouviu risos na sala, primeiro de uma mulher e depois de uma criança — o agudo e o agudíssimo, o tilintante staccato dos

fragmentos de uma granada — e depois o ribombar de baixo da gargalhada de Auster. A criança falou:

— Pai, olha só o que achei!

E depois a mulher explicou que aquilo estava jogado na calçada, e por que não? Afinal, parecia em perfeito estado. Um instante depois, Quinn ouviu que a criança vinha correndo em sua direção pelo corredor. A criança entrou em disparada na sala de estar, deu de cara com Quinn e parou de chofre. Era um menino de cabelo louro de cinco ou seis anos de idade.

— Boa tarde — disse Quinn.

O menino, rapidamente se retraindo na timidez, conseguiu emitir apenas um débil “oi”. Na mão esquerda segurava um objeto vermelho que Quinn não conseguia identificar. Perguntou ao menino o que era aquilo.

— É um ioiô — respondeu, abrindo a mão para mostrá-lo. — Achei na rua.

— Está funcionando?

O menino deu de ombros com um gesto exagerado de pantomima.

— Sei lá. Siri não consegue usar. E eu não sei como é.

Quinn perguntou se ele podia experimentar, e o menino se

aproximou e pôs o ioiô na sua mão. Enquanto examinava o ioiô, podia ouvir a criança respirando ao seu lado, observando com atenção seus movimentos. O ioiô era de plástico, igual aos que havia usado para brincar muitos anos atrás, mas de certo modo parecia mais sofisticado, um artefato da era espacial. Quinn apertou o laço da ponta do cordão em torno do dedo médio, ficou de pé e fez uma tentativa. O ioiô emitiu um som de flauta, um assobio, enquanto

descia, e centelhas faiscaram dentro dele. O menino abriu a boca espantado, mas aí o ioiô parou de rodar, oscilando na ponta do cordão.

— Um grande filósofo disse certa vez — sussurrou Quinn — que o caminho que sobe e o que desce são um só.

—Mas você não fez o ioiô subir—retrucou o menino. —Ele só desceu.

—A gente tem de continuar tentando.

Quinn estava enrolando o carretel para uma nova tentativa quando Auster e a esposa entraram na sala. Quinn ergueu os olhos e viu primeiro a mulher. No mesmo instante, percebeu que estava encrocado. Ela era alta, magra, loura, de uma beleza radiante, com uma energia e uma felicidade que pareciam tornar invisível tudo à sua volta. Era demais para Quinn. Teve a sensação de que Auster estava escarnecendo dele, pelas coisas que tinha perdido, e Quinn reagiu com raiva e inveja, uma dilacerante autopiedade. Sim, ele também gostaria de ter essa esposa e esse filho, gostaria de ficar o dia inteiro de conversa fiada sobre livros antigos, cercado de ioiôs, omeletes de presunto e canetas-tinteiro. Ele suplicava a si mesmo por redenção.

Auster reparou no ioiô em sua mão e disse:

— Estou vendo que já se conheceram. Daniel — disse para o menino — este é Daniel. — E para Quinn, com o mesmo sorriso irônico: — Daniel, este é Daniel.

O garoto soltou uma risada e disse:

— Todo mundo é Daniel!

— Isso mesmo — disse Quinn. — Eu sou você e você é eu.

—E isso fica rodando e rodando a vida toda—gritou o menino, abrindo os braços de repente e saindo em disparada, correndo em volta da sala como um giroscópio.

— E esta — disse Auster, virando-se para a mulher—é a minha esposa. Siri.

A mulher sorriu com o seu sorriso, disse que estava feliz por conhecer Quinn como se estivesse realmente feliz por isso e depois estendeu a mão para ele. Quinn a apertou, sentindo a misteriosa fragilidade dos seus ossos, e perguntou se seu nome era norueguês.

— Pouca gente sabe disso — respondeu ela.

— Você veio da Noruega?

— Indiretamente — respondeu Siri. — Passando por North-field, Minnesota. —E depois ela riu com o seu riso, e Quinn sentiu que mais um pouco dele mesmo desmoronava.

— Sei que é meio repentino demais — disse Auster —, mas se você estiver com tempo, por que não fica e janta conosco?

— Ah — exclamou Quinn, lutando para se manter sob controle. — É muita gentileza sua. Mas preciso mesmo ir embora. Na verdade já estou atrasado.

Fez um derradeiro esforço, sorrindo para a esposa de Auster e acenando adeus para o menino.

— Até logo, Daniel — disse ele, caminhando rumo à porta.

O garoto olhou para Quinn do outro lado da sala e riu outra vez.

— Até logo para mim mesmo! — disse ele.

Auster acompanhou-o até a porta. Falou:

— Vou ligar assim que o cheque for compensado. Seu nome está na lista telefônica?

— Sim — respondeu Quinn. — Sou o único.

— Se precisar de mim para qualquer coisa — disse Auster— é só ligar. Ficarei feliz em ajudar.

Auster estendeu o braço para apertar sua mão, e Quinn se deu conta de que ainda segurava o ioiô. Pôs o ioiô na mão direita de Auster, deu uma palmadinha amistosa no seu ombro e se foi.

Quinn agora não estava em parte alguma. Não tinha nada, não sabia nada e sabia que não sabia nada. Não só fora mandado de volta para o início de tudo, na verdade ele agora estava antes do início, e tão longe do início que a situação era pior do que qualquer final que ele pudesse imaginar.

Seu relógio de pulso marcava quase seis horas. Quinn caminhou para casa do mesmo jeito que viera, alongando seus passos um pouco mais a cada quarteirão. Quando alcançou a sua rua, já estava correndo. É 2 de junho, disse para si mesmo. Tente lembrar-se disso. Aqui é Nova York e amanhã será 3 de junho. Se tudo correr bem, o dia seguinte será 4 de junho. Mas nada é certo.

Já havia passado muito tempo do seu horário de ligar para Virginia Stillman e Quinn se inquietava tentando resolver se devia ou não telefonar. Seria possível ignorá-la? Poderia abandonar tudo agora, sem mais nem menos? Sim, disse para si mesmo, era possível. Ele podia esquecer o caso, voltar à sua rotina, escrever outro livro. Podia viajar, se quisesse, até mesmo deixar o país por um tempo. Podia ir para Paris, por exemplo. Sim, isso era possível. Mas qualquer lugar servia, ele pensou, qualquer lugar do mundo.

Sentou-se em sua sala e olhou para as paredes. Em outros tempos elas haviam sido brancas, lembrou-se, mas agora tinham adquirido uma curiosa tonalidade amarela. Talvez, um dia, elas enveredassem ainda mais no rumo do encardido, decaindo no cinzento, ou mesmo no marrom, como um pedaço de fruta que envelhece. Uma parede branca se transforma em uma parede

amarela e em uma parede cinzenta, disse Quinn para si mesmo. A tinta se exaure, a cidade invade com sua fuligem, o reboco se esboroa por dentro. Alterações, e depois mais alterações ainda.

Fumou um cigarro, e depois outro, e depois outro. Olhou para as mãos, viu que estavam sujas e se levantou para lavá-las. No banheiro, com a água correndo na pia, resolveu fazer também a barba. Passou espuma na cara, pegou uma lâmina nova e começou a raspar a barba. Por algum motivo, achou desagradável encarar o espelho e continuou tentando desviar os olhos de si mesmo. Você está ficando velho, disse para si mesmo, está virando um velho chato. Depois foi para a cozinha, comeu uma tigela de flocos de milho e fumou mais um cigarro.

Agora eram sete horas. Mais uma vez, ele se perguntava se devia telefonar para Virginia Stillman. Enquanto revolvía a questão na sua mente, lhe ocorreu que já não tinha mais uma opinião formada. Entendia as razões para telefonar e ao mesmo tempo entendia as razões para não telefonar. No final, foram as boas maneiras que deram a última palavra. Não seria bonito sumir sem se despedir de Virginia. Feito isso, já não teria mais problema nenhum. Contanto que se diga às pessoas o que se vai fazer, raciocinava ele, está tudo bem. Depois a gente fica livre para fazer o que bem entender.

O telefone dela, porém, estava ocupado. Quinn esperou cinco minutos e ligou de novo. Mais uma vez, estava ocupado. Depois disso, durante uma hora, Quinn ficou ligando e esperando, sempre com o mesmo resultado. Enfim, chamou a telefonista e perguntou se o telefone estava quebrado. Haveria uma tarifa de trinta centavos,

avisaram. Em seguida veio um chiado nos fios, o ruído de um número sendo discado, mais vozes. Quinn tentou imaginar como seriam as telefonistas. Então a primeira mulher falou com ele outra vez: o telefone estava mesmo ocupado.

Quinn não sabia o que pensar. Havia tantas possibilidades, ele nem tinha por onde começar. Stillman? O fone fora do gancho? Alguma pessoa desconhecida?

Ligou a televisão e viu os dois primeiros tempos do jogo dos Mets. Depois discou de novo. A mesma coisa. No auge do terceiro tempo, St. Louis marcou um ponto importante na primeira base, uma base perdida, um jogador da base fora de jogo, uma rebatida desperdiçada. Os Mets reagiram na metade do tempo que lhes coube, com um ponto duplo de Wilson e um simples de Youngblood. Quinn percebeu que não se importava. Entrou um anúncio de cerveja e ele tirou o som. Pela vigésima vez, tentou ligar para Virginia Stillman, e pela vigésima vez aconteceu a mesma coisa. No ponto culminante do quarto período, o time de St. Louis marcou quatro runs, e Quinn desligou também a imagem. Encontrou seu caderno vermelho, sentou na escrivaninha e ficou concentrado escrevendo durante as duas horas seguintes. Não se deu ao trabalho de reler o que já tinha escrito. Depois telefonou para Virginia Stillman e ouviu mais uma vez o sinal de ocupado. Bateu o fone no gancho com tanta força que o plástico trincou. Quando tentou ligar de novo, já não conseguiu ouvir o sinal de discar. Ficou de pé, foi para a cozinha e se serviu de mais uma tigela de flocos de milho. Depois foi para a cama.

Em seu sonho, que mais tarde esqueceu, se via caminhando pela Broadway, levando pela mão o filho de Auster.

Quinn passou o dia seguinte andando. Começou cedo, logo depois das oito, e não parou para pensar aonde estava indo. Aconteceu de ver, nesse dia, muita coisa que nunca antes havia notado.

A cada vinte minutos entrava em uma cabine de telefone e ligava para Virginia Stillman. Assim como fora na noite anterior, era também agora. A essa altura, Quinn já esperava que o telefone estivesse mesmo ocupado. Isso já não o aborrecia mais. O sinal de ocupado se tornara um contraponto para os seus passos, um metrônomo batendo incansável em meio aos ruídos fortuitos da cidade. Havia um conforto no pensamento de que, toda vez que discasse o número, o mesmo som estaria ali à espera de Quinn, sem jamais se furtar à sua recusa, ao seu discurso negador de qualquer possibilidade de discurso, tão persistente quanto o bater de um coração. Virginia e Peter Stillman agora estavam distantes dele. Mas Quinn podia aplacar sua consciência com a idéia de que ainda continuava tentando. Qualquer que fosse o terror por que eles estavam passando agora, Quinn ainda não os abandonara.

Desceu pela Broadway até a rua 72, virou para leste na direção de Central Park Oeste, e seguiu até a rua 59 e a estátua de

Colombo. Lá, virou mais uma vez para leste, seguindo pelo Central Park Sul até a avenida Madison, e aí dobrou à direita, rumo ao centro da cidade, na direção da Grand Central Station. Depois de rodar ao acaso por alguns quarteirões, continuou rumo ao sul por mil e seiscentos metros, chegou ao entroncamento da Broadway com a Quinta Avenida, na rua 23, deteve-se a fim de contemplar o Flatiron Building e depois mudou de direção, dando uma guinada para oeste até chegar à Sétima Avenida, altura em que virou para a esquerda e avançou rumo ao centro da cidade. Na Sheridan Square, virou de novo para o leste, descendo a passo lento a Waverly Place, atravessando a Sexta Avenida e seguindo até Washington Square. Passou sob o arco e tomou a direção sul no meio da multidão, parando um instante para observar a exibição de um malabarista em uma corda bamba estendida entre um poste de luz e um tronco de árvore. Depois deixou para trás o pequeno parque na sua esquina leste, caminhou pelo conjunto de alojamentos da universidade com seus gramados verdejantes e virou à direita na rua Hudson. Na Broadway Oeste, virou outra vez, agora para a esquerda, e foi em

frente na direção do canal. Desviando-se ligeiramente para a direita, passou por um parquinho mirim e fez a volta rumo à rua Varick, passou pelo número 6, onde tinha morado tempos atrás, e depois retomou o seu curso para o sul, tomando novamente a Broadway Oeste onde ela se fundia com a rua Varick. A Broadway Oeste levou-o até a entrada do World Trade Center e para o interior da portaria de uma das torres, onde fez sua trigésima ligação do dia para Virginia Stillman. Quinn resolveu comer alguma coisa, entrou em uma das lanchonetes instaladas no térreo e consumiu preguiçosamente um sanduíche, enquanto trabalhava um pouco no seu caderno vermelho. A seguir, caminhou de novo para o leste, perambulando pelas ruas estreitas do setor financeiro, e depois tomou a direção sul, rumo ao Bowling Green, onde viu a água e as gaiotas acima dela, planando na luz do meio-dia. Por um instante, pensou se devia tomar a balsa para Staten Island, mas achou melhor não, e então se encaminhou para o norte. Na rua Fulton, escapuliu para a direita, seguiu o caminho para nordeste na Broadway Leste, que passava através do miasma do Lower East Side e depois subia para Chinatown. De lá, ele encontrou a Bowery, que o levou até a rua 14. Depois, enveredou para a esquerda, cruzou a Union Square, e prosseguiu na direção da parte alta da cidade pela Avenida Park Sul. Na rua 23, barafustou para o norte. Alguns quarteirões adiante, desviou de novo para a direita, seguiu um quarteirão rumo ao leste, e depois subiu pela Terceira Avenida durante um tempo. Na rua 32, virou à direita, foi desembocar na Segunda Avenida, dobrou à esquerda, andou para a parte alta da cidade por mais três quarteirões e em seguida virou para a direita uma última vez, ocasião em que acabou deparando com a Primeira Avenida. Então caminhou ao longo dos sete quarteirões restantes até as Nações Unidas e resolveu descansar um pouco. Sentou em um banco de pedra na praça e respirou fundo, descansando à toa, no ar e na luz, de olhos fechados. Depois abriu o caderno vermelho, pegou no bolso a caneta do surdo-mudo e começou uma nova página.

Pela primeira vez desde que havia comprado o caderno vermelho, o que Quinn escreveu naquele dia nada tinha a ver com o caso Stillman. Em vez disso, se concentrou nas coisas que vira enquanto andava. Não parou a fim de pensar no que estava fazendo, nem analisou as possíveis significações desse ato incomum. Sentia uma premência de registrar certos fatos e queria pô-los no papel antes que os esquecesse.

Hoje, como nunca antes: os vagabundos, os indigentes, as mendigas que carregam sacolas, os bêbados e os vadios. Abrangem desde os meramente pobres até os que se encontram em completa desgraça. Para onde quer que se olhe, lá estão eles, em bairros bons e ruins.

Alguns mendigam com uma aparência de orgulho. Me dá esse dinheiro aí, parecem dizer, e em pouco tempo estarei de volta, para junto de vocês, zanzando para um lado e outro em minhas caminhadas diárias. Outros abandonaram toda esperança de um dia deixar essa vida de mendigo. Ficam ali largados na calçada com seu chapéu, ou caneca, ou caixa, sem sequer se dar ao trabalho de erguer os olhos para o passante, derrotados demais até para agradecer quem deixa cair uma moeda ao seu lado. Outros ainda tentam trabalhar pelo dinheiro que recebem-, os cegos que vendem lápis, os bêbados que lavam as janelas do seu carro. Uns contam histórias,

em geral relatos trágicos das próprias vidas, como se quisessem oferecer a seus benfeitores algo em troca da sua bondade — nem que sejam só palavras.

Outros possuem talentos autênticos. O velho negro de hoje, por exemplo, que sapateava enquanto fazia malabarismos com cigarros — ainda com dignidade, obviamente um artista de vaudeville em outros tempos, vestindo um terno púrpura com uma camisa verde e uma gravata amarela, sua boca congelada em um sorriso que era uma pálida recordação do sorriso que usava no palco. Há também os artistas que desenham com giz na calçada e os músicos:

saxofonistas, guitarristas, violinistas. De vez em quando, a gente cruza até com um gênio, como ocorreu comigo hoje:

Um clarinetista de idade indeterminada, usando um chapéu que fazia sombra no seu rosto e sentado de pernas cruzadas na calçada, à maneira de um encantador de serpente. Bem à sua frente ficavam dois macacos de brinquedo, um com um pandeiro e o outro com um tambor. Enquanto um sacudia e o outro batia, os dois marcando uma síncope precisa e bizarra, o homem improvisava de forma interminável pequeninas variações no seu instrumento, seu corpo oscilando todo duro para a frente e para trás, imitando com vigor o ritmo dos macacos. Tocava com elegância e talento, desenhos ondulantes e rebuscados em tom menor, como se estivesse feliz de estar ali com seus amigos mecânicos, encerrado no universo que havia criado, sem erguer os olhos uma única vez. Continuava a tocar sem nunca parar, sempre a mesma coisa, e mesmo assim quanto mais eu ouvia mais difícil era ir embora.

Estar dentro daquela música, ser arrebatado para dentro do círculo das suas repetições: talvez esse seja um lugar onde possamos por fim desaparecer.

Mas pedintes e músicos de rua constituem apenas uma pequena parte da população de vagabundos. São a sua aristocracia, a elite dos decaídos. Muito mais numerosos são aqueles sem nada para fazer, sem nenhum lugar para ir.

Muitos são bêbados — mas essa palavra não faz justiça à devastação que eles encarnam. Montanhas de desespero, roupas em trapos, rostos esfolados e sangrando, eles cambaleiam pelas ruas como se estivessem acorrentados. Adormecidos junto às paredes, andando às tontas feito loucos no meio do trânsito, desmaiando na calçada — parecem estar em toda parte na hora em que a gente procura por eles. Alguns morrem de fome, outros de frio, outros ainda serão espancados, queimados ou torturados.

Para cada alma perdida nesse inferno particular, existem inúmeras outras trancafiadas na loucura — incapazes de saírem para o mundo que aguarda no limiar dos seus corpos. Muito embora pareçam estar ali, não podem ser considerados como presentes. O homem, por exemplo, que anda por toda parte com baquetas de bateria, batucando na calçada em um ritmo desordenado, absurdo, desajeitadamente curvado para a frente enquanto caminha pela rua, batucando no cimento sem parar. Talvez acredite que está fazendo um trabalho importante. Talvez, se ele não fizesse o que faz, a cidade inteira desmoronaria. Quem sabe a Lua giraria fora da sua órbita e viesse se chocar com a Terra. Tem aqueles que falam sozinhos, que balbuciam, gritam, xingam, rugem, contam histórias para si mesmos como se fossem outra pessoa. O homem que vi hoje, sentado feito um monte de lixo em frente à Grand Central Station, a multidão passando às pressas por ele, que dizia com uma voz alta, tensa de pânico-. “Fuzileiros do Terceiro... Comendo abelhas... As abelhas rastejando para fora da minha boca”. Ou a mulher que grita para um companheiro invisível: “E se eu não quiser? O que é que vai acontecer se eu não quiser porra nenhuma?”.

Existem as mendigas com suas sacolas e os mendigos com suas caixas de papelão, arrastando seus pertences de um lugar para o outro, sempre em movimento, como se tivesse alguma importância o local onde eles estejam. Tem o homem enrolado na bandeira americana. Tem a mulher com uma máscara de Dia das Bruxas na cara. Tem o homem com o

sobretudo estraçalhado, os sapatos envoltos em trapos, levando em um cabide uma camisa branca muito bem passada — ainda envolvida pelo plástico da lavanderia. Tem o homem de paletó de executivo, descalço e com um capacete de futebol americano na cabeça. Tem a mulher cujas roupas são todas cobertas, dos pés à cabeça, por broches da campanha presidencial. Tem o homem que anda com a cara enfiada nas mãos, chorando histericamente e

dizendo repetidas vezes: “Não, não, não. Ele morreu. Ele não morreu. Não, não, não. Ele morreu. Ele não morreu”.

Baudelaire: II me semble que je serais toujours bien là ou je ne suis pas. Em outras palavras: Parece-me que sempre estarei feliz no lugar onde não estou. Ou, mais curto e grosso: Onde quer que eu não esteja, é aí que estou de verdade. Ou ainda, pegando o touro a unha: Em qualquer lugar fora do mundo.

Era quase noite. Quinn fechou o caderno vermelho e pôs a caneta no bolso. Queria pensar um pouco mais sobre o que havia escrito, mas descobriu que não podia. O ar em volta estava suave, quase doce, como se já não pertencesse mais à cidade. Levantou-se do banco, esticou braços e pernas e caminhou até uma cabine telefônica, onde ligou de novo para Virginia Still-man. Depois foi jantar.

No restaurante, se deu conta de que havia tomado uma decisão. Sem que ele soubesse, a resposta já estava à mão, à sua espera, inteiramente formada em sua mente. O sinal de ocupado, ele agora compreendia, não fora algo arbitrário. Era um aviso, e lhe dizia que não podia ainda romper esse vínculo com o caso, mesmo que desejasse. Tentara entrarem contato com Virginia Stillman a fim de lhe dizer que estava farto, mas o destino não permitiu. Quinn se deteve para ponderar a respeito disso. Seria “destino” realmente a palavra que queria usar? Parecia uma opção grave e antiquada. No entanto, investigando a questão mais a fundo, constatou que era exatamente isso que queria dizer. Ou, se não exatamente, chegava mais perto do que qualquer outra palavra que conseguia imaginar. Destino, no sentido daquilo que era, ou do que, bem ou mal, foi. Era algo como o pronome “ele”, que não aparece na frase “chove”, ou “anoiteceu”. Quinn nunca soubera a quem se referia o sujeito desses verbos. Uma condição geral das coisas, talvez; o estado de ser que constituía a base a partir da qual os fatos do mundo ocorriam. Quinn não conseguia ser mais claro do que isso. Mas talvez não estivesse mesmo buscando algo claro.

Era o destino, portanto. Não importa o que ele pensasse, por mais que desejasse algo diferente, nada havia que pudesse fazer. Respondera sim a uma proposta que lhe fizeram e agora se via impotente para desdizer aquele sim. Isso significava só uma coisa: tinha de ir até o final. Não podia haver duas respostas. Ou era isso ou era aquilo. E portanto era assim mesmo, gostasse ele ou não.

A questão de Auster era obviamente um engano. Talvez tenha existido no passado um detetive particular em Nova York com esse nome. O marido da enfermeira de Peter era um policial aposentado — portanto, não era jovem. No seu tempo, sem dúvida, existira um Auster com uma boa reputação, e o policial naturalmente pensou nele quando lhe pediram a indicação de um detetive. Procurou no catálogo, viu uma única pessoa com esse nome e supôs que fosse o homem certo. Depois deu o número de telefone para os Stillman. Nesse ponto, ocorreu o segundo engano. Houve uma barafunda nas linhas e de algum modo o seu telefone pegou uma linha cruzada com o telefone de Auster. Esse tipo de coisa acontece todo dia. E assim recebeu a ligação — que, no final da história, se destinava mesmo ao homem errado. Tudo fazia sentido.

Permanecia um problema. Se ele não conseguisse entrar em contato com Virginia Stillman — se, conforme acreditava, não queriam que ele entrasse em contato com ela — de que forma exatamente deveria agir? Seu trabalho era proteger Peter, garantir que ele não sofresse nenhum mal. Será que importava o que Virginia Stillman pensasse que ele estava fazendo, contanto que cumprisse a sua obrigação? Em termos ideais, um detetive em ação deveria manter contato com o seu cliente. Este sempre fora um dos princípios de Max Work. Mas seria mesmo necessário? Contanto que Quinn fizesse o seu trabalho, o que mais importava? Se houvesse algum mal-entendido, sem dúvida poderia ser esclarecido tão logo o caso estivesse encerrado.

Quinn podia agir, portanto, da forma que desejasse. Não tinha mais de telefonar para Virginia Stillman. Podia abandonar, de uma vez por

todas, o sinal oracular de ocupado. De agora em diante, nada poderia detê-lo. Era impossível que Stillman chegasse perto de Peter sem que Quinn soubesse.

Quinn pagou sua conta, pôs um palito mentolado na boca e recomeçou a andar. Não precisava ir muito longe. No caminho, parou em um Citibank vinte e quatro horas e conferiu seu saldo no caixa automático. Havia trezentos e quarenta e nove dólares na sua conta. Sacou trezentos, pôs o dinheiro no bolso e continuou em direção à parte alta da cidade. Na rua 57, virou à esquerda e andou até a Park Avenue. Ali, dobrou à direita e continuou andando para o norte até a rua 69, onde virou para o quarteirão de Stillman. O prédio parecia igual ao que vira no primeiro dia. Olhou para cima para ver se havia luzes acesas no apartamento, mas não conseguiu lembrar quais eram as janelas. A rua se achava totalmente silenciosa. Nenhum carro passava, nenhuma pessoa. Quinn atravessou para o outro lado, achou um canto para si mesmo em um beco e se acomodou para passar a noite.

1

Personagem criado na Segunda Guerra Mundial pelos soldados norte-americanos, que o desenhavam nos muros com a inscrição: "Kilroy esteve aqui". (N. T.)

2

Em inglês, owe, "ter dívida". (N. T.)

12

Passou-se um longo tempo. Exatamente quanto, é impossível dizer. Semanas, com certeza, mas talvez até meses. O relato desse período é mais vazio do que o autor gostaria. Mas as informações são escassas, e ele preferiu deixar passar em branco o que não podia ser confirmado de forma definitiva. Uma vez que esta história é baseada inteiramente em fatos, o autor sente a obrigação de não ultrapassar os limites do que pode ser comprovado, resistir a qualquer preço aos perigos da invenção. Mesmo o caderno vermelho, que até agora proporcionou um relato minucioso das experiências de Quinn, é suspeito. Não podemos dizer com segurança o que aconteceu com Quinn durante o período, pois é nesse ponto da história que ele começa a perder o domínio de si mesmo.

Permaneceu na maior parte do tempo ali no beco. Não era desconfortável, depois que ele se habituou, e tinha a vantagem de mantê-lo bem escondido. Dali, podia observar todo o movimento de entrada e saída do prédio de Stillman. Ninguém saía e ninguém entrava sem que ele visse quem era. No início, surpreendeu-o não ver nem Virginia nem Peter, mas havia um movimento constante de entregas em domicílio e, afinal, Quinn compreendeu que não era necessário para eles sair do prédio. Tudo podia ser trazido até sua casa. Foi aí que Quinn compreendeu que eles também estavam se escondendo, esperando dentro do apartamento que o caso chegasse ao fim.

Pouco a pouco, Quinn adaptou-se à sua nova vida. Havia uma série de problemas a serem encarados. Mas um por um ele conseguiu resolvê-los. Antes de tudo, houve a questão da comida. Como era necessário o máximo de vigilância, Quinn relutava em deixar seu posto por qualquer intervalo de tempo. Atormentava-o pensar que algo pudesse acontecer na sua ausência e fazia todo o esforço

possível para minimizar os riscos. Lera em algum lugar que entre as 3h30 e as 4h30 da madrugada havia mais gente dormindo em suas camas do que em qualquer outro horário. Estatisticamente falando, havia mais chance de que nada acontecesse nesse horário e portanto Quinn escolheu-o como o momento de fazer suas compras. Na avenida Lexington, não muito longe, ao norte de onde estava, havia um mercado aberto a noite inteira e assim, toda madrugada, às três e meia, Quinn ia até lá a passos rápidos (pelo exercício e também a fim de poupar tempo) e comprava tudo de que precisava para as próximas vinte e quatro horas. Constatou que não era muita coisa — e, conforme se viu depois, à medida que o tempo corria, cada vez precisava de menos coisas. Pois Quinn aprendeu que comer não resolvia necessariamente o problema da comida. Uma refeição nada mais era do que uma frágil defesa contra o caráter inevitável da refeição seguinte. A comida em si mesma jamais solucionava a questão da comida; apenas adiava o momento em que a questão teria de ser formulada a sério. O maior perigo, portanto, residia em comer demais. Caso ingerisse mais do que devia, seu apetite para a próxima refeição cresceria e desse modo seria necessário mais comida para satisfazê-lo. Policiando a si mesmo com atenção e constância, Quinn gradualmente tornou-se capaz de inverter o processo. Sua ambição era comer o menos possível e assim afugentar a fome. No melhor dos mundos, ele conseguiria se aproximar do zero absoluto, mas não queria se mostrar exageradamente ambicioso nas atuais circunstâncias. Em vez disso, mantinha como um ideal em sua mente o jejum absoluto, um estado de perfeição ao qual podia aspirar mas jamais alcançar. Não queria morrer de inanição — e se lembrava disso todo dia —, queria apenas ficar livre para pensar nas coisas que realmente lhe diziam respeito. Por ora, isso significava manter o caso no centro dos seus pensamentos. Felizmente, isso coincidia com a sua outra ambição mais importante: fazer os trezentos dólares durarem o máximo possível. Nem é preciso dizer que Quinn perdeu um bocado de peso durante esse período.

Seu segundo problema era o sono. Não podia ficar acordado o tempo todo e, no entanto, era isso o que a situação exigia. Também nesse caso foi forçado a fazer certas concessões. Assim como aconteceu em relação à comida, Quinn achou que podia se virar com menos do que estava acostumado. Em lugar das seis ou oito horas de sono com que se habituara, resolveu se limitar a três ou quatro horas. Ajustar-se a isso era difícil, mas muito mais difícil era o problema de como distribuir essas horas de modo a manter o máximo de vigilância. Estava claro que não podia dormir três ou quatro horas seguidas. Os riscos seriam simplesmente grandes demais. Teoricamente, o emprego mais eficaz do tempo seria dormir trinta segundos a cada cinco ou seis minutos. Isso reduziria a praticamente zero as chances de deixar de ver alguma coisa. Mas percebeu que era fisicamente impossível. Por outro lado, usando essa impossibilidade como uma espécie de modelo, tentou se adestrar em tirar uma série de cochilos rápidos, alternando, com a maior freqüência possível, o dormir e o despertar. Foi uma luta longa, exigia disciplina e concentração, pois quanto mais a experiência demorava, mais esgotado se sentia. No início, tentou seqüências de quarenta minutos, depois reduziu gradualmente para trinta minutos. No final, conseguiu ter cochilos de quinze minutos com um razoável sucesso. Seu esforço recebeu o auxílio de uma igreja dos arredores, cujos sinos tocavam de quinze em quinze minutos — uma batida em um quarto de hora, duas batidas em meia hora, três batidas em três quartos de hora e quatro batidas na hora redonda, seguidas pelo número de batidas correspondente à hora do dia. Quinn vivia no ritmo desse relógio e no final teve dificuldade em distingui-lo do próprio pulso. A partir da meia-noite, dava início à sua rotina, fechava os olhos e adormecia antes de o relógio terminar as doze badaladas. Quinze minutos depois acordava, na badalada dupla da meia hora, caía no sono e, na tríplice batida dos quarenta e cinco minutos, despertava novamente. Às três e meia, saía para comprar comida, voltava às quatro horas e aí dormia outra vez. Seus sonhos nesse período eram poucos. Quando de fato ocorriam, eram estranhos: rápidas visões do imediato—suas mãos, seus sapatos, a

parede de tijolos ao seu lado. Não havia um único momento em que não estivesse morto de cansaço.

Seu terceiro problema era o abrigo, mas esse foi resolvido com mais facilidade do que os outros dois. Felizmente, o tempo permanecia quente e, como a primavera já ia se aproximando do verão, havia pouca chuva. De tempos em tempos caía uma chuvarada e, uma ou duas vezes, um temporal com raios e trovões, mas no conjunto não havia nada sério, e Quinn nunca deixava de se mostrar grato por sua boa sorte. No fundo do beco havia uma caçamba de metal para o lixo e, sempre que chovia de noite, Quinn se enfiava ali para se proteger. Lá dentro, o cheiro era opressivo e impregnava suas roupas durante muitos e muitos dias, mas Quinn preferia isso a ficar molhado, pois não queria correr o risco de pegar gripe e ficar doente. Felizmente, a tampa estava empenada e não encaixava com firmeza na borda da caçamba. No canto, tinha uma brecha de uns quinze ou vinte centímetros que formava uma espécie de respiradouro por onde Quinn podia respirar —apontando o nariz para a noite lá fora. De joelhos em cima do lixo e com o corpo recostado na parede da caçamba, descobriu que não se sentia nem um pouco desconfortável.

Nas noites claras, dormia embaixo da caçamba, acomodando a cabeça de tal modo que, no momento em que abria os olhos, podia ver a porta da frente do prédio de Stillman. Quanto a esvaziar a bexiga, em geral o fazia no canto mais fundo do beco, atrás da caçamba e de costas para a rua. Seus intestinos eram um outro problema, e para isso ele entrava na caçamba a fim de preservar sua privacidade. Havia também uma série de latas de lixo de plástico ao lado da caçamba, e nelas Quinn conseguia encontrar uma quantidade suficiente de jornal limpo para se limpar, entretanto certa vez, em uma emergência, Quinn se viu forçado a usar uma página do seu caderno vermelho. Quanto a fazer a barba e tomar banho, Quinn aprendeu a viver sem essas duas coisas.

Como foi capaz de se manter oculto durante todo esse período é um mistério. Mas parece que ninguém o descobriu ou chamou a atenção das autoridades para a sua presença. Sem dúvida aprendeu bem cedo o cronograma do recolhimento do lixo e tratava de ficar fora do beco quando vinham os lixeiros. Assim também com o funcionário do prédio que despejava o lixo toda noite na caçamba e nas latas. Por incrível que pareça, ninguém jamais notou a presença de Quinn. Era como se ele se tivesse dissolvido nos muros da cidade.

Os problemas domésticos e da vida material ocupavam uma certa porção de todos os dias. Na maior parte, porém, Quinn tinha o tempo a seu dispor. Como não queria que ninguém o visse, tinha de evitar outras pessoas o mais sistematicamente possível. Não podia olhar para elas, não podia falar com elas, não podia pensar a respeito delas. Quinn sempre pensara em si mesmo como um homem que gostava de ficar só. Nos últimos cinco anos, na verdade, ele procurara por isso ativamente. Mas só então, à medida que sua vida corria ali no beco, Quinn começou a entender a verdadeira natureza da solidão. Não tinha ninguém em quem se apoiar, a não ser em si mesmo. E entre todas as coisas que viria a descobrir nos dias que passou ali, essa era a única de que não tinha a menor dúvida: ele estava caindo. O que não entendia, contudo, era o seguinte: se estava caindo, como se podia esperar quê estivesse também com o domínio da situação? Era possível estar ao mesmo tempo por cima e por baixo? Não parecia fazer sentido. ,

Passava muitas horas contemplando o céu. De seu posto no fundo do beco, espremido entre a caçamba e a parede, havia poucas coisas para ver além disso e, à medida que os dias passavam, começou a ter prazer com o mundo das alturas. Acima de tudo, via que o céu nunca estava parado. Mesmo em dias sem nuvens, quando o azul parecia estar em toda parte, havia diminutas e constantes mudanças, deslocamentos graduais, como se o céu se afinasse ou ganhasse espessura, a repentina brancura de aviões, pássaros e papéis que voavam. Nuvens complicavam o quadro, e Quinn passou muitas tardes estudando-as, tentando assimilar seus

caminhos, vendo se não conseguia prever o que aconteceria com elas. Familiarizou-se com os cirros, os cúmulos, os estratos, os nimbos e todas as suas diversas combinações, vigiando cada uma delas em sua trajetória e observando como o céu se alteraria sob a sua influência. Nuvens, também, punham em questão o problema das cores e havia um largo espectro para olhar, abrangendo desde o preto até o branco, com uma infinidade de tons cinzentos intermediários. Todas essas coisas tinham de ser investigadas, medidas e decifradas. Acima de tudo isso, havia os tons pastel que se formavam toda vez que o sol e as nuvens interagiam em certas horas do dia. O espectro de variáveis era imenso, o resultado dependia das temperaturas dos diferentes níveis da atmosfera, dos tipos de nuvens presentes no céu e da posição onde o sol porventura estivesse naquele determinado momento. De tudo isso nasciam os vermelhos e os rosas de que Quinn tanto gostava, os púrpuras e os carmins, os alaranjados e os tons de lavanda, os dourados e as suaves tonalidades do caqui. Nada durava muito tempo. As cores logo se dispersavam, fundindo-se com outras, se afastando ou se apagando quando chegava a noite. Quase sempre havia um vento para apressar esses acontecimentos. De onde se achava no beco, Quinn raramente podia senti-lo, mas ao ver seus efeitos nas nuvens, podia estimar sua intensidade e a natureza do ar que carregava. Um a um, todos os climas passavam acima da sua cabeça, do sol às tempestades, da treva ao esplendor. Havia as alvoradas e os crepúsculos para observar, as transformações do meio-dia, o anoitecer, as madrugadas. Mesmo em seu negror, o céu não ficava parado. Nuvens vagavam no escuro, a lua tinha sempre um formato diferente, o vento continuava a soprar. Às vezes uma estrela se instalava na faixa de céu de Quinn e, quando olhava para cima, se perguntava se ela ainda estaria mesmo lá ou não se teria incendiado muito tempo atrás.

Os dias, portanto, iam e vinham. Stillman não aparecia. O dinheiro de Quinn afinal acabou. Desde algum tempo ele vinha se fortalecendo para enfrentar aquele momento e, no final, poupava seus recursos com uma precisão obsessiva. Nenhum centavo era

gasto sem primeiro avaliar a necessidade do que julgava precisar, sem primeiro medir as conseqüências, pró e contra. Mas nem mesmo a economia mais estrita do mundo poderia deter a marcha do inevitável.

Foi a certa altura em meados de agosto que Quinn descobriu que não resistiria mais. O autor confirmou essa data mediante uma pesquisa diligente. É possível, porém, que esse momento tenha ocorrido antes, no final de julho, ou um pouco mais tarde, no início de setembro, uma vez que todas as investigações desse tipo devem admitir uma certa margem de erro. Mas, ao que lhe foi dado saber, após ponderar cuidadosamente os indícios apurados e analisar todas as aparentes contradições, o autor situou os acontecimentos que se seguem no mês de agosto, em algum ponto entre os dias 12 e 25.

Quinn agora já não possuía quase nada—umas poucas moedas que mal completavam um dólar. Tinha certeza de que, durante sua ausência, havia chegado algum dinheiro para ele. Era uma simples questão de apanhar os cheques na sua caixa postal na agência do correio, levá-los ao banco e sacar. Se tudo corresse bem, poderia voltar para a rua 69 Leste em um intervalo de poucas horas. Nunca saberemos os tormentos que sofreu por ter de deixar o seu canto.

Não tinha dinheiro bastante para pegar o ônibus. Pela primeira vez em muitas semanas, começou a caminhar. Era esquisito estar de novo andando, passando direto de um lugar para o outro, movendo os braços para frente e para trás, sentindo a calçada embaixo das solas dos sapatos. E no entanto ali estava ele, caminhando para oeste pela rua 69, dobrando à direita na avenida Madison e começando a se dirigir para o norte. Suas pernas estavam fracas e tinha a sensação de que sua cabeça era feita de ar. Precisava parar a todo instante para tomar fôlego e, certa vez, prestes a cair, teve de se agarrar em um poste de luz. Descobriu que as coisas melhoravam se levantasse os pés o mínimo possível, cambaleando para a frente com passos lentos e deslizantes. Desse modo, conseguia conservar a

energia para as esquinas, onde tinha de se equilibrar com cuidado antes e depois de cada passo ao descer e ao subir no meio-fio.

Na rua 84, hesitou um momento diante de uma loja. Havia um espelho na fachada e, pela primeira vez desde que começara sua vigília, Quinn viu a si mesmo. Não que tivesse medo de defrontar-se com a própria imagem. Simplesmente não havia acontecido. Estivera ocupado demais com seu trabalho para pensar em si mesmo e era como se a questão da sua aparência deixasse de existir. Agora, quando olhou para si mesmo no espelho da loja, não ficou nem chocado nem decepcionado. Não tinha emoção nenhuma a respeito de tudo isso, pois a verdade era que não reconhecia como ele mesmo a pessoa que via à sua frente. Pensou que havia captado no espelho a imagem de um desconhecido e, naquele primeiro momento, voltou-se bruscamente para ver quem era. Mas não havia ninguém perto dele. Em seguida, virou-se de novo para examinar o espelho com mais atenção. Traço por traço, estudou o rosto à sua frente e devagar começou a perceber que essa pessoa tinha certa semelhança com o homem que ele sempre pensara ser. Sim, era mais do que provável que aquele fosse Quinn. Mesmo então, porém, não ficou desconcertado. A transformação da sua aparência fora tão drástica que não podia deixar de se sentir fascinado por ela. Havia se transformado em um mendigo. Suas roupas estavam desbotadas, esfarrapadas, aviltadas pela imundície. Seu rosto estava coberto por uma espessa barba negra com ligeiras nódoas cinzentas. O cabelo estava comprido e emaranhado, amontoado em tufos atrás das orelhas e escorrendo em cachos até quase a altura dos ombros. Mais do que qualquer outra coisa, ele se lembrava de Robinson Crusóé, e se admirava com a rapidez dessas transformações. Tinha sido apenas uma questão de meses e, nesse intervalo, se transformara em outra pessoa. Tentou recordar-se de si mesmo tal como fora antes, mas achou difícil. Olhou para aquele novo Quinn e encolheu os ombros. Na verdade, não tinha mais importância. Havia sido uma coisa antes e agora era outra. Não era nem pior nem melhor. Era diferente, e isso era tudo.

Continuou na direção da parte alta da cidade, percorrendo vários quarteirões, depois dobrou à esquerda, atravessou a Quinta Avenida e caminhou junto ao muro do Central Park. Na rua 96, entrou no parque e sentiu-se feliz por estar em meio à grama e às árvores. O final do verão tinha esgotado boa parte do verdor e aqui e ali a terra surgia em manchas marrons, empoeiradas. Mas as árvores no alto ainda estavam cheias de folhas e em todo lugar havia um cintilar de luz e sombra que empolgava Quinn como algo lindo e milagroso. Era o final da manhã e o calor pesado da tarde se achava ainda a horas de distância.

No meio do parque, Quinn se viu dominado por uma necessidade premente de descansar. Não havia ruas ali, nenhum quarteirão para delimitar os estágios do seu percurso e de repente lhe pareceu que vinha andando fazia muitas horas. Olhando para o outro lado do parque, teve a impressão de que levaria mais um dia ou dois de marcha puxada para chegar lá. Prosseguiu por mais alguns minutos mas, enfim, suas pernas se renderam. Havia um carvalho não muito longe de onde ele estava e Quinn encaminhou-se para lá, cambaleando como um bêbado que avança aos tropeções para a sua cama, depois de passar a noite toda enchendo a cara. Usando o caderno vermelho como travesseiro, deitou-se em um montinho de grama no lado norte da árvore e pegou no sono. Era o primeiro sono ininterrupto que tinha em meses, e só acordou de novo quando já era de manhã.

Seu relógio de pulso indicava que eram nove e meia e ele se assustou ao pensar no tempo que tinha perdido. Quinn se levantou e se pôs a andar a passos largos para o oeste, surpreso por ver que seu vigor estava de volta, mas praguejando contra si mesmo pelas horas que gastara para isso. Nada poderia consolá-lo. O que quer que fizesse agora, teria sempre a sensação de que estava atrasado. Podia passar cem anos correndo e ainda assim só conseguiria chegar na hora em que as portas estivessem fechando.

Saiu do parque na rua 96 e continuou para oeste. Na esquina da avenida Columbus viu uma cabine telefônica, o que de repente o fez recordar Auster e o cheque de quinhentos dólares. Talvez pudesse poupar tempo pegando o dinheiro agora. Podia ir direto até Auster, pôr o dinheiro no bolso e evitar a viagem até a agência do correio e o banco. Mas Auster teria o dinheiro à mão? Se não tivesse, talvez eles pudessem combinar um encontro no banco de Auster.

Quinn entrou na cabine telefônica, vasculhou o bolso e pegou o dinheiro que sobrara: duas moedas de dez centavos, uma de vinte e cinco e oito moedinhas de um centavo. Discou para a telefonista a fim de pedir o número, recolheu os dez centavos de volta na caixinha de devolução, enfiou a moeda outra vez na fenda e discou. Auster atendeu no terceiro toque.

— É o Quinn — disse Quinn.

Ouviu um suspiro no outro lado.

— Onde diabos você se meteu? — Havia irritação na voz de Auster. — Liguei mil vezes para você.

—Andei ocupado. Trabalhando no caso.

— No caso?

— O caso. O caso Stillman. Lembra?

— Claro que lembro.

—É por isso que estou ligando. Queria pegar o dinheiro agora. Os quinhentos dólares.

— Que dinheiro?

—O cheque, lembra? O cheque que lhe dei. O cheque nominal para Paul Auster.

—Claro que lembro. Mas não há dinheiro nenhum. É por isso que venho tentando ligar para você.

— Você não tinha o direito de gastar — gritou Quinn, de repente descontrolado. — Esse dinheiro me pertencia.

— Não gastei nada. O cheque foi devolvido.

— Não acredito.

— Pode vir aqui e ver a carta do banco, se quiser. Está na minha mesa. O cheque não tinha fundos.

— Isso é um absurdo.

— Sim, é mesmo. Mas agora isso não tem mais importância nenhuma, não é?

— Claro que tem importância. Preciso do dinheiro para prosseguir no caso.

— Mas não existe mais caso nenhum. Acabou tudo.

— Do que está falando?

— Da mesma coisa que você. O caso Stillman.

— Mas que história é essa de “acabou tudo”? Ainda estou trabalhando nele.

— Não posso acreditar.

— Pare com todo esse ar de mistério. Não tenho a menor idéia do que você está falando.

— Não acredito que você não saiba. Mas onde é que tem andado? Não lê os jornais?

—Jornais? Caramba, diga logo o que foi. Não tenho tempo para ler jornais.

Houve um silêncio no outro lado e, por um momento, Quinn pensou que a conversa tinha terminado, achou que ele de repente tinha pegado no sono e acabara de acordar nesse instante para descobrir que o fone estava na sua mão.

— Stillman pulou da ponte do Brooklyn — disse Auster. — Suicidou-se dois meses e meio atrás.

— Está mentindo.

— A história saiu em todos os jornais. Pode conferir você mesmo.

Quinn não falou nada.

— Foi o seu Stillman—Auster prosseguiu. — O que era professor em Columbia. Disseram que ele morreu ainda no ar, antes mesmo de se chocar com a água.

— E Peter? O que houve com Peter?

— Não tenho idéia.

—Alguém sabe?

— Impossível dizer. Você vai ter de descobrir sozinho.

— Sim, acho que sim — disse Quinn.

Então, sem dar até logo para Auster, desligou o telefone. Pegou a outra moeda de dez centavos e usou-a para ligar para Virgínia Stillman. Ainda sabia o número de cor.

Uma voz mecânica repetiu o número para ele e declarou que o telefone tinha sido desligado. Em seguida a voz repetiu a mensagem e depois a ligação caiu.

Quinn não conseguia saber ao certo como se sentia. Nesses primeiros momentos era como se não sentisse nada, como se tudo tivesse dado em nada. Resolveu pensar no assunto mais tarde. Haveria tempo para isso depois, refletiu. Por ora, a única coisa que parecia importar era ir para casa. Voltaria para o seu apartamento, pegaria suas roupas e ficaria deitado na banheira cheia de água quente. Depois daria uma olhada nas revistas novas, tocaria uns discos, faria uma pequena faxina na casa. Então talvez começasse a pensar no assunto.

Caminhou de volta para a rua 10. As chaves para a sua casa ainda estavam no bolso e, quando abriu o portão da rua e subiu os três andares até o seu apartamento, sentiu-se quase feliz. Mas aí entrou no apartamento, e foi o fim de sua alegria.

Tudo havia mudado. Parecia um lugar inteiramente diferente, e Quinn pensou ter entrado num apartamento errado. Voltou ao corredor e conferiu o número da porta. Não, não estava enganado. Era o seu apartamento; era a sua chave que abrira a porta. Voltou para dentro do apartamento e fez um levantamento da situação. A mobília fora arrumada de outro modo. Onde antes ficava uma mesa, estava agora uma poltrona. Onde antes havia um sofá, estava agora uma mesa. Havia quadros novos nas paredes, um tapete novo no chão. E a sua escrivaninha? Procurou mas não conseguiu encontrar. Examinou a mobília com mais atenção e viu que não era a dele. As coisas que estavam no apartamento na última vez em que ele estivera lá tinham sido removidas. Sua escrivaninha sumira, seus livros sumiram, os desenhos infantis do seu filho morto sumiram. Quinn passou da sala para o quarto. Sua cama tinha sumido, sua cômoda tinha sumido. Abriu a gaveta de cima da cômoda que estava ali. Roupas íntimas de mulher emboladas ao acaso: calcinhas, sutiãs, anáguas. Na gaveta seguinte havia suéteres de mulher. Quinn não foi além disso. Em uma mesa perto da cama havia uma fotografia emoldurada de um homem louro, jovem, de cara gorducha. Outra foto mostrava o mesmo rapaz sorrindo, de pé na neve com o braço em torno de uma moça sem graça. Ela também sorria. Atrás deles

havia uma rampa de esqui, um homem com dois esquis no ombro e o céu azul do inverno.

Quinn voltou para a sala e sentou-se em uma cadeira. Viu num cinzeiro um cigarro fumado até a metade com mancha de batom na ponta. Acendeu-o e fumou. Em seguida, entrou na cozinha, abriu a geladeira e achou suco de laranja e um pão. Bebeu o suco, comeu três fatias de pão e voltou para a sala, onde se sentou de novo na poltrona. Quinze minutos depois, ouviu passos subindo a escada, um retinir de chaves do lado de fora da porta e então a moça da foto entrou no apartamento. Vestia uniforme branco de enfermeira e trazia nos braços uma sacola marrom do mercado. Quando viu Quinn, largou a sacola e gritou. Ou melhor, gritou primeiro e depois largou a sacola. Quinn nunca conseguiu saber direito. A sacola se rompeu quando bateu no chão e o leite escorreu aos borbotões, em uma trilha branca, rumo à borda do tapete.

Quinn se levantou, ergueu a mão em um gesto de paz e lhe disse para não se preocupar. Não ia machucá-la. A única coisa que desejava saber era por que ela estava morando no apartamento dele. Quinn pegou a chave no bolso e segurou-a no ar, como se quisesse dar uma prova de suas boas intenções. Levou um tempo para convencê-la, mas por fim o pânico cedeu.

Isso não queria dizer que ela começara a confiar nele, ou que estivesse menos assustada. Ela permanecia junto à porta aberta, pronta para correr para fora ao primeiro sinal de encrenca. Quinn manteve-se à distância, para não piorar ainda mais as coisas. Sua boca continuava a falar, explicando seguidas vezes que ela estava morando na casa dele. Estava claro que a mulher não acreditava em uma palavra do que ele dizia, mas escutava a fim de não o contrariar, sem dúvida na esperança de que ele acabaria se fartando de falar e depois iria embora.

— Estou morando aqui há um mês — disse ela. — É o meu apartamento. Assinei um contrato de um ano.

- Mas então por que tenho a chave? — Quinn perguntou pela sétima ou oitava vez. — Isso não convence você?
- Existem centenas de maneiras de você obter a minha chave.
- Não lhe disseram que tinha alguém morando aqui quando alugou o apartamento?
- Disseram que era um escritor. Mas ele desapareceu, não pagava o aluguel havia vários meses.
- Sou eu! — gritou Quinn. — Eu sou o escritor!

A moça fitou-o friamente dos pés à cabeça e riu.

— Um escritor? É a maior piada que já ouvi. Olhe só para você. Nunca vi uma imundície tão grande na vida.

— Tive algumas dificuldades nos últimos tempos—resmungou Quinn, à guisa de explicação. —Mas foi só temporário.

— De um jeito ou de outro, o senhorio me contou que ficou contente por se ver livre de você. Ele não gosta de inquilinos que não têm emprego. Usam demais o aquecimento interno e gastam mais depressa as instalações do apartamento.

— Sabe o que aconteceu com as minhas coisas?

— Que coisas?

— Meus livros. Minha mobília. Meus documentos.

— Não tenho a menor idéia. Na certa venderam o que podiam e jogaram o resto fora. Tudo estava vazio antes de eu me mudar para cá.

Quinn soltou um profundo suspiro. Havia chegado ao final de si mesmo. Podia senti-lo agora, como se uma grande verdade tivesse

afinal nascido dentro dele. Nada sobrara.

— Você percebe o que isso significa? — perguntou Quinn.

— Francamente, não me importo — respondeu a moça. — É problema seu, não meu. Só quero que você saia daqui. Agora mesmo. Este é o meu apartamento e quero você fora daqui. Se não sair, vou chamar a polícia e mandar prendê-lo.

Já não importava mais. Podia ficar ali discutindo com a moça pelo resto do dia e mesmo assim não conseguiria ter de volta o seu apartamento. O apartamento se fora, ele mesmo se fora, tudo se fora. Gaguejou algo inaudível, se desculpou por tomar o tempo dela, deixou a moça para trás e saiu pela porta.

Como já não lhe importava mais o que acontecia, Quinn não ficou surpreso que o portão do prédio da rua 69 abrisse sem a chave. Tampouco ficou surpreso quando chegou ao nono andar, seguiu pelo corredor até o apartamento dos Stillman e viu que também essa porta estava aberta. Ficou ainda menos surpreso ao descobrir que o apartamento se encontrava vazio. O lugar estava completamente pelado e os aposentos nada continham. Cada um idêntico a todos os outros: um assoalho de madeira e quatro paredes brancas. Isso não provocou nenhuma impressão especial em Quinn. Estava exausto e a única coisa em que conseguia pensar era fechar os olhos.

Foi para um quarto nos fundos do apartamento, um espaço pequeno que não media mais do que três metros por um e oitenta. Tinha uma janela com tela de arame que dava para o poço de ventilação e, de todos os aposentos, parecia ser o mais escuro. Dentro desse quarto havia uma segunda porta, que levava para um cubículo sem janela que continha uma privada e uma pia. Quinn pôs o caderno vermelho no chão, tirou do bolso a caneta do surdo-mudo e jogou-a em cima do caderno. Em seguida, tirou o relógio de pulso e colocou-o no bolso. Depois disso, tirou toda a roupa, abriu a janela e atirou todas as peças, uma por uma, pelo vão de ventilação do edifício:

primeiro o sapato direito, depois o sapato esquerdo; um pé de meia, depois o outro pé; a camisa, o paletó, a calça, a cueca. Não olhou para fora a fim de ver as roupas caindo, nem quis conferir onde elas tinham ido parar. Depois fechou a janela, deitou no meio do chão e adormeceu.

Estava escuro no quarto quando acordou. Quinn não conseguia ter certeza de quanto tempo havia passado — se era a noite daquele mesmo dia ou a noite do dia seguinte. Era mesmo possível, pensou ele, que nem sequer fosse noite. Talvez apenas estivesse escuro dentro do quarto, e do lado de fora, para além da janela, o sol brilhasse. Durante vários momentos ele refletiu se devia se levantar e ir até a janela para ver, mas depois resolveu que não tinha importância. Se agora não era noite, pensou, então a noite viria mais tarde. Isso era certo e, olhasse ou não pela janela, a resposta seria a mesma. Por outro lado, se fosse realmente noite aqui em Nova York, o sol estaria brilhando em alguma outra parte. Na China, por exemplo, era sem dúvida nenhuma o meio da tarde, e os plantadores de arroz enxugavam o suor da testa. Noite e dia não passavam de expressões relativas; não se referiam a uma condição absoluta. Em qualquer momento, eram sempre as duas coisas. A única razão pela qual não sabíamos disso era porque não podíamos estar ao mesmo tempo em dois lugares.

Quinn também pensava se devia se levantar e ir para outro quarto, mas aí se deu conta de que estava muito feliz onde se achava. Era confortável ali no local que escolhera e viu que gostava de ficar deitado de costas com os olhos abertos, olhando para o teto

— ou para o que deveria ser o teto, caso conseguisse enxergá-lo. Só uma coisa faltava para ele, e era o céu. Compreendeu que sentia falta do céu sobre a cabeça, após tantos dias e noites passados ao ar livre. Mas agora estava abrigado e, qualquer que fosse o quarto escolhido para se alojar, o céu permaneceria oculto, inacessível até o ponto mais distante que seu olhar alcançava.

Pensou que ficaria ali até que isso não fosse mais possível. Tinha a água da pia para saciar sua sede e assim ganharia algum tempo. Em algum momento, sentiria fome e teria de comer. Mas já fazia tanto tempo que vinha se aprimorando em comer tão pouco, que sabia que essa hora ainda demoraria muitos dias para chegar. Resolveu não pensar no assunto até que fosse necessário. Não fazia o menor sentido, refletiu, preocupar-se com coisas sem importância.

Tentou pensar na vida que vivera antes de a história começar. Isso trouxe muitas dificuldades, pois lhe parecia muito remoto, agora. Lembrou-se dos livros que escrevera sob o nome de William Wilson. Era estranho, pensou, que tivesse feito isso, e agora se perguntava por que o fizera. Em seu coração, compreendeu que Max Work estava morto. Morrera em algum ponto entre um caso e outro, e Quinn não conseguia sentir pena por isso. Tudo agora parecia tão sem importância. Voltou o pensamento para a sua escrivanhinha e para as milhares de palavras que escrevera ali. Voltou o pensamento para o homem que fora o seu agente e se deu conta de que não conseguia lembrar o seu nome. Tantas coisas agora estavam desaparecendo, era difícil seguir o rastro delas. Quinn pelejou para lembrar os nomes dos jogadores dos Mets, posição por posição, mas sua mente começava a perder o rumo. O meio-de-campo, lembrava, era Mookie Wilson, um jovem promissor cujo nome verdadeiro era William Wilson. Sem dúvida havia aí uma coisa interessante. Quinn perseguiu essa idéia por alguns momentos mas depois a abandonou. Os dois William Wilson anularam-se mutuamente, e foi tudo. Quinn deu adeus para eles em seu pensamento. Os Mets terminariam de novo em último lugar, e o mundo não ia acabar por causa disso.

Na vez seguinte em que acordou, o sol brilhava no quarto. Havia uma bandeja de comida ao seu lado no chão, os pratos fumegando com o que parecia ser uma refeição com rosbife. Quinn aceitou esse fato sem protestos. Não ficou nem surpreso nem perturbado por isso. Sim, disse para si mesmo, é perfeitamente possível que a comida tenha sido deixada ali para mim. Não tinha curiosidade em saber como ou por que isso havia acontecido. Não lhe ocorreu

sequer sair do quarto para procurar a resposta no resto no apartamento. Em vez disso, examinou a comida na bandeja com mais atenção e viu que, além das duas grandes fatias de rosbife, havia sete batatinhas assadas, um prato de aspargos, um pãozinho fresco, uma salada, um jarro de vinho tinto, pedaços de queijo em forma de cunha e uma pêra de sobremesa. Havia um guardanapo branco de linho e a prataria era da mais alta qualidade. Quinn comeu — metade da comida, o máximo que foi capaz.

Após a refeição, começou a escrever no caderno vermelho. Continuou a escrever até a escuridão voltar ao seu quarto. Havia uma pequena instalação de luz no meio do teto e um interruptor do lado da porta, mas a idéia de usá-lo não atraía Quinn. Pouco depois disso, pegou no sono de novo. Quando acordou, tinha sol no quarto e outra bandeja de comida ao seu lado, no chão. Comeu o que pôde e depois voltou a escrever no caderno vermelho.

A maior parte das anotações desse período tratava de questões marginais relativas ao caso Stillman. Quinn se perguntou, por exemplo, por que não se dera ao trabalho de procurar as notícias de jornal acerca da prisão de Stillman em 1969- Conjeturou se a chegada do homem à Lua naquele mesmo ano tinha algum tipo de ligação com o que acontecera. Perguntou a si mesmo por que acreditara em Auster quando ele disse que Stillman estava morto. Tentou pensar em ovos e usou expressões como “contar com o ovo na galinha”, “fazer omelete sem quebrar os ovos”, “pôr um ovo em pé”, “galinha dos ovos de ouro”. Imaginou o que teria acontecido se ele tivesse seguido o segundo Stillman em vez do primeiro. Perguntou-se por que são Cristóvão, o santo padroeiro das viagens, fora descanonizado pelo papa em 1969, na mesma época da viagem à Lua. Ponderou por que razão dom Quixote não se havia contentado simplesmente em escrever livros como aqueles que amava — em vez de viver ele mesmo as aventuras que os livros narravam. Quis saber por que seu nome tinha as mesmas iniciais de dom Quixote. Cogitou se a moça que foi morar no Seu apartamento não era a mesma que ele tinha visto lendo o seu livro na Grand

Central Station. Especulou se Virginia Stillman não haveria contratado um outro detetive particular depois que ele não conseguira mais entrar em contato com ela. Indagou a si mesmo por que motivo aceitara a palavra de Auster quando ele disse que o cheque não tinha fundos. Pensou em Peter Stillman e imaginou se o rapaz já havia dormido no quarto onde agora ele estava. Imaginou se o caso estaria mesmo encerrado ou se, de algum modo, ele ainda continuava trabalhando no assunto. Pensou como seria o mapa traçado por todos os passos que dera na vida e que palavra soletraria.

Quando escurecia, Quinn dormia e, quando clareava, ele comia e escrevia no caderno vermelho. Nunca conseguiu determinar quanto tempo transcorria durante cada período, pois não se preocupava em contar os dias ou as horas. Parecia-lhe, contudo, que a escuridão aos poucos começara a ganhar terreno sobre a luz, que enquanto no início houvera uma predominância da luz do sol, gradualmente a claridade vinha se tornando mais fraca e mais efêmera. A princípio, atribuiu isso à mudança de estação. O equinócio sem dúvida já havia passado e talvez o solstício estivesse se aproximando. Mas mesmo depois de chegar o inverno e ser teoricamente de esperar que o processo começasse a se inverter, Quinn observou que, apesar disso, os períodos de escuridão continuavam avançando sobre os períodos de luz. Tinha a impressão de que dispunha de cada vez menos tempo para comer e escrever no caderno vermelho. Por fim parecia que esses períodos haviam sido reduzidos a apenas alguns minutos. Certa vez, por exemplo, terminou de comer e descobriu que só teve tempo suficiente para redigir três frases no caderno vermelho. Na vez seguinte que houve luz, conseguiu escrever apenas duas frases. Começou a deixar as refeições de lado a fim de se dedicar ao caderno vermelho, comendo apenas quando sentia que não conseguia mais agüentar. Mas o tempo continuou a diminuir e logo Quinn só conseguia comer uma ou duas garfadas antes de escurecer completamente. Não pensava em ligar a luz elétrica pois esquecera, havia muito, que ela estava ali.

Esse período de escuridão crescente coincidiu com o esgotamento das páginas do caderno vermelho. Pouco a pouco, Quinn ia chegando ao final. A certa altura, compreendeu que quanto mais escrevia, mais cedo chegaria o momento em que não poderia escrever mais nada. Começou a pesar suas palavras com extremo cuidado, pelejando para se exprimir da maneira mais econômica e clara possível. Lamentou ter gastado tantas páginas no princípio do caderno vermelho e, de fato, arrependia-se até de ter se dado ao trabalho de escrever sobre o caso Stillman. Pois a história agora tinha ficado para trás, Quinn já não mais se importava em pensar a respeito dela. Fora uma ponte para um outro lugar em sua vida, e agora que já a havia atravessado, seu sentido se perdera. Quinn já não tinha o menor interesse em si mesmo. Escrevia sobre as estrelas, a Terra, suas esperanças para a humanidade. Tinha a sensação de que suas palavras se haviam separado dele, que agora faziam parte de um mundo autônomo, tão reais e específicas quanto uma pedra, um lago ou uma flor. Já não tinham mais nada a ver com ele. Quinn lembrou-se do instante do seu nascimento e de como fora puxado delicadamente do útero da mãe. Lembrou-se da infinita bondade do mundo e de todas as pessoas que amara. Nada mais importava agora senão a beleza de tudo isso. Queria continuar a escrever sobre essas coisas e sofria por saber que não seria possível. Contudo, tentou encarar com coragem o final do caderno vermelho. Perguntou-se se seria capaz de escrever sem caneta, se em vez disso poderia aprender a falar, enchendo a escuridão com sua voz, pronunciando as palavras no ar, nas paredes, na cidade, mesmo que a luz nunca mais voltasse.

A última frase do caderno vermelho diz: "O que vai acontecer quando não houver mais páginas no caderno vermelho?".

Nesse ponto a história se torna mais obscura. As informações acabam aí e os fatos que seguem essa última frase nunca serão conhecidos. Mesmo arriscar algum palpite seria tolice.

Voltei da minha viagem à África em fevereiro, poucas horas antes de uma nevasca cair sobre Nova York. Liguei para meu amigo Auster naquela noite e ele insistiu para que eu fosse vê-lo o mais depressa possível. Havia algo tão premente em sua voz que não ousei recusar, muito embora estivesse exausto.

Em seu apartamento, Auster me explicou o pouco que sabia acerca de Quinn e em seguida passou a explicar o estranho caso em que se envolvera por acidente. Ficara obcecado por aquilo, disse ele, e queria o meu conselho quanto ao que devia fazer. Após ouvi-lo, me irritei por Auster ter tratado Quinn com tamanha indiferença. Censurei-o por não ter participado mais ativamente dos fatos, por não ter feito alguma coisa para ajudar um homem que obviamente estava em apuros.

Auster deu a impressão de ter ficado abalado com minhas palavras. De fato, disse ele, foi por isso mesmo que me chamara. Vinha sentindo-se culpado e precisava desabafar. Disse que eu era a única pessoa em quem podia confiar.

Auster passara os últimos meses tentando encontrar alguma pista de Quinn, mas sem sucesso. Quinn não estava mais morando no seu apartamento, e todas as tentativas de localizar Virginia Stillman haviam fracassado. Foi então que sugeri darmos uma olhada no apartamento de Stillman. De algum modo, tive a intuição de que Quinn podia ter ido parar lá.

Vestimos nossos casacos, fomos para a rua e pegamos um táxi até a rua 69 Leste. A neve vinha caindo fazia uma hora e as pistas já estavam traiçoeiras. Não tivemos maiores dificuldades para entrar no edifício — nos esgueiramos pela porta ao lado de um dos inquilinos que estava justamente chegando em casa. Subimos e encontramos a porta do que fora em outros tempos o apartamento dos Stillman. Não estava trancada. Entramos com cuidado e descobrimos uma sucessão de aposentos completamente vazios. Em um quartinho nos fundos, impecavelmente limpo como todos os outros cômodos, o

caderno vermelho jazia no chão. Auster pegou-o, folheou rapidamente e disse que era de Quinn. Em seguida me deu o caderno e disse que eu devia guardá-lo. A história toda o havia perturbado de tal modo que Auster tinha medo de ficar com o caderno. Falei que o guardaria até que ele estivesse em condições de ler, mas Auster balançou a cabeça e disse que nunca mais queria ver o caderno. Depois saímos e voltamos para a neve. A cidade agora estava completamente branca e a neve continuava a cair, como se nunca fosse parar.

Quanto a Quinn, é impossível dizer onde estará agora. Examinei o texto do caderno vermelho com a máxima atenção e qualquer inexactidão na história deve ser atribuída a mim. Havia momentos em que era difícil decifrar o texto, mas fiz o melhor que pude e me abstive de qualquer interpretação. O caderno vermelho, é claro, representa apenas metade da história, como qualquer leitor sensível logo compreenderá. Quanto a Auster, estou convencido de que agiu muito mal. Se nossa amizade terminou, a responsabilidade é toda dele. Quanto a mim, meus pensamentos permanecem com Quinn. Ele sempre estará comigo. E onde quer que tenha desaparecido, eu lhe desejo sorte.

(.1981-1982)